

**READINGS
OF THE
URBAN
SPACE:**

RE-PRESENTATIONS OF THE CITY OF SÃO PAULO

RICARDO GRANATA **LEITURAS DO ESPAÇO URBANO:
RE-PRESENTAÇÕES DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Mestre.

Área de Concentração:
Estruturas Ambientais Urbanas

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos

**SÃO PAULO
2004**



SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1 Pontos Imagísticos no Cotidiano da Cidade de São Paulo	12
1.1 Cidade e Pontos Imagísticos, 14	
1.2 Design e Cotidiano: Urbanismo Cotidiano, 19	
1.3 Paisagem Urbana, Paisagem Cultural e Paisagem Etnográfica, 24	
1.4 A Teoria da "Navegação Urbana" e a Leitura e Representação da Paisagem Cultural ou Paisagem Etnográfica, 33	
1.5 Das Teorias Abordadas ao Método Utilizado, 39	
Capítulo 2 - Situação da Metrópole Contemporânea	40
2.1 Situação Sócio-Política da Metrópole Contemporânea, 41	
2.2 Situação da Metrópole Contemporânea: São Paulo Descentralizada, 48	
Capítulo 3 - Estudo de caso: Centralidades de São Paulo	51
3.1 Centro Histórico, Paulista e Berrini	
As Centralidades na São Paulo Contemporânea: Delimitação das Áreas-Estudo de caso, 52	
3.2 Centro Histórico Evolução Histórica, Social, Cultural e Política, 54	
3.3 Paulista Evolução Histórica, Social, Cultural e Política, 61	
3.4 Berrini Evolução Histórica, Social, Cultural e Política, 68	
Capítulo 4 - Abordagem Prática Aplicada à Condição da Metrópole	70
4.1 Imagens e Análises, 71	
Capítulo 5 - Conclusão	122
Bibliografia	126

RICARDO AUGUSTO DE MELLO GRANATA

**LEITURAS DO ESPAÇO URBANO:
RE-PRESENTAÇÕES DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre.

Área de concentração:
Estruturas Ambientais Urbanas

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos

SÃO PAULO
2004

*Dedico este trabalho as pessoas que compõem a base de
equilíbrio da minha vida:*

Minha mulher Romina

Meus pais Geraldo e Rose

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos por ter aceito orientar esta pesquisa, pela orientação, pela amizade e pela confiança depositada;

A Profa. Dra. Elide Monzéglio pela amizade e pelo direcionamento inicial da minha vida acadêmica;

A Profa. Dra. Elza Ejzenberg cuja participação na banca examinadora de qualificação deste trabalho foi fundamental para o seguimento do mesmo;

A Profa. Dra. Clice Toledo Sanjar Mazzilli;

A Profa. Dra. Mônica Tavares;

Ao meu pai Dr. Geraldo Sérgio de Mello Granata pelo amor, pela força, pela confiança, pelo apoio e incentivo sempre dado em todas as fases da minha vida;

A minha mãe Rosemary Souza Pinto Granata pelo amor, pela força, pela confiança, pelo apoio e incentivo sempre dado em todas as fases da minha vida;

A minha mulher Arq. Romina Tritone, pelo amor com que preenche todos os dias da minha vida;

Ao meu irmão Dr. Geraldo Sérgio de Mello Granata Júnior, pela amizade e carinho existente entre nós e pelas orientações proveitosas dadas a este trabalho;

Ao meu Irmão Dr. Rogério Leandro de Mello Granata, pela amizade e carinho existente entre nós;

A minha tia Marileni Souza Pinto pelo amor, incentivo e o sempre reconhecimento do meu trabalho;

Aos meus cunhados Bartyra, Mônica, Patrícia e Olavo pelos momentos de *ócio criativo*;

As minhas sobrinhas Bruna e Isabella pela bagunça;

A todo o corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Armando Álvares Penteado; em especial ao Prof. José Guilherme Savoy de Castro, Profa. Maria Giselda Cardoso Visconti, Profa. Maria Mercia Barboza, Prof. Nelson Andrade, Prof. Vitor Campos, Prof. Ciro Saito e Prof. Adilson Costa Macedo;

Aos professores do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo que ajudaram neste trabalho;

Ao Prof. Geraldo Vespasiano Puntoni pela orientação dada no embrião deste trabalho;

A todos os funcionários da Secretaria do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo;

Ao meu amigo e mestre Arq. Luciano Deviá;

Ao meu amigo e companheiro desde a graduação Arq. Heinrich Wazur Galvão Consolin;

Aos colegas também orientados pela Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos durante o período deste trabalho pelo compartilhamento de informação;

A todos os amigos e parentes que de uma forma contribuíram com este trabalho;

A cidade de São Paulo;

INTRODUÇÃO

As metrópoles contemporâneas vivenciam no final do século XX – com início nos anos 70 - as modificações no espaço urbano cotidiano impostas pela transição econômica do processo de acumulação de capital, passando do sistema *fordista* para o de acumulação flexível, culminada na globalização ou, no que chamam alguns autores, de *mundialização*; tornando-se vítimas de imigração, refúgio, empobrecimento de contingentes populacionais, exclusões, conflitos sociais e modificação da imagem e uso cotidiano local.

De sedes industriais as cidades tornam-se sedes econômicas. O espaço físico urbano não abriga mais, neste novo modo, as indústrias. A cidade abre as portas para a internacionalização, tornando-se superfície de apoio para as sedes dos escritórios de empresas multinacionais, em geral, com a expansão ou fragmentação dos núcleos centrais gerando novas áreas destinadas ao setor terciário.

No caso de São Paulo, cidade onde se concentra esta pesquisa, o panorama abrange justamente a concretização dos efeitos da globalização, *mundialização* ou internacionalização; notando-se resumidamente, uma implementação física-financeira de um centro econômico no eixo da Avenida Luiz Carlos Berrini-Marginal Pinheiros (Zona Sul da cidade) – para alguns autores, uma expansão de um eixo virtual originado na Avenida Brigadeiro Faria Lima – com todos os estereótipos dos processos descritos acima: a desapropriação e a retirada incompleta de uma favela abre espaço a um novo eixo de acesso (Avenida Águas Espraiadas) e terrenos vazios existentes somados a terrenos novos gerados da compra, expulsão...recebem edifícios de alto porte e tecnologia de renomados arquitetos nacionais e internacionais com projetos “importados” juntos ao processo de globalização mas cuja arquitetura sensacionalista incorporada a um planejamento urbano imobiliário especulativo coloca quase sempre em “modo de espera” a qualidade de vida urbana dos usuários.

Com o incentivo e o glamour da globalização e seus novos empreendimentos, os “antigos” centros importantes da cidade ficam “esquecidos” por um processo especulativo acentuando ou levando à sua completa degradação; o que às vezes faz com que grupos de interesse, associações...lançam projetos de pequeno ou grande porte com o objetivo da re-qualificação das áreas centrais – às vezes até como parte do processo de globalização, no intuito de se possuir na cidade um centro que sirva como “cartão de visitas” no processo de entrada de empresas internacionais.

Assim São Paulo, como ocorrido em outras metrópoles mundiais, vivencia a deterioração do centro histórico e uma acentuação na deterioração do centro financeiro caracterizado pelo eixo da Avenida Paulista (Região Centro-Sul da cidade) implementado nas décadas de 60/70 no reflexo do início da transição no processo de acumulação de capital.

A presente pesquisa tem como objetivo a leitura da paisagem urbana da cidade de São Paulo inserida nesta realidade – a leitura paisagem das centralidades de São Paulo.

A paisagem urbana referida neste trabalho, é a paisagem construída pelo homem – o que os

geógrafos chamam de Paisagem Cultural (Lewis: 1979) e o que a antropologia, no campo da etnografia chama de Paisagem Etnográfica (Magnani: 2002).

Sendo assim, a Paisagem Cultural ou Etnográfica é a paisagem resultante da dinâmica das ações cotidianas dos atores sociais no espaço urbano repleta de indícios culturais - assim como colocado no Capítulo I - fornecendo

[...] fortes evidências do tipo de pessoas que somos, fomos e estamos no processo de tomarmos. Em outras palavras, a cultura de qualquer nação é de forma não intencional refletida em sua paisagem vernacular. (Lewis, 1979:15, tradução do autor)

Numa inserção *de perto e de dentro* (Magnani: 2002) a leitura desta Paisagem urbana Cultural ou Etnográfica é feita nesta pesquisa sob a visão de um "observador treinado" (Lynch: 1987) apto a identificar os possíveis "pontos imagísticos" (Lynch: 1987) – pontos referenciais que incentivam a formação da imagem pública da cidade, a imagem (a aparência) que a cidade ou um determinado ponto da cidade tem para um mesmo grupo sócio-econômico de indivíduos.

Portanto no Capítulo I serão abordadas as teorias que sustentam esta pesquisa: os pontos imagísticos (Kevin Lynch: 1997); a visão serial e a teoria de navegação de Gordon Cullen (Cullen: 1960; Gosling: 1996); os Axiomas para a Leitura da Paisagem Cultural de Lewis (Lewis: 1979); a Teoria do Urbanismo Cotidiano (Crawford: 1999); e incusões nos importantes trabalhos de Certau e Lefévre.

Os Capítulos II e III são basicamente dedicados ao caso específico da Cidade de São Paulo, apresentando as abordagens teóricas que formarão o embasamento para as abordagens práticas a serem apresentadas no Capítulo IV.

No Capítulo II será apresentada a situação Sócio-Política da metrópole contemporânea em geral; envolvida nos processos de globalização e a especificidade da situação da cidade de São Paulo, principalmente quanto ao processo de expansão do núcleo central nas três centralidades: Centro-Histórico, Paulista e Berrini.

No Capítulo III serão abordadas e delimitadas as áreas específicas de estudo com as devidas evoluções históricas, sociais, culturais e políticas.

No Capítulo IV serão apresentadas as imagens desenvolvidas dos objetos-estudo de caso e as leituras das imagens.

Na verdade, toda a preocupação e interesse em relação a Leitura da Paisagem Cultural Urbana e ao estudo do uso cotidiano da cidade através da imagem, de sua representação e percepção existente nesta pesquisa partiu inicialmente de uma série de estudos-piloto baseados em conceitos teóricos colocados por Kevin Lynch, Gordon Cullen e Jane Jacobs na década de 60 do século passado mesclados na prática com ensaios de representação gráfica da cidade desenvolvidos e analisados pelo autor no período de 1997 a 2003 – alguns deles – principalmente nos compreendidos no período de

1997 a 2000 – desenvolvidos em disciplinas ministradas pela Profa. Dra. Elide Monzéglio no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Tomando como método a visão serial colocada por Cullen em “A Paisagem Urbana” (1960), foram então desenvolvidos nos experimentos iniciais destes ensaios que dão partida a esta pesquisa, uma série de registros em ordem sistemática – as visões seriais - tomando um objeto como foco ou às vezes divergindo o conceito e seguindo a orientação de uma via ou de um eixo urbano, ou às vezes seguindo a orientação perceptual de algum elemento da paisagem (pontos imagísticos). Sendo assim, foram desenvolvidos os ensaios em três áreas distintas da cidade: as três centralidades de São Paulo caracterizadas por eixos: 1. Centro Histórico – tendo como abordagem o eixo leste-oeste (Elevado Presidente Costa e Silva/Avenida São João – Avenida Alcântara Machado) e pelo eixo norte-sul (Avenida Prestes Maia/Avenida Tiradentes – Av 23 de maio), que se interceptam no Centro Histórico tomando como objeto de foco da visão serial o Edifício Altino Arantes (Edifício do Banespa-Banco do Estado de São Paulo); 2. Av. Paulista (Av. Paulista e Rua Augusta); 3. Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal do Rio Pinheiros.

Os ensaios *in loco* apresentados foram desenvolvidos em 3 etapas: visita e prospecção da área, somados a registros fotográficos; visita e desenvolvimento de desenhos de observação seletivos e desenhos de memória.

As abordagens gráficas somadas à suas legendas servem como uma primeira coleta de dados e análise para a conclusão deste trabalho.

A visitas iniciais nas áreas e os ensaios fotográficos foram feitas com a intenção de ter registrado os primeiros impactos “imagísticos” dos temas em pesquisa.

Os desenhos de observação desenvolvidos em seguida são **seletivos**, pois à medida que se desenvolvem os registros, existe a preocupação por parte do observado treinado em capturar os objetos que mais chamam a atenção e que de certa forma estão contribuindo para a formação da imagem mental da cidade, ou seja, os pontos imagísticos como intitulou Kevin Lynch no livro “A imagem da cidade”.

Os pontos imagísticos - os pontos que fortalecem a formação da imagem da cidade - definidos por ele podem ser: vias, marcos, pontos nodais, limites e bairros.

No decorrer deste trabalho abrimos o “leque” das definições pré-concebidas por Lynch abrangendo sub-categorias que aparecem também como pontos imagísticos em uma escala menor dentro do contexto urbano cotidiano trivial; como por exemplo, um marco - uma referência na paisagem - tanto pode ser um edifício como pode ser um veículo de comunicação visual – um out-door, como também pode ser qualquer outro simples elemento da vida cotidiana urbana; fato que acontece com o backlight existente sobre o Edifício Avenidas registrado nos desenhos do 1º. eixo em 1998, mas que já

não existe mais lá retirando-se a idéia de marco, ponto de referência ou talvez transportando esta referência ao edifício, ou ao novo backlight - mas o mais importante – introduzindo o conceito de *tempo* ao *espaço cotidiano*.

O observador treinado na abordagem de Lynch é o observador - dentro do seu cronograma de trabalho - que primeiro estaria mapeando os pontos imagísticos num gesto, para o trabalho dele, de inserção em mapas (denominados de mapas psico-geográficos) dos elementos que supostamente seriam os pontos imagísticos formadores de imagem pública – a imagem que uma determinada classe, um determinado grupo teria em comum e que o observador estaria também supostamente capacitado em identificar.

O observador treinado na pesquisa aqui desenvolvida está vinculado ao papel do arquiteto e o processo de registro de pontos imagísticos não se dá através de mapeamento, mas sim de especulação *in loco* através de registros que vão sendo condicionados pelo uso e experiência cotidiana no processo de delimitação da imagem pública urbana.

Os mapas são elementos necessários e que aparecerão por diversas vezes nesta pesquisa no papel de demarcação das áreas de interesse e análise, no processo de mapeamento das “narrativas visuais das vidas urbanas” como colocado no texto “Experience Mapping” de Susan S. Szenasy publicado na Revista *Metrópolis* (2002) ao citar o trabalho de Roland Gebhardt no mapeamento etnográfico das ações cotidianas de determinados grupos em Nova York após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 na metrópole americana.

Após o desenvolvimento dos desenhos de observação foram desenvolvidos então, alguns desenhos de memória. Estes registros supostamente qualificam os verdadeiros pontos imagísticos que de uma forma ou de outra, de forma benéfica ou maléfica, estão compondo uma imagem para um observador treinado podendo representar supostamente o que seria a imagem pública formada naquela determinada área. Estes pontos são os elementos intimamente vinculados ao uso cotidiano e constituem os dados a serem analisados, identificados *e/ou* questionados nesta pesquisa em relação à sua importância como dados de um espaço cotidiano no processo de design – o espaço cotidiano aparece como “o domínio físico da atividade pública cotidiana, formando uma malha que vincula as vidas cotidianas. Zona de transição social e potencial para novos arranjos sociais.” (Crawford, 1999: 09) - num esforço de condicionar um entorno legível na cidade e seus valores positivos legíveis, ou seja, “...a satisfação emocional, a estrutura da comunicação ou da organização conceitual, os novos aprofundamentos que podem ser trazidos para a experiência cotidiana.” (Lynch, 1960: 06)

CAPÍTULO 1

PONTOS IMAGÍSTICOS NO COTIDIANO DE SÃO PAULO

"As imagens que procuram deslumbrar através de pessoas e de iluminação dramática não revelam as formas urbanas. Se permitido, as edificações podem direcionar os olhos para a história humana que relatará pela a aparência e a função da estrutura. Eu considero meu trabalho como um meio através do qual as cidades contam suas histórias recentes e olham para os residentes urbanos como os interpretadores principais do seu entorno."

Camilo José Vergara

1.1 Cidade e Pontos Imagísticos

A cidade, espaço urbano cotidiano, "o domínio físico da atividade pública cotidiana [...] é a malha conectiva que vincula as vidas cotidianas" (Crawford, 1999:09)¹; é a interação das esferas reconhecidas como lar, trabalho e instituição.

Esfera física inacabável sobre a qual os indivíduos desenvolvem as suas atividades diárias, relacionam-se com os outros indivíduos, grupos e objetos... - um repositório onde cada um deposita sua experiência individual.

O cotidiano relaciona-se com este elemento da experiência humana onde cada indivíduo tem sua experiência primária, suas tarefas diárias por mais banais que sejam e as compartilham com os outros indivíduos no espaço urbano cotidiano. (Crawford, 1999)

Desta forma, existindo uma experiência ou um conjunto de experiências, uma determinada cidade ou lugar na cidade terá uma aparência resultante de um processo sócio-político em uma condição de interação humana - cada cidade ou lugar na cidade terá uma imagem (uma aparência) formada por e para cada um dos indivíduos e, com isso, uma imagem pública condicionada pela experiência pública - a experiência de um determinado grupo de indivíduos.

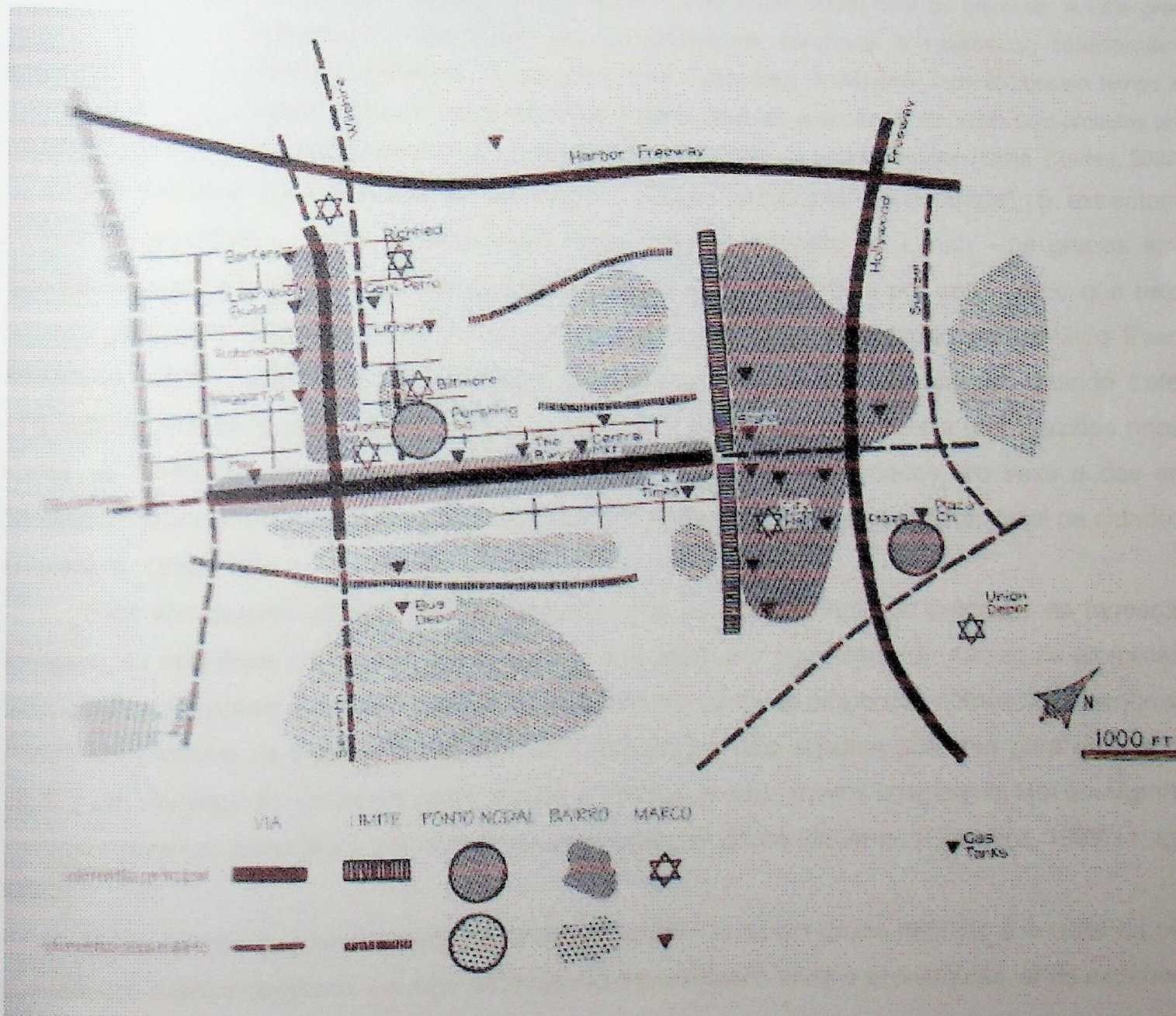
Sendo assim, São Paulo tem uma aparência diferente para um paulista do que para um carioca. Nova York tem uma aparência diferente para o seu habitante do que para um habitante de Chicago. Por sua vez um determinado bairro da cidade como o centro, por exemplo, tem uma aparência diferente para se morador e para o morador da zona sul. Como uma rua tem uma aparência diferente para um morador dela do que para uma pessoa que trabalha em um edifício situado nela. E desta forma numa visão cada vez mais detalhista vão surgindo estas relações de interações sócio-espaciais.

Cada habitante e grupo de habitantes da cidade, então, reconhece a cidade como ela é a partir de experiências individuais ou de grupos. Cada indivíduo e grupo de indivíduos reconhecem uma referência urbana, um bairro, um marco...de uma forma experimental que moldará a formação da imagem pública.

Quando um determinado lugar, uma cidade, forma uma mesma imagem para um determinado grupo de indivíduos de composições sócio-culturais semelhantes, esta imagem é definida por Kevin Lynch como a Imagem Pública no livro *A Imagem da Cidade* (1997).

Cada objeto referencial da cidade estará ligado a uma experiência de um determinado grupo. Ao falar de um determinado espaço da cidade, um indivíduo imediatamente o relacionará a uma determinada referência que o fará lembrar daquele determinado ponto. Ou ao ser solicitado sobre um caminho para chegar em um determinado local, o indivíduo o fará mencionando algumas referências de percurso. Estes objetos foram definidos por Kevin Lynch (1960) como Pontos Imagísticos. Segundo

Lynch, os Pontos Imagísticos são os pontos incentivadores (referenciais) da formação da imagem urbana. Marcos, limites, bairros, pontos nodais são para ele os Pontos Imagísticos que contribuem para a formação da imagem pública. Lynch em sua pesquisa disponibilizava nas ruas o que ele chamava de observador treinado. Os observadores treinados mapeavam inicialmente os pontos que eles identificavam como pontos urbanos importantes - os possíveis pontos imagísticos. A partir de pesquisa em campo com os usuários urbanos de Jersey City, Boston e Los Angeles eram identificadas as referências urbanas dos indivíduos e grupos de indivíduos mapeando estas referências em mapas "Psico-Geográficos" para a busca da imagem pública - dadas as experiências públicas frutos de suas operações cotidianas - na conceituação do que realmente a cidade é ou parece ser para os seus habitantes.



"A forma visual de Los Angeles" em um mapa psico-geográfico de Lynch. (Lynch: 1997,37)

¹ Tradução do autor.

Michel de Certeau em "A Invenção do Cotidiano" de 1980, na interrogação sobre as operações cotidianas dos usuários, na busca em torna-lo um assunto tratável, referindo-se a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo, nomeia os usuários como consumidores que no ato de interação "consome" os produtos. No ato do consumo, no momento (comportamento) que está consumindo, o consumidor cultural "fabrica" com as imagens (representações), sejam com os espaços urbanos, com as imagens televisivas, com produtos comprados em supermercados ou de relatos de jornal. Assim,

a 'fabricação' que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas da "produção" (televisiva, **urbanística**, comercial, etc.) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos 'consumidores' um lugar onde possam marcar o que *fazem* com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de "consumo": esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua de forma ubíqua, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem dominante. (Certeau, 2003:39)

Na busca e no entendimento da imagem pública produzida, "consumida", é extremamente primordial identificar – como de uma certa forma feito no trabalho de Lynch - os grupos étnicos, sociais...e, suas diferenças para nos assegurarmos da imagem formada por cada grupo que estamos lidando. Margaret Crawford, baseada em Lefébvre, no seu texto introdutório para o livro *Everyday Urbanism* (1999), enfatiza a primazia das diferenças na "vida real" da cidade. Citando Lefébvre (1979:289)², coloca que os espaços urbanos abstratos, projetados para serem reproduzidos negavam todas as diferenças vindas da natureza, da história, do corpo, das idades, do sexo e das etnias. "Localizar estas diferenças fisicamente nas vidas cotidianas é mapear a geografia social da cidade. [...]" (Crawford, 1999:11)³

Esta abordagem adiciona um complemento vital no entendimento do processo da formação da imagem, da aparência da cidade. Sendo assim, a imagem e o significado de pequenos elementos da vida cotidiana representa dados diversos se levarmos em conta as diferenças colocadas anteriormente. Assim um carrinho de supermercado tem um significado e uma imagem diferente para uma dona de casa e um morador de rua assim como, a cidade e todos os seus pontos imagísticos tem um significado diferente para um motorista e um pedestre e para qualquer grupo diferente. (Crawford, 1999:11; Lynch, 1987)

Desta forma, "[...] as intersecções entre um indivíduo ou um grupo definido e o resto da cidade formam um espaço cotidiano – o local de múltiplas transações sociais e econômicas, onde experiências

² A citação vem de Lefébvre, Henri. *Space: Social Product and Use Value in Critical Sociology: European Perspectives*, ed. J.W. Freiberg, Nova York: Irvington, 1979.

múltiplas se acumulam em um único lugar. [...]” (Crawford, 1999:11)⁴

A questão da cidade como ela é para os habitantes, torna-se a busca pelo completamente comum. O que é comum para os usuários na sua vida diária. O que se torna referência no ambiente urbano cotidiano como suporte para as tarefas e as rotinas do dia-a-dia da sociedade. “[...] O completamente comum revela um tecido de espaço e tempo definido por uma esfera complexa de práticas sociais – uma conjuntura de acidente, desejo e hábito.” (Crawford, 1999:08)⁵

Como resgatado por Crawford em seu ensaio, Lefébvre identificou o cotidiano aparentemente trivial como a base de toda a experiência social e a verdadeira esfera da contestação política e alertou sobre a dificuldade de decodificação do cotidiano por ser um conceito ambíguo. Ao iniciar a análise deste conceito fez uma distinção entre duas realidades simultâneas na vida diária – o cotidiano e o moderno – o cotidiano como os ritmos naturais da vida cotidiana, inacabáveis, simples, repetitivos; e o moderno como os hábitos novos e em constante mudança moldados pela tecnologia e o conhecimento de vida. (Crawford, 1999:10)

E além disso, para Michel de Certeau e para Henri Lefébvre, o temporal é tão significativo quanto o espacial na vida cotidiana e De Certeau distingue dois modos de operação: estratégias - baseadas em lugar e táticas - baseadas em tempo. (Crawford, 1999:12)

As estratégias baseadas em lugar estão relacionadas diretamente aos que detêm o poder estabelecendo um lugar ideal “adequado” para que este triunfe sobre o tempo.

Certeau em “A Invenção do Cotidiano” chama de estratégia o

“[...] cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico”. (Certeau, 2003:46)

Certeau complementa:

“Denomino [...] “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela al insinua, fragmentariamente, sem apreende-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. [...]” (Certeau, 2003:46)

Portanto, uma tática é um modo de operar sem um lugar apropriado e por isso dependem do tempo. Dependem das oportunidades aproveitadas, momentos, rapidez na organização do espaço. As táticas são uma forma de criatividade cotidiana onde

³ Tradução do autor.

⁴ Tradução do autor.

⁵ Tradução do autor.

"o 'próprio' é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para 'captar no vôo' possibilidade de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em 'ocasiões'. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos..., mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a 'ocasião'. [...]" (Certau, 2003:46-47)

Sendo assim, as táticas são vitórias astuciosas do "fraco" sobre o mais "forte". (Certau, 2003: 45-48; Crawford, 1999:12)

Lefébvre identificou também as temporalidades múltiplas do cotidiano. Nas oscilações previsíveis, o tempo cotidiano está colocado entre dois modos de repetição contrastantes porém, coexistentes: o cíclico e o linear. Os cíclicos são os ritmos da natureza: dia e noite, mudança de estações, nascimento e morte. Os padrões lineares são os processos racionais: o tempo nas agendas de trabalho, nos horários para refeição e lazer. **Repetidos durante a vida formam nossa experiência vivida.**

Depois, ainda mais importante, para Lefébvre, existem em outra categoria de tempo os momentos descontínuos e espontâneos que pontuam a experiência diária – sensações efêmeras de amor, interação, descanso e conhecimento. Estes momentos que brotam as experiências diárias, revelam as possibilidades e limitações da vida.⁶

O que se procura neste trabalho são as respostas para perguntas do tipo: Quais os pontos imagísticos que caracterizam o cotidiano das seguintes áreas da Cidade de São Paulo – áreas objeto-estudo deste trabalho: Avenida Paulista, eixo da Avenida Luis Carlos Berrini e o Centro Histórico (no momento oportuno – Capítulo 2 - estaremos descrevendo estas áreas e justificando sua escolha). E ainda, quais as imagens são consumidas e fabricadas pelo usuário? Qual a importância da análise e representação destas imagens? E, qual o papel da análise e representação destas imagens no processo de design e re-design da cidade?

⁶ Lefébvre, Henri. *La Somme et Le Reste*. Vol. 2, Paris, La Nef de Paris, 1959; Lefébvre, Henri. *The Production of Space*. New York, Blackwell, 1991, p.429, apud Crawford, 1999:12-13.

1.2 Design e Cotidiano: Urbanismo Cotidiano

Desde a década de 50, a preocupação pelo cotidiano e a cidade cotidiana tem sido objeto de alguns designers urbanos e profissionais ligados direta e indiretamente à esta atividade profissional. John Kaliski em seu texto "A Cidade Atual e a Prática do Design de Cidade" (1999), abordando a história deste tipo de urbanismo identifica nomes como Team X, Victor Gruen, Jane Jacobs, Edmund Bacon, Jonathan Barnett, Christopher Alexander, Kevin Lynch e Denise Scott Brown, como profissionais ou grupo de profissionais que estavam de uma forma ou de outra tentando inserir os conceitos da vida real da cidade na análise e na prática do design urbano.

O Team X, no início dos anos 50, insere nos debates arquitetônicos valores da tradicional rua de pedestre, observações nos processos projetuais das rotinas existentes e compreensões do modelo urbano existente. (Kaliski, 1999:91)

"Seu interesse renovado nos ritmos sem tempo da vida urbana cotidiana formou um paralelo da sua fascinação crescente com o regionalismo, técnicas construtivas vernaculares e história, temas suprimidos pelo modernismo de uma geração mais velha de arquitetos. [...]" (Kaliski, 1999:91)⁷

Para Kaliski, no entretanto, o grupo

"[...] permaneceu comprometido do começo ao fim dos anos 50 à estética do movimento moderno do internacionalismo, criando às vezes, uma justaposição desconfortável entre o objetivo do humanismo conceitual e dos resultados reais do grupo", (Kaliski, 1999:91)⁸

e que apesar do interesse na cidade existente, "[...] arquitetonicamente permaneceu abstrato demais para atingir seu efeito desejado. [...]" (Kaliski, 1999:93)

O arquiteto austríaco-americano Victor Gruen, trabalhando com temas similares aos do Team X, assim como o grupo, esforçou-se para inserir uma visão de forma atual da rua urbana na prática profissional. (Kaliski, 1999:91)

"[...] Ele combinou suas idéias de rua com o conceito de "espaço-tempo" de Siegfried Giedion descrito em *Espaço, Tempo e Arquitetura* como mudança, mobilidade e a habilidade para conceituar objetos simultaneamente a partir de uma variedade de pontos de vista. [...]" (Kaliski, 1999:91)⁹

Desta forma,

"[...] Gruen expandiu a definição de simultaneidade para abraçar a experiência social urbana da calçada. Gruen tentou criar nos seus projetos o complexo relacionamento de modelos diários associados às fachadas das lojas, praças de mercado e praças fechadas. Ele cuidadosamente estudou estas formas e seus fenômenos e usou-os como a base para a nova arquitetura do urbanismo. [...]" (Kaliski, 1999:92)¹⁰

Gruen misturou lembranças da infância rica em Viena com o sentimento de paisagem social

⁷ Tradução do autor.

⁸ Tradução do autor.

⁹ Tradução do autor. A referência de Kaliski ao texto de Giedion vem de Giedion, Siegfried. *Time and Architecture*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1941, p.355-57.

urbana em seus projetos, mas teve a sua maior invenção, o Shopping Center¹¹ americano do Pós-Guerra, se desenvolvendo de forma antitética ao ideal da cidade integrada que inicialmente o inspirou (Kaliski, 1999:91):

[...] A partir de um ponto de vista empírico, a fundação comercial do shopping center juntamente com o seu gigantismo em última análise separou o consumo do programa desejado da vida diária." (Kaliski, 1999:91)¹²

Jane Jacobs na década de 60, com a publicação do aclamado livro "Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas" de 1961 e a "Economia das Cidades" de 1969, numa abordagem antropológica trouxe também a preocupação com os conceitos e valores positivos de calçada, rua, vizinhança...atacando diretamente o urbanismo ortodoxo, priorizou a vida diária como um componente gerador de bom urbanismo. (Kaliski, 1999:94) Contudo, para Kaliski, "o absolutismo de suas observações, entretanto, resulta numa teoria não-inclusiva de formação de lugares que não podem conter, observar, valorizar, incorporar ou utilizar um espectro urbano completo." (Kaliski, 1999:95)¹³

Na mesma época de Jane Jacobs, profissionais como Edmund Bacon e Jonathan Barnett colocam em prática o que Jacobs havia apenas teorizado, numa atividade profissional baseada no contexto urbano ao contrário do "início do zero" promulgado pelo modernismo. O trabalho de Bacon concilia o re-desenvolvimento com os relacionamentos formais e as forças sociais já vigentes na cidade em evolução. Barnett extrapolava os modelos de cidades também existentes para o planejamento físico. (Kaliski, 1999:95) "[...] Esta compreensão de morfologia urbana foi usada como base para o plano diretor contextual em larga escala que tinha suporte num zoneamento estratégico incorporando fomento financeiro para o desenvolvimento. [...]" (Kaliski, 1999:95)¹⁴ Barnett utilizou a sensibilidade do arquiteto para incentivar o zoneamento e um acordo para o desenvolvimento misturando política pública, negociação e design numa arena ampla de atividades. Kaliski coloca ainda que Bacon e Barnett proclamam um novo papel para o arquiteto: o formador de política urbana, mas alerta quanto ao problema de que o designer pode tornar-se um diagramador de planos, desconexo da tangibilidade diária da cidade tornando a arquitetura física e as dinâmicas da construção de lugares menos importantes que ações sociais, ambientais, de transporte, econômicas e legislativas circundantes da construção da cidade.

"Embora os designers devam confrontar estas arenas urbanas uma ênfase exagerada na programação e política deixa de reconhecer ou acomodar - ou mesmo diminuem - as surpresas complexas que a arquitetura pode trazer para a vida diária da cidade. Na melhor das hipóteses esta

¹⁰ Tradução do autor.

¹¹ As referências ao Shopping Center vem de Gruen, Victor. *Centers for the Urban Environment: Survival of the Cities*. Nova York, Van Nostrand Reinhold, 1973.

¹² Tradução do autor.

¹³ Tradução do autor.

abordagem tem intensificado a vida diária através dos atos de preservação de edifícios ou através da adoção de diretrizes vagas para a arquitetura contextual. Na pior das hipóteses, este tipo de design urbano, inicialmente motivado por uma apreciação da cidade existente, ironicamente transformou-se em cúmplice na produção de espaços urbanos homogêneos, os "festivos" mercados ubíquos e as "velhas cidades" que pontilham a paisagem urbana americana". (Kaliski,1999:96)¹⁵

Diferente deles, com sua política pública, Christopher Alexander trabalha a partir das tipologias de edificação defendendo a construção parte a parte dentro da quadra, tornando indistinta a diferença entre designer urbano e cidadão. Para ele, os cidadãos são parte do design em sua comunidade, fazendo com que os cidadãos analisem as opções e direcionamentos cada vez que é proposto um edifício; e cada edifício é um prognóstico para a próxima fase de construção. (Kaliski, 1999:97) Contudo, Alexander adota uma linguagem modelo e um conjunto de parâmetros inflexíveis baseados nas tipologias arquitetônicas tradicionais. Portanto mesmo havendo discussões com os cidadãos sobre os anseios, isto tudo é abolido se não encaixados nos dogmas arquitetônicos pré-definidos de Alexander.

"[...] A abordagem de Alexander está livre da predileção para com o plano diretor autoritário que tem sido associado ao modernismo burocrático, mas ela, no entretanto, transforma-se ainda numa outra pedagogia que reafirma o gosto pessoal e o controle do arquiteto." (Kaliski,1999:97)¹⁶

Kevin Lynch, através do mapeamento psico-geográfico já descrito anteriormente neste trabalho, mas abordado por Kaliski, também tenta implementar uma linguagem normativa para o design. Kaliski argumenta que

"embora o método de Lynch seja menos didático do que o de Alexander, porque ele evita prescrever a arquitetura, em aplicações práticas, a credibilidade do design (e designers) ambiental torna-se suspeito sem um comprometimento em formar especificidades, independentemente da qualidade da estrutura sintática ou do modo inclusivo do debate. [...]" (Kaliski,1999:98)¹⁷

Kaliski complementa que "tanto Alexander quanto Lynch fracassaram em sintetizar com êxito a complexidade do ato do design com os atos acretivos da vida diária, tornando difícil a real aplicabilidade de suas teorias". (Kaliski,1999:98)¹⁸

Finalizando o seu texto retrospectivo e analítico da busca do urbanismo pela cidade atual e real, favorecendo um "**design de cidade**" ao invés de um design urbano autoritário, coloca que

o design de cidade procura novos significados e invenções através da recombinação e a extrapolação dos elementos atuais. Utilizando o que já existe, o design de cidade é uma forma de bricolagem. O designer de cidade reúne narrativas de lugar ordenado para intensificar e interpretar de forma mais visível as histórias comuns da vida da cidade. O debate negocia o processo de narrativas individuais e grupais combinadas com a disposição destas narrativas em objetos e lugares

¹⁴ Tradução do autor.

¹⁵ Tradução do autor.

¹⁶ Tradução do autor.

¹⁷ Tradução do autor.

¹⁸ Tradução do autor.

feita pelo designer. A cidade projetada desta maneira é a cidade simultânea da vida cotidiana, celebrada na literatura moderna e na arte e procurada mas negada pela arquitetura moderna e pelo design urbano. (Kaliski, 1999:107)¹⁹

Esta última argumentação de Kaliski exposta aqui traduz o conceito de uma nova escola, um novo conceito de urbanismo intitulado de Urbanismo Cotidiano.

A teoria do Urbanismo Cotidiano originou-se de um simpósio ocorrido no dia 14 de maio de 1994 em Los Angeles, EUA, intitulado de "Above and Below: Urban Design, Urban Theory and Urban Culture", fruto da possibilidade de que o assunto pudesse interessar a um público mais amplo, envolvendo os principais nomes de profissionais e intelectuais do urbanismo contemporâneo, entre eles Michael Sorkin, Michael Dear, Mike Davis, Diane Ghirardo, Paula Sirola, Kristen Ross, Diana Balmori, Alan Sekula, Ruben Martinez e Maria Patrícia Fernandez-Kelly em resposta à exposição "Urban Revisions: Current Projects for the Public Realm" originando o livro intitulado "Everyday Urbanism" organizado por John Chase, Margaret Crawford e John Kaliski, em 1999, introduzindo assim, uma nova forma de entender e abordar a cidade focalizando o estudo do uso cotidiano como ferramenta primordial na estruturação e reestruturação da cidade. O livro é assim, dividido em duas partes: A primeira parte, "Olhando para a Cidade", apresenta uma série de ensaios analíticos de autores de disciplinas diversas que fazem um exame da cidade cotidiana em uma gama de atividades e lugares nos arredores de Los Angeles e Nova York; a segunda parte do livro, intitulada de "Fazendo a Cidade" enfoca as atividades de design, onde os autores são profissionais colaborando na construção da cidade cotidiana. (Crawford, 1999:8-15)

Dough Kelbaugh no seu livro *The Essential Common Place*, publicado em 2000, coloca que além do convencional inconsciente desenvolvimento do estado real na virada do milênio da América, existem ao menos três escolas do urbanismo das quais uma delas é o Urbanismo Cotidiano junto ao New Urbanism (Novo Urbanismo), e ao que ele rotula como Post Urbanism (Pós Urbanismo) ou como ele próprio intitula de "Koolhaas Urbanism". Não que não existam outras escolas de urbanismo, mas estas três cobrem, para ele, a maior parte do território teórico e profissional.

Em um artigo publicado na revista *Abitare* em 1998, intitulado de "Arte in città – Megapoesie di Folon", Massari nomeia o artista gráfico Jean Michel di Folon de *Streetwise* "vivência de rua" *Artist* ao descrever como o artista se apropria da cidade para produzir sua arte representando as performances de rua.

Utilizando-se de suas palavras, o termo usado por Massari é justamente o que se acredita neste

¹⁹ Tradução do autor.

trabalho que deve-se abstrair para qualquer pensamento sobre a cidade, seja uma representação, uma análise, um projeto e/ou qualquer tipo de processo de produção de cidade. Deve-se então tornar-se e formar *Streetwise Architects* e antes de mais nada *Streetwise Citizens*. Ou seja, deve-se aprender da cidade para produzir cidade. Deve-se aprender da cidade e viver a cidade antes de tentar entendê-la. Deve-se entender todas as condições possíveis e existentes no cotidiano, assimilar para reproduzir a cidade. Aí então, analisar quais são os equipamentos urbanos necessários, qual o melhor design e material resistente às ações do cotidiano; quais as reais necessidades de articulação dos espaços em relação a real ocupação, como interação espaços público e privado, como a legislação vigente controla o uso e por fim, assimilando a dinâmica do cotidiano criar uma metodologia que possa ser aplicada no desenho e/ou re-desenho da cidade.

Neste trabalho, não se fomenta a formatação de uma nova técnica de projeto. Tenta-se "enxergar" a cidade; visando portanto o estudo do objeto cidade em sua última instância: a **imagem** – A imagem formada pelo uso – o uso cotidiano da cidade como gerador de imagem urbana. A representação da cidade por parte de um observador treinado para a busca e o entendimento da imagem pública. A representação do espaço cotidiano – para poder-se então entender e abordar o espaço cotidiano como a estrutura física de interações sociais, interações entre espaço público e privado com o potencial para novos arranjos espaciais no processo de design.

O trabalho pretende desta forma, relacionar-se com a teoria do Urbanismo Cotidiano no aspecto analítico e não no aspecto de uma construção metodológica de projeto. Pretende em analisando a imagem pública formada pela dinâmica do cotidiano urbano, contribuir com bases teóricas analíticas de um possível processo de design condizente à condição existente da metrópole contemporânea, mais exclusivamente a cidade de São Paulo; e assim, trazer para o nosso espectro, traduzir para a nossa realidade, a teoria multidisciplinar do urbanismo cotidiano.

1.3 Paisagem Urbana, Paisagem Cultural e Paisagem Etnográfica

Na verdade, todos os questionamentos, ansiedades, fomentações e, portanto, o objetivo central deste trabalho vai culminar da apreensão de um conceito-chave – o conceito de paisagem.

Pierce F. Lewis, em seu texto intitulado "Axioms for Reading the Landscape - Some Guides to the American Scene" (1979) incluso no livro "The Interpretation of Ordinary Landscapes – Geographical Essays" (1979) compilado por D.W. Meinig, coloca que "[...] a paisagem é algo para ser olhado, mas raramente é pensada [...]" (Lewis, 1979:11)²⁰, não falando assim da paisagem natural e sim da paisagem construída pelos homens – a que os geógrafos chamam de Paisagem Cultural (Lewis, 1979) ou o que a antropologia, no âmbito da etnografia urbana (Magnani, 2002), chamaria de Paisagem Etnográfica.

Para Lewis alguns usuários percebem a paisagem cultural porque eles a acham bonita ou talvez feia, mas na maioria das vezes ignoram o cenário vernacular, para eles e a maioria, a paisagem cultural apenas é; raramente ocorre em pensar em paisagem incluindo tudo: do *skyline* da cidade aos silos das fazendas, de campos de golfe aos depósitos de garagem – de fato qualquer uma delas, seja bonita ou feia não faz diferença.

O princípio básico é que toda paisagem alterada pela espécie humana tem significado cultural, não importando quão comum ela seja. Toda paisagem humana é nossa autobiografia inconsciente que reflete nossos gostos, nossos valores, nossas aspirações, e até mesmo nossos medos de forma visível. Nós raramente enxergamos a paisagem desta forma. Segundo Lewis, a paisagem é mais verdadeira que a maioria das autobiografias, pois nós somos menos conscientes a respeito de como descrevemos nós mesmos. Mae Thielgaard Watts comenta que nós podemos "ler a paisagem" como conseguimos ler um livro. (Lewis, 1979:12)

Lewis está certo de que a leitura de paisagens não é tão fácil como ler um livro e descreve esta certeza por dois motivos: a paisagem comum parece tão confusa e desorganizada como um livro com páginas faltantes, amassado e sujo. Sendo assim, como um livro a paisagem pode ser lida; mas, diferente de um livro, ela não foi feita para ser lida. E, como segundo motivo, os usuários não estão acostumados a ler a paisagem – nunca pensaram que isto poderia ser feito, que existe razão para tal, muito menos que terá prazer em fazê-lo. Mesmo as disciplinas acadêmicas – poucas delas ensinam ou encorajam os seus estudantes a lerem a paisagem ou insistem que seus praticantes usem seus olhos e pensem sobre o que eles vêem. Por isso, Lewis coloca que os maiores leitores de paisagem, como J. Hoover Mackin, Pierre Dansereau e Mãe Thielgaard Watts, provém da geomorfologia ou outras disciplinas afins. Assim como os jornalistas também são bons leitores de paisagem, talvez porque

gastam suas vidas olhando e escrevendo sobre o que eles vêem, não importando o quão trivial o assunto possa ser. (Lewis, 1979:14)

"Tom Wolfe argumenta que os repórteres policiais da velha escola estão entre os nossos mais potentes analistas sociais – os velhos companheiros com seus estropiados chapéus de feltro, que andaram pela vida com seus olhos abertos de crianças cínicas, notando tudo de um modo curiosamente inocente e escrevendo sobre o que eles viam." (Lewis, 1979:14)²¹

Mas para maioria dos casos a "leitura da paisagem" – ou seja, dar sentido cultural às coisas comuns que constituem o mundo de coisas que nós enxergamos, necessita de ajuda. (Lewis, 1979:15)

Para guiar, servir de ajuda, Lewis descreveu algumas regras que ele descobriu após anos de leitura, aprendizado e ensinamento como professor sobre as paisagens americanas e que o ajudaram a entender o que ele via – assim sendo, ele nomeou estas regras de Axiomas. Nomeou-as assim porque elas pareciam básicas e evidentes como todo axioma apropriado deve ser. (Lewis, 1979:15)

Desta forma, o objetivo deste trabalho está centrado na prática da leitura da paisagem cultural urbana – no entendimento da imagem pública – a aparência que dadas paisagens tem. Como conceito analítico utilizaremos estes Axiomas postulados por Lewis (1979), junto aos conceitos de Ponto Imagístico de Lynch (1987), o conceito de Visão Serial e a Teoria da Navegação Urbana (em especial a Alfabetização Visual) de Gordon Cullen (1996)²² dentre outros devidamente apresentados no decorrer deste trabalho para as análises das leituras da Paisagem Cultural Urbana a serem apresentadas nos últimos capítulos.

Os Axiomas para a leitura da paisagem cultural de Lewis, em número de 7, são: o Axioma da Paisagem como Indício Cultural (com o Corolário da mudança Cultural, o Corolário Regional, o Corolário da Convergência, o Corolário da Difusão e o Corolário do Gosto – para alguns axiomas Lewis coloca alguns corolários); o Axioma da Unidade Cultural e Igualdade Paisagística; o Axioma das Coisas Comuns (com o Corolário da Literatura Não-Acadêmica); o Axioma Histórico (com o Corolário da Quantidade Histórica e com o Corolário Mecânico (ou Tecnológico)); o Axioma Geográfico (ou Ecológico); o Axioma do Controle Ambiental e o Axioma da Obscuridade da Paisagem. (Lewis, 1979:15-32)

O Axioma da Paisagem como Indício Cultural representa

a paisagem construída pelo homem – as coisas comuns que os homens criaram e colocaram sobre a terra – fornece fortes evidências do tipo de pessoas que somos, fomos e estamos no processo de

²⁰ Tradução do autor.

²¹ Tradução do autor.

²² É interessante ressaltar aqui, por um sentido cronológico das teorias mencionadas, que as teorias de Lynch e Cullen datam de 1960 e a de Lewis data de 1976 – já que as datas mencionadas no texto representam as datas das edições dos livros consultados.

tornarmos. Em outras palavras, a cultura de qualquer nação é de forma não intencional refletida em sua paisagem vernacular. (Lewis, 1979:15)²³

O Corolário da Mudança Cultural indica que se uma dada paisagem cultural sofreu uma forte mudança, quer dizer que ocorreu ou está ocorrendo uma mudança cultural de uma nação ou de um lugar ao mesmo tempo – pois qualquer paisagem construída pela raça humana implicou um enorme investimento de dinheiro, tempo e emoção – ou seja, ninguém modifica uma paisagem sem que tenha pressão para que o faça. (Lewis, 1979:15) Como estes axiomas datam de 1976, seria oportuno situar-nos no contexto atual incluindo às estas mudanças - ocorridas antes, em determinados períodos históricos por guerras, por efeitos naturais do tipo terremotos, abalos sísmicos, etc... – a globalização e suas decorrências onde até por especulação imobiliária e/ou interesses políticos ocorre uma mudança repentina de paisagem acarretando em uma mudança cultural de um devido local.

O Corolário Regional nos traz um indicador de estar lendo uma paisagem de um determinado local, (Lewis, 1979:15-16) como o exemplo já dado neste trabalho quando mencionou-se que Nova York parece diferente de Chicago, assim como dois bairros diferentes de São Paulo podem ter aparências diferentes. Como neste trabalho ocorrerá a contraposição de lugares diferentes para a leitura, este corolário aparecerá por diversas vezes como indicador da existência ou não de um diferencial analítico regional.

Por sua vez, o Corolário da Convergência coloca que se dois lugares estão cada vez mais parecidos suas culturas também estão convergindo. Para os países onde um confronto racial é assíduo – existem bairros de segregação – e de repente ou progressivamente estes bairros ou regiões começam a ter aparências similares, significa existir uma queda na tensão racial. Para os estudos de caso deste trabalho podem ocorrer regiões em condições de deterioração que começam a convergir em aparência a modelos economicamente valorizados se enquadrando no Corolário da Difusão que indica a mudança de uma paisagem cultural por imitação. Às vezes, uma pessoa vê o que está acontecendo em um dado lugar e imita se possível. Isto ocorre não só com paisagem, mas com moda, com comportamento, e para efeito do interesse aqui presente aparecerá em dadas análises as imitações entre nações, principalmente em novos centros econômicos decorrentes da globalização onde são "importados" arquitetos, tecnologias, conceitos...mesmo que estes não sejam os mais apropriados para a região em função de clima, compatibilidade de entorno, etc... chegando até em imitações de outros períodos históricos, que possuíam outra unidade cultural e outra tecnologia construtiva, sendo assim imitados de um modo tecnológico avançado em relação ao seu tempo histórico, como pregado pelo movimento Pós-Moderno. (Lewis, 1979:16)

²³ Tradução do autor.

Para que não haja confusão sobre o que é cultura e o que é imitação, o Corolário do Gosto coloca que "diferentes culturas possuem diferentes gostos para a paisagem cultural; entender a verdadeira origem do gosto é entender mais sobre a cultura." (Lewis, 1979:17) Para isto somos obrigados a questionarmos, indagarmos e tentar conhecer mais sobre a cultura e/ou evolução cultural de um determinado lugar para não cometermos certos erros.

O Axioma da Unidade Cultural e Igualdade Paisagística coloca que

[...] quase todos os itens inseridos nas paisagens humanas refletem a cultura da mesma maneira. Não existem quase exceções. Além disso, a maioria dos itens na paisagem humana, não é mais ou menos importante do que os outros itens – nos termos de suas funções como indício cultural. (Lewis, 1979:18)²⁴

Lewis exemplifica dizendo que uma lanchonete do McDonald's é um símbolo cultural tão importante quanto o Empire State Building e a mudança de design dos edifícios do McDonald's podem significar uma importante mudança nas atitudes culturais.

Este axioma coloca em paralelo uma proposição básica igualitária: a de que a cultura é o todo – uma unidade – como um iceberg com seus diversos tipos e pedaços estendendo-se sobre a superfície d'água. Cada pedaço parece como um iceberg diferente, mas cada um é de fato parte do mesmo objeto. A moral é evidente: não importa quão comum ela se pareça, não existe tal coisa como uma paisagem desinteressante culturalmente. (Lewis, 1979:18-19)²⁵

Mas Lewis coloca ironicamente algumas advertências: se um item é realmente único, ele pode parecer não significar muito, exceto que seu criador era rico e louco. Contudo não devemos ser tão rápidos no julgamento de alguma coisa "única" pois ainda podemos questionar o que estas coisas comuns significam para a cultura local. O fato de que todos os itens são igualmente importantes não significa que são igualmente fáceis de estudar e entender...e...às vezes, as coisas mais comuns que possam existir são as mais duras de serem estudadas. (Lewis, 1979:19)

"As Paisagens Comuns – por mais importantes que elas possam ser – são por sua própria natureza difíceis de serem estudadas pelos meios acadêmicos comuns [...]" (Lewis, 1979:19) como colocado no Axioma das Coisas Comuns.

Porém, às vezes não são encontradas em alguns excelentes livros acadêmicos ou em leituras inteligentes, mas sim nos "lugares certos" como nos artigos dos "novos jornalistas" como Tom Wolfe, nos jornais comerciais, nos anúncios de produtos, nas literaturas de viagem turística ou num raro livro de uma pessoa que olhou intencionalmente para uma paisagem e descobriu o que ela significa – o Corolário da Literatura Não-Acadêmica. (Lewis, 1979:20)

²⁴ Tradução do autor.

²⁵ Tradução do autor.

Mas quando estamos tentando desemaranhar o significado de uma paisagem cultural e o que ela tem-nos a dizer sobre nós como cidadãos de um lugar, a história importa – o Axioma Histórico - “[...] Isto é, nós fazemos o que nós fazemos e construímos o que nós construímos porque nossos fazeres e nossas construções são herdeiras do passado [...]”. (Lewis, 1979:22)²⁶

O Corolário da Quantidade Histórica coloca que as maiores mudanças culturais não ocorrem gradualmente, mas em saltos históricos, comumente provocados por grandes eventos como guerra, depressões e invenções maiores. “[...] Depois destes saltos, a paisagem torna-se muito diferente do que era anteriormente [...]” (Lewis, 1979:23)²⁷ - mesmo que ainda resistam algumas paisagens “pré-salto” que deveriam ter desaparecido.

Mas como postulado no Corolário Mecânico (ou tecnológico), para

entender o significado cultural de uma paisagem ou um elemento de uma paisagem é útil (e sempre essencial) conhecer em particular sobre as mecânicas de tecnologia e comunicações que fizeram do elemento possível de existir (Lewis, 1979:23)²⁸

- entender assim sobre o simbolismo de dadas coisas. Se elas existem é porque tem um dado simbólico cultural, uma admiração por traz dela, que nos faz conhecer sua origem e seu funcionamento.

Contudo não podemos nos desprender do contexto geográfico. (Axioma Geográfico (ou Ecológico)). Os elementos de uma paisagem cultural quando estudados fora de seu contexto fazem pouco sentido cultural. E a “[...] maioria das paisagens culturais são intimamente relacionadas ao meio ambiente físico [...]” (Lewis, 1979:25)²⁹ – o Axioma do Controle Ambiental – “[...] assim, a leitura da paisagem cultural também pressupõe algum conhecimento básico de paisagem física” (Lewis, 1979:25)³⁰. Desta forma, um lugar pode parecer diferente do outro porque eles são diferentes fisicamente, possuem, por exemplo, um clima diferente - o que faz com que as tipologias arquitetônicas diferem. Às vezes, uma disponibilidade tecnológica supera as dificuldades físicas podendo fazer com que apareçam certos tipos que não se adequariam a paisagem, mas o fazem por meio tecnológico – o caso de arranha-céus sob “pele” de vidro em lugares de clima quente, possibilitados pelo uso de ar-condicionado.

Após apresentar todos estes axiomas que de uma certa forma colocam em ordem uma busca pelo entendimento da paisagem cultural, a paisagem ainda contém objetos que embora nos passem todos os tipos de “mensagens” - como justamente as colocadas pelos axiomas anteriores - não nos coloca estas mensagens de uma forma óbvia. “[...] A paisagem não fala conosco de uma forma muito

²⁶ Tradução do autor.

²⁷ Tradução do autor.

²⁸ Tradução do autor.

²⁹ Tradução do autor.

³⁰ Tradução do autor.

clara [...]". (Lewis, 1979:26)³¹ Às vezes somos obrigados a fazer pequenas perguntas à paisagem do tipo: "[...] Com o que isto se parece? Como funciona? Quem projetou? Quando? Por que? O que isto nos diz sobre o modo o qual nossa sociedade funciona? [...]" (Lewis, 1979:26)³²

Resumindo, para a leitura da paisagem cultural urbana que será apresentada nos capítulos subseqüentes desta pesquisa, e de onde serão buscadas todas as conclusões deste trabalho, estar-se-á apoiando e requerendo alguns pré-conceitos para a melhor leitura - entendimento, interpretação e representação. Portanto, como colocado nos axiomas, deve-se conhecer e reconhecer os indícios culturais, detectar alguma mudança cultural (e se ocorreu, questionarmos), contrapor lugares diferentes para se conhecer as diferenças culturais ou as convergências culturais, detectar as imitações culturais, os gostos, a unidade cultural, buscar fontes bibliográficas adequadas para a pesquisa sobre determinados elementos, conhecer os elementos históricos de formação da área de estudo com seus principais "saltos históricos", seus simbolismos, seu contexto geográfico, seu ambiente físico e por final descobrir os elementos que estão obscuros na paisagem.

Para isto serão, delimitados nos próximos capítulos as áreas de pesquisa; serão apresentados os conceitos históricos, simbólicos e culturais destas áreas, seus diversos usos cotidianos, suas posições geográficas - para que se possa obter respostas das leituras das diversas paisagens culturais urbanas de modo a se entender e qualificar a imagem pública.

Ao entendermos a paisagem cultural estamos invariavelmente, fugindo do conceito de paisagem como um mero cenário. Estamos na verdade estudando a seqüência de arranjos determinados pela dinâmica existente entre o usuário nas suas atividades cotidianas e o espaço urbano assim como nas inclusões analíticas desenvolvidas pela antropologia, mais precisamente no método etnográfico com a leitura da paisagem etnográfica.

[...] A natureza da explicação via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o 'concreto vivido'. [...] (Magnani, 2002:18)

Assim entrando na etnografia urbana Magnani, fugindo de métodos mais ortodoxos de análise urbana ou das análises comumente ocorridas no âmbito geral das metrópoles – falando assim das que

³¹ Tradução do autor.

³² Tradução do autor

encontram conclusões do tipo: deterioração de espaços e equipamentos públicos, exclusão, privatização da vida coletiva, violência, etc. – classificadas por ele como um *olhar de fora e de longe* -, comuns em uma descrição das grandes metrópoles contemporâneas – busca no método de pesquisa etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica, o que ele define como um olhar *de perto e de dentro* “capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de *fora e de longe*.” (Magnani, 2002:17) Assim busca-se na etnografia algo que não seria visível por parte da análise política. Magnani quer desta forma incluir na análise da cidade os atores sociais. Normalmente,

[...] tem-se a cidade como uma entidade a parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade. [...] (Magnani, 2002:18)

O ator social que Magnani se refere é o morador, o usuário comum das cidades que impõem sua vida, seus fluxos cotidianos pelo espaço urbano em contraste a existência dominante dos atores vinculados ao sistema capitalista aos quais a dinâmica da cidade é creditada em algumas análises à mudanças na paisagem urbana, propostas de intervenção...onde, arquitetos, artistas e intelectuais acabam aparecendo a serviço dos interesses do capital - A etnografia evita a dicotomia que opõe nas grandes metrópoles contemporâneas, o indivíduo e as mega-estruturas urbanas, (Magnani:2002) focando assim na

[...] existência de grupos, redes, sistemas de troca, pontos de encontro, instituições, arranjos, trajetos e muitas outras mediações por meio das quais aquela entidade abstrata do indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, da cidade. (Magnani, 2002:17)

A simples estratégia de acompanhar um desses ‘indivíduos’ em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas etc. É neste plano que entra a perspectiva *de perto e de dentro*, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (Magnani, 2002:18)

Recentemente Roland Gebhardt membro da equipe de Brent Oppenheimer, no comitê de infraestrutura do R.Dot de Nova York mapeou nos mapas que ele intitulou de “experience maps” (o que Magnani intitulou acima de mapa de deslocamentos) os fluxos de certos habitantes de Nova York após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 - como por exemplo, um motorista e um designer entre outros - pertencentes a grupos distintos. Desta forma foram demarcados e legendados os fluxos e suas categorias, montando assim uma verdadeira narrativa visual. Desta forma foram, representados nos mapas, as movimentações, os deslocamentos que exerciam tais indivíduos para desenvolverem as atividades necessárias do dia-a-dia, para se deslocarem até o trabalho, a escola; ou para

desenvolverem atividades culturais, artísticas, de entretenimento, de recreação; irem até museus, escritórios públicos e serviços; utilizarem transportes públicos, etc... – ou seja, para entender como estavam fazendo o que ele define como infraestrutura. Para assim, dentro de uma atividade de design urbano poder dar aos indivíduos um senso de inclusão no processo de reconstrução – neste caso a reconstrução no vazio deixado pela destruição do World Trade Center. Seno assim, o método analítico etnográfico do mapeamento dos deslocamentos contribuiria no processo de design.

Beverly Willis membro-fundador do R.Dot e presidente do Architecture Research Institute ao definir este difícil termo infraestrutura aplicada as atividades humanas coloca que “a menor unidade de infraestrutura é duas pessoas conversando” (Szenasy, 2002:115). Gebhardt alerta aos designers que “O telefone não faz comunicação; pessoas fazem comunicação. Os fios apenas facilitam.” (Szenasy, 2002:115)



“Experience Map” de Roland Gebhardt para R.Dot (Metropolis: 2002)

Assim, Magnani, no seu olhar *de perto e de dentro*, dentro da antropologia urbana, com relação ao usuário e suas atividades cotidianas na cidade propõe um

[...] investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. (Magnani, 2002:18)

Mas ao abordar a cidade no processo da leitura da paisagem deve-se tomar a precaução de não adentrar em uma categoria que Magnani intitula de *Passagem* – principalmente, neste trabalho, no ato de percorrer da cidade para a leitura da paisagem:

[...] ela consiste em percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz. O relato final, geralmente na forma de ensaio, termina por expressar essa experiência por meio do uso de metáforas que serão tanto mais sugestivas quanto maior a criatividade do analista e o leque de relações que estabelecer: 'hibridização', 'porosidades', 'territorialidades flexíveis', 'não-lugares', 'configurações espaço-temporais', 'paisagens disjuntivas' e outras. (Magnani, 2002:18)

Magnani, porém, deixa claro que não está reduzindo a importância deste tipo de análise também enquadrada no campo antropológico, mas sim alertando sobre os equívocos interpretativos que as metáforas podem proporcionar e coloca que o desafio para todos os que estudam a cidade contemporânea é o de construir modelos analíticos que

[...] evitem o risco de se reproduzir, no plano de um discurso interpretativo, a fragmentação pela qual as metrópoles são muitas vezes representadas na mídia, nas artes plásticas, na fotografia e em intervenções artísticas no espaço público. (Magnani, 2002:18)

1.4 A teoria da “Navegação Urbana” e a leitura e representação da Paisagem Cultural ou Paisagem Etnográfica

Neste trabalho, como já colocado anteriormente, busca-se a leitura, a representação e a interpretação da paisagem urbana cultural ou etnográfica. Assim, em primeira instância, aborda-se teorias, tratados colocados e/ou experimentados por intelectuais de diversas áreas, que serão resgatadas mais adiante neste trabalho, como forma de sustento de uma análise que justamente não acarrete em erros ou apresente equívocos conclusivos.

Para o início a leitura da paisagem urbana faz-se então necessária uma regulamentação do processo das vias da leitura para entendermos os modos em que são feitas as articulações do usuário pelo espaço urbano. Desta apóia-se na Teoria da Navegação Urbana colocada por Cullen (Gosling, 1996:224) que no decorrer deste capítulo se mostrará de forma intrínseca ligada às teorias aqui já apresentadas.

A Navegação Urbana parte do princípio que “uma pessoa andando por sua cidade o faz por razões pessoais. Ele tem um incentivo inicial para encontrar sua trajetória e chegar no local destinado – sua casa, seu trabalho, o cinema e assim por diante.” (Gosling, 1996:225)³³ Os fluxos, os movimentos do indivíduo ou de um grupo de indivíduos pela cidade partem de um anseio, uma necessidade com início e destino. A “navegação urbana” por diversas vezes é estudada pela antropologia apoiada na etnografia como feito recentemente e já descrito anteriormente por Roland Gebhardt nos seus “Experience Maps”.

A partir desta definição Cullen coloca além do próprio conceito de Navegação Urbana, os conceitos que fazem parte desta teoria: *Sinalização*, *Pontos de Referência*, *Memória Acidental*, *Memória Proposital*, *o Prazer do Entrosamento*, *a Comunicação entre Cidade e Residente*, *a Crescente Urbanização* e *a Alfabetização Visual*.

Partindo-se então do pressuposto de que o usuário define uma trajetória com início e destino por razões ligadas intimamente aos seus interesses, a faz primeiramente utilizando a sinalização existente na cidade. A *Sinalização* – segundo conceito da teoria de Cullen - existe para ajudar a navegação nas cidades: as ruas são nomeadas e os edifícios numerados. Se o usuário tem o endereço do local ela chega lá. (Gosling, 1996:225)

No processo do fluxo do usuário pela cidade, além do uso da sinalização existente, ele utilizará os *Pontos de Referência*. A cidade contém uma multiplicidade de características que podem facilmente ser reconhecidas e utilizadas como pontos de referência. Em um curto período de tempo o usuário “para” de utilizar a sinalização viária e começa a utilizar os Pontos de Referência na escolha, na procura e no encontro de seus caminhos.” (Gosling, 1996:225) Este trabalho tratará estes pontos como pontos sendo

os Pontos Imagísticos definidos por Kevin Lynch (1997).

A habilidade de comunicação existente entre cidade e usuário é acidental – a *Memória Acidental*. (Gosling, 1996:225) Mas suponhamos que os benefícios da navegação fácil são reconhecidos pelos profissionais de design, então o próximo passo seria desenvolver a idéia de uma vasta forma aperfeiçoada de comunicação entre ambiente e cidadão – sendo assim, uma extensão na arte do planejamento – uma *Memória Proposital*. Este conceito será recuperado neste trabalho como forma indutiva para apropriação da imagem pública. (Gosling, 1996:225)

Além disso, o *Prazer do Entrosamento* ocorre porque a prática de uma sistemática torna-se óbvia induzida pela comunicação. O ambiente cessa de ser indiferente ao cidadão – torna-se amigável, prestativo e inteligente.

Na nossa busca pela sinalização eficiente nós tropeçamos nas verdades muito importantes que as cidades podem nos comunicar. Isto desencadeia um acordo de simpatia o qual não está bastante relacionado com os dois critérios de design urbano, funcionalmente eficiente de um modo e qualitativamente estético de outro. A 'sinalização muda' significa que a cidade está tentando falar para nós sobre ela mesma. (Gosling, 1996:225)³⁴

No caso dos seres humanos, a habilidade de comunicação – a *Comunicação entre Cidade e Residente* - é garantida. Somente quando existe uma barreira lingüística, ou algum impedimento fisiológico da livre fluência de personalidade que alguém dá conta da importância da comunicação. A exploração da personalidade através da linguagem é uma ocupação fascinante e prazerosa. (Gosling, 1996:225)³⁵

"Similarmente a habilidade de um residente de ler sua cidade conduzirá ao descobrimento da personalidade da cidade. Quais são os padrões únicos e inerentes que torna um dado lugar diferente de outros?" (Gosling, 1996:225)³⁶

Especialmente este conceito de *Comunicação entre Cidade e Residente* incluso na *Teoria da Navegação Urbana* de Cullen é o conceito que mais está inerente e "amarra" a conceituação desta teoria com os *Axiomas* de Lewis que utilizaremos mais a diante nas análises das leituras da paisagem feitas neste trabalho. (Gosling, 1996:225)

Na maioria das novas cidades a habilidade de comunicação não foi implantada por seus planejadores. "Existe, como existiu, uma barreira lingüística visual que resulta em alienação por mais eficiente que uma cidade possa ser e por mais bem projetados sejam seus edifícios." (Gosling, 1996:225)³⁷

No ponto de vista da *Crescente Urbanização* de nossa sociedade o problema desta alienação não é um

³³ Tradução do autor.

³⁴ Tradução do autor.

³⁵ Tradução do autor.

³⁶ Tradução do autor.

³⁷ Tradução do autor.

capricho ou um interesse marginal. É o problema central do planejamento. O entusiasmo e a simpatia da "sinalização muda" está no coração das urbanizações futuras porque no coração também está a pessoa que está sempre fazendo as imensas simples questões do tipo "Quem sou eu?" e "A que eu pertencço?" (Gosling, 1996:225)

Cullen coloca que para responder estas questões, e no ponto de vista deste trabalho – para ler a paisagem cultural ou paisagem etnográfica - o designer tem que adquirir uma *Alfabetização Visual*. A *Alfabetização Visual* é a chave da Teoria da Navegação Urbana que vamos utilizar neste trabalho. Cullen coloca então que a *Alfabetização Visual* tem três aspectos que ele intitula de conceitos: 1) O *Conceito da Sinalização Muda* – que utilizaremos nas análises deste trabalho, e o utilizaremos por muitas vezes na decodificação das mensagens visuais impostas e inertes na Paisagem Cultural como Lewis colocou anteriormente ao dizer que "a paisagem não fala conosco de uma forma muito clara" (Lewis: 1979); 2) *A Criação de um Vocabulário Visual*; 3) *A técnica ou a gramática do uso do vocabulário da forma correta* para ser lúcido em diferentes circunstâncias ambientais." (Gosling, 1996:226)³⁸

Mas após colocar toda esta teoria durante sua "Campanha para a Literatura Visual", Cullen detectou problemas, soluções e formas de implantação da Teoria da Navegação que nunca foram realmente publicadas, apenas em seus catálogos de exposição, mas que Gosling compilou no seu livro *Gordon Cullen – Visions of a Urban Design* de 1996 e que colocamos neste trabalho os mais pertinentes como complemento da teoria a ser aplicada.

Cullen detectou então, alguns *Sintomas Adversos* – "No contexto da confusão ambiental construída, existe a carência de coesão, desperdiçando chances de simulação ambiental e confiança em avaliações estéreis. Em outras palavras, trata-se de um plano e monótono mundo." (Gosling, 1996:226)³⁹

Ao fazer um *diagnóstico* de sua teoria Cullen coloca que

a linguagem silenciosa foi ignorada. Nós, como pessoas, reconhecemos isto no sorriso ou na carranca, de mãos fechadas ou devolvendo a alguém. E nós sabemos quais paixões podem ser libertadas sem se quer uma palavra mencionada. (Gosling, 1996:226)⁴⁰

Assim, define o *Regime*: "O campo da linguagem silenciosa é capacitada de definição: não é arbitrário ou vago. É baseado no conceito de identidade (Quem sou eu? A que eu pertencço?). (Gosling, 1996:226)

Magistério:

Se o sujeito da *Alfabetização Visual* foi agora abordado, o próximo problema é encontrar o método pelo qual os vários conceitos podem ser convertidos a partir de meras palavras de um mapa para as

³⁸ Tradução do autor.

³⁹ Tradução do autor.

⁴⁰ Tradução do autor.

forças mentais. Depois disso, nós estamos tratando com fogo e não com lareira. Palavras por si próprias não podem evocar realidade visual. Figuras em separadas podem ser ambíguas ou abrirem para qualquer interpretação que o espectador tenha em sua mente. Apenas quando as figuras são explicadas por palavras que a verdade começa a aparecer. (Gosling, 1996:226)⁴¹

Aqui torna-se ainda mais pertinente a preocupação de Magnani com as interpretações e as metáforas.

Cullen então apresenta um *Resultado*:

A maior parte da pesquisa poderá ser explorada pela carteira de identidade, o jogo da literatura visual, a qual no momento é apenas uma moldura mínima. A exploração não será um simples exercício na extrapolação de premissas existentes. Neste jogo uma coisa não leva a outra; tudo é uma descoberta separada, um ato separado de imaginação. A moldura é simplesmente o sistema de recuperação. Este é o centro de todo o problema" (Gosling, 1996:226)⁴²;

e na seqüência os *Produtos Finais*:

O objetivo principal é fornecer a linguagem visual comum e tornar a inteligência comum entre leigos, legisladores e profissionais. Não há nenhum mistério, nenhuma mística. A única coisa é que até o presente momento isto não aconteceu. (Gosling, 1996:226)⁴³

Uma coisa deve ser mencionada: a alfabetização visual não deveria ser confundida com 'design briefing'. Alfabetização visual é uma linguagem e, uma vez que alguém tem que aprende-la, ele tem a liberdade de dizer o que ele quer dizer, desde que todos falem a mesma língua os problemas do ambiente serão resolvidos por si próprios. (Gosling, 1996:227)⁴⁴

Cullen ainda menciona o encorajamento da fluência na linguagem.

Suponhamos que tomamos um objeto tal a Torre Eiffel ou a Grande Pirâmide, então nós podemos desenhar o objeto num mapa – marcar o lugar, a ocupação, a escala, o monumento, etc. . Os exercícios dos estudantes podem ser planejados no qual um lugar particular ou um edifício é determinado para ser conforme o seu próprio modelo. Alternativamente, um dado modelo deveria ser reconhecido ou um objeto adequado criado o qual cabe o modelo. Desta forma, a percepção do estudante é cada vez mais familiarizada com a linguagem visual. Qualquer projeto desenhado pelo estudante deveria ser acompanhado pelo modelo de identidade do projeto – e seria julgado pela adequação, profundidade e sofisticação implícita no modelo. (Gosling, 1996:228)⁴⁵

Cullen desenvolveu então, uma técnica que separa os dois elementos principais de qualquer dado problema ambiental, e os juntam novamente de um modo novo e significante. Usando a imaginação e a ingenuidade é capaz desta forma de expor a personalidade subjacente ou o caráter do lugar pelo choque ou o impacto. Coloca ainda, que o planejador, com seu treinamento e sua sensibilidade é capaz de compreender a situação, mas o leigo não, e por conseqüência a situação tem de ser explicada normalmente pelo choque ou pela ênfase para que se possa expor a verdade.

⁴¹ Tradução do autor.

⁴² Tradução do autor.

⁴³ Tradução do autor.

⁴⁴ Tradução do autor.

⁴⁵ Tradução do autor.

A habilidade do planejador situa-se na linha de divisão na situação em particular. Ela pode estar entre o dentro e o fora, entre ambientes distintos, entre zonas ou superfícies. Ela pode até estar no tempo, entre o antes e o depois. Não é fácil, eu suponho, entender sem exemplos. (Gosling, 1996:228)⁴⁶

Traduzindo a teoria de Cullen para a prática de projeto⁴⁷ ele a descreve, para utilizarmos um exemplo, de uma forma a induzir identidade ao projeto: Primeiramente, adequar o local confortavelmente, criar um núcleo central com autoridade, escala e incidência necessárias; analisar o programa total das habitações em seções distintivas das quais tem suas individualidades; articular as várias partes do desenvolvimento, uma a partir da outra, com margens reconhecíveis ou limites, evitando assim uma vasta expansão; prover uma rede de pontos de referência para os atos do indivíduo, como ponto de re-agrupamento para uma zona particular ou função – desta forma o reconhecimento e a navegação é consideravelmente simplificada; explorar a topografia e a instalação para produzir uma situação memorável ou dramática; utilizar o recinto para providenciar um senso de localidade e lugar (eu estou aqui) – conduzir as pessoas de uma experiência a outra, até que o desdobramento do drama ou do clímax é concluído - fixado na memória.

Este exemplo coloca a teoria da navegação como objetivo do processo projetual – o que se quer chegar neste exemplo, é a uma boa “navegação” no projeto implantado. Este trabalho, de forma a procurar a identidade da paisagem, fará o curso inverso do exemplo colocado – na verdade utilizará a navegação para perceber o local, suas centralidades e suas hierarquias, seus fluxos, seus limites, seus pontos imagísticos, sua topografia... Mas de qualquer forma atento ao não-esquecimento do ator social, do cunho etnográfico da composição da paisagem cultural.

Em falando de identidade, deve-se assim buscar na leitura da paisagem alguns dos conceitos colocados por Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade* de (1997); como Legibilidade, Estrutura e Identidade e Imaginabilidade da paisagem da cidade.

Desta forma deve-se concentrar na qualidade visual da paisagem urbana, mais especificamente com a clareza ou legibilidade da paisagem. “Com esse termo, pretendemos indicar a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente” (Lynch, 1997:03), desta forma e novamente entrando numa consideração distante da consideração da cidade como coisa em si, mas a cidade “do modo como a percebem seus habitantes” como colocado por Lynch, ou “de perto e de dentro” como colocado por Magnani”. Um ambiente claro ou legível facilita a “navegação urbana”

⁴⁶ Estes textos e a teoria foram retirados por Gosling da “Campaign for Visual Literacy” não publicada de Gordon Cullen.

⁴⁷ Estas descrições referem-se ao projeto de casas desenvolvido no sudoeste de Aberdeen ao norte da Escócia, o qual Cullen foi convidado por David Gosling e Dan Donohue (arquiteto chefe da Christian Salvesen – a firma que financiou o estudo) com o intuito de utilizar as teorias de Cullen e coloca-las em prática.

(Cullen) e "pode servir como um vasto sistema de referências, um organizador da atividade, da crença ou do conhecimento." (Lynch, 1997:05) Facilita assim o processo de orientação, a formação da imagem mental individual carregada de experiências, colocada a disposição para a interpretação das informações e as orientações das ações do indivíduo no espaço urbano.

Para Lynch uma imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado. Estes três componentes aparecem sempre juntos, mas Lynch os abstrai para efeito de análise. Uma imagem visível assim, implica na identificação de um objeto, no seu reconhecimento como entidade separável, com uma identidade. A formação da imagem pressupõe uma relação entre o objeto e o observador – pressupõe, portanto, uma estrutura. Por fim, o objeto deve ter um significado para o observador. "Assim, uma imagem útil para a indicação de uma saída requer o conhecimento de uma porta como entidade distinta, de sua relação espacial com o observador e de seu significado enquanto abertura para sair." (Lynch, 1997:10)

No processo da leitura da paisagem cultural o trabalho estará centrado centrar também na imaginabilidade da cidade, na característica

[...] he confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente.

Também poderíamos chamá-la de *legibilidade* ou, talvez, de *visibilidade* num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos." (Lynch, 1997:11)

Os leitores da paisagem colocados na situação de observadores treinados, devem sempre estar atentos a esta qualidade da paisagem – a sua imaginabilidade. Principalmente em se tratando da paisagem cultural, paisagem etnográfica ou qualquer que seja o nome que dermos a paisagem resultante da interação do ator social (usuário comum). Devemos estar atentos aos elementos que a compõem, que possuem um forte indício de estarem incentivando a formação da imagem mental nos processos de "infraestrutura" (Szenasy, 2002:115) do indivíduo pela cidade – principalmente e mais obviamente nos pontos imagísticos da cidade, mas também nos elementos 'escondidos', ou na 'paisagem muda' (Cullen) presentes em nosso entorno urbano.

1.5 Das teorias abordadas ao método utilizado

Como já mencionado anteriormente o objetivo central deste trabalho é a leitura da paisagem urbana de uma forma coerente, sob o ponto de vista de um ator e mais precisamente de um observador – um observador treinado inserido na cidade – propício a uma análise de *Perto de Dentro* (Magnani, 2002) – mas não precisamente sob o aspecto exclusivo de Magnani mas de todo o conjunto de bases teóricas mencionadas que resultarão na conclusão deste trabalho – na leitura da paisagem urbana cultural feita sobre ensaios de representação urbana feitos por um observador treinado em determinados pontos da cidade de São Paulo que serão apresentados no desenvolver dos próximos capítulos.

Para que isso seja feito, estas teorias serão retomadas nos capítulos III e IV chegando inicialmente antes de entrar no mérito da apresentação das leituras em um cronograma de análise que servirá de 'guia' para a leitura da paisagem urbana e que espera-se ser de proveito em outras realidades de espaço e tempo oportunas.

Portanto, em primeiro lugar serão escolhidas e apresentadas as áreas objeto de estudo - as três centralidades da cidade de São Paulo: centro histórico, eixo da Avenida Paulista e eixo da Avenida Luis Carlos Berrini e Marginal do Rio Pinheiros.

Neste presente momento fomenta-se apenas uma esquematização do método de trabalho – as explicações, as exposições do motivo da escolha destas áreas aparecerão no Capítulo II desenvolvido na seqüência onde, antes de mais nada por tratar-se de um estudo urbano, será apresentada a situação das áreas no espaço e tempo – fazendo um apanhado cronológico da condição da metrópole contemporânea, inserida no contexto da globalização ou da mundialização; em seguida, apresentada a contextualização de cada área em questão, no aspecto histórico, cultural, social e político; de forma que se possa no final do trabalho, aglutinar parâmetros adequados - conforme sugerido pelos axiomas e outras teorias pertinentes já aqui apresentados - para que decorra do empirismo da leitura da paisagem urbana cultural uma conclusão certa e precisa baseada na imagem formada pelo ator social, o transeunte inserido na cidade, mas também no contexto real das forças externas que impulsionam o dinamismo cotidiano do usuário pelo espaço urbano.

CAPÍTULO 2

A CONDIÇÃO DA MTRÓPOLE CONTEMPORÂNEA

2.1 A Condição da Metrópole Contemporânea

As grandes metrópoles contemporâneas aparecem na virada para o século XXI como vítimas da globalização e da mudança no processo de acumulação de capital - dentro do capitalismo avançado, passando do sistema fordista para o de acumulação flexível⁴⁸, com início aproximado nos anos 70 - gerando diversos efeitos na cidade; entre eles, imigração, refúgio, novos contingentes populacionais empobrecidos, exclusões/conflitos sociais e modificação repentina da imagem e uso cotidiano local.

Com a globalização, estas metrópoles sofrem uma nítida alteração física/econômica - de sedes industriais tornam-se sedes econômicas. Passam a abrigar não mais as indústrias, mas suas sedes localizadas em grandes escritórios, em imóveis geralmente alugados localizados nos centros econômicos existentes, *ou em regra geral*, nos centros econômicos gerados nestas cidades, frutos do processo de especulação qualificativa determinado pela globalização e acentuando ainda mais o processo de descentralização da cidade e da deterioração dos outros centros pré-existentes.

O planejamento urbano abre lacunas, nesta nova condição, à entrada do planejamento imobiliário especulativo. Neste, grandes empreendimentos são implantados em terrenos às vezes sem a preocupação com o entorno físico e/ou contexto histórico, gerando uma "briga" de imponência e estilos arquitetônicos. Estruturas eminentes - peças completamente soltas em um tabuleiro - despreocupadas com qualquer idéia de entorno, fazem com que nós arquitetos, urbanistas e designers de plantão, questionemos o que sobrou de vida ou no mínimo, façamos uma análise de que tipo de vida cotidiana toma lugar nestes espaços recém ocupados. Arquiteturas individuais a procura de destaque deixando um grande vazio entre elas, resumindo a vida urbana ao horário comercial...mais ou menos, dentro das devidas proporções de espaço, tempo e contexto, com o que Jane Jacobs faz no seu livro "Morte e vida de grandes cidades" de 1961 ao atacar de frente os urbanistas ortodoxos quando menciona a destruição de bairros, à vezes deteriorados mas com um mínimo de vida e interação humana para a implementação de conjuntos habitacionais gélidos.

No caso da realidade brasileira, tomando-se como exemplo a cidade de São Paulo, o que temos é a simples concretização do que foi descrito anteriormente. Nota-se resumidamente, uma implementação física-financeira de um centro econômico no eixo da Avenida Luiz Carlos Berrini-Marginal Pinheiros (Zona Sul da cidade) - para alguns autores, uma expansão de um eixo virtual originado na Avenida Brigadeiro Faria Lima - com todos os estereótipos possíveis - a desapropriação e a

⁴⁸ O tema abordado exaustivamente por David Harvey em "Condição Pós-Moderna" (1992) é retomado por Frúgoli Jr. (2002) e que resgatamos aqui: "vem configurando, de forma geral, certas características tais como (numa prospecção aqui muito rápida e resumida): maior rapidez do capital de giro, desindustrialização, enxugamento da produção e precarização do trabalho (com declínio da carreira, aumento da subcontratação e do desemprego estrutural), deslocalização da produção, crescimento do setor de serviços, declínio da prática sindical, maior fragmentação de identidades sociais, aumento da exclusão social e acentuação do processo de globalização, articulado inicialmente sob a vanguarda do sistema financeiro mundial." (Frúgoli, 2002:21)

retirada incompleta de uma favela abre espaço a um novo eixo de acesso (Avenida Águas Espraiadas) e terrenos vazios existentes somados a terrenos novos gerados da compra, expulsão...recebem as mais imponentes arquiteturas dos mais renomados arquitetos nacionais e internacionais com projetos importados juntos ao processo de globalização mas cuja arquitetura sensacionalista incorporada a um planejamento urbano imobiliário deixa quase sempre às expectativas a qualidade de vida urbana das pessoas. As portas para a interação humana e a vida urbana, são fechadas ao mesmo tempo que as portas dos escritórios ao término do expediente; ou às vezes só se abrem no horário de almoço.

Em particular no citado novo centro econômico de São Paulo, o eixo da Avenida Luiz Carlos Berrini / Marginal do Rio Pinheiros, apresenta uma homogenia arquitetônica para alguns autores, ao citarem a quase monopolização dos empreendimentos; o mesmo acontecendo com o eixo da Avenida Brigadeiro Faria Lima, o que mesmo assim não modifica no ponto de vista desta pesquisa a inserção de um novo modo de vida cotidiana adaptado às condições econômicas da globalização e todos os seus estereótipos adjuntos.

Com o incentivo e o glamour da globalização e seus novos empreendimentos, os "antigos" centros importantes da cidade ficam esquecidos. Quase sempre estes centros possuem por vezes, estudos e vontades sérias de empresas ligadas a sua preservação e restauro, mas carecendo de um implemento real em escala satisfatória por parte dos agentes da área.

Nota-se assim, em São Paulo, como exemplo em outras realidades mundiais, uma já existente deterioração do centro histórico e uma acentuação mais recente na deterioração do centro financeiro caracterizado pelo eixo da Avenida Paulista (Região Centro-Sul da cidade) implementado nas décadas de 60/70 - muito recente para quem já foi alvo de projetos e concurso arquitetônico para propostas modificativas impostas pelo próprio uso cotidiano do espaço urbano.

Com isto a cidade descentralizada acrescenta uma fragmentação na sua imagem.

O novo espaço criado apresenta uma imagem em mutação misturado a um grande canteiro de obras, aonde os usuários embebidos no seu trabalho cotidiano em seus escritórios localizados nos novos edifícios de última tecnologia esperam por seus edifícios vizinhos em construção convivendo junto a guias e tapumes inconscientemente incertos da qualidade da futura imagem consolidada.

O centro histórico da cidade, por sua vez, com sua imagem mais que consolidada em completa deterioração convivendo com edifícios de potencial e de qualidade arquitetônica em condições lamentáveis de conservação; comércio informal (ambulantes) dispersado por quase toda sua extensão, comunicação visual e mídia ilegais...

O símbolo da metrópole, a Avenida Paulista, começa a apresentar uma imagem em transição em processo de degradação.

Porém, para se entender melhor todo este processo e a condição da metrópole contemporânea globalizada, descentralizada ou multipolar devemos começar, dentro de um contexto cronológico, pelo entendimento da configuração da cidade moderna.

Frúgoli Jr. (2000) coloca, baseado na literatura clássica⁴⁹ que existe

um consenso de que a modernização urbana está historicamente ancorada em seus primórdios na Paris da segunda metade do século XIX, cuja industrialização foi acompanhada pelo aumento populacional, alimentado pelo enorme afluxo de camponeses desenraizados que passaram a compor a multidão urbana, numa cidade que sofreu uma intervenção planejadora de grande escala, com a criação do sistema de bulevares, sob o comando do barão de Haussmann⁵⁰ (Frúgoli Jr., 2000:20)

Com isso, este novo modo de intervenção urbana, de grande escala para a época, com um poder de atuação ligado ao império napoleônico e à articulação de alianças estratégicas entre o poder público e setores do capital, já introduz o processo de especulação imobiliária e do capital financeiro. (Frúgoli Jr., 2000:19)

Neste processo o espaço urbano recebe de forma constante a interação de grupos sociais com os conflitos decorrentes intensificados. Com a implantação dos largos bulevares que traziam um modo de circulação adequada à ordem capitalista industrial, são derrubados bairros populares empurrando assim o proletariado para a periferia – desta forma, são expulsos como moradores e se reintegram de uma forma mais intensa como transeuntes ou consumidores eventuais. Frúgoli Jr. (2000) coloca ainda, que a partir da cidade moderna, com os processos sistemáticos de intervenção urbana ligados aos grupos sociais mais poderosos articulados com o poder público impactam quase sempre ao modo de vida das classes mais populares e por consequência, sob o espectro desta pesquisa, na paisagem cultural urbana.

Frúgoli Jr., baseado nas análises de James Holston⁵¹, com referência ao tema da cidade modernista, citando a cidade de Brasília como a importante realização modernista, concebida por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, com projeto derivado da cidade-modelo proposta pelos CIAMs, ocorridos em 1928 e nos anos 60, destacando Le Corbusier; coloca que mesmo com premissas utópicas de uma forte associação de planejamento urbano e governo federal para a formação de uma cidade igualitária, de um modelo que possa ser utilizado em outros contextos urbanos brasileiros, ignora a realidade existente para a construção de uma nova unidade urbana e social mas cuja concepção inicial é subvertida no momento da cidade executada. Esta subversão ocorre pelo impedimento de trabalhadores de diversas regiões brasileiras migrados para Brasília durante a construção de residirem lá (formando assim as

⁴⁹ Frúgoli Jr. coloca como principal referência as Reflexões de Walter Benjamin (1985), citando ainda, Mumford (1961), Lefèbvre (1969), Berman (1986), Sennett (1988) e Schorske (1988).

⁵⁰ O autor faz referência também a Benjamin (1985), Berman (1986) e Girouard (1985).

⁵¹ Holston, J. *A cidade modernista*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, apud, Frúgoli Jr., H. *Centralidade em São Paulo – Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole*. São Paulo, Edusp, 2000.

idades-satélite); e segundo, pelo estranhamento e recusa por parte dos moradores ligados à burguesia estatal em utilizar a cidade como prevista em projeto em decorrência de sua necessidade e vontade de resgatar hábitos, práticas e conceitos culturais dos seus locais de origem tanto nas formas de moradia, lazer e interações sociais. (Frúgoli Jr., 2000:21) Não se consegue de nenhuma forma ignorar os processos culturais individuais - a paisagem urbana cultural é formada pela experiência dos cidadãos e não construída de forma inóspita excluindo-se as forças culturais individuais pré-existentes.

Portanto, é necessário atentar para a diferença que há entre premissas e intenções de determinados projetos urbanos e suas realizações concretas, já que a complexidade da conexão entre intenções técnicas e as decisões políticas pode resultar em diversas formas de exclusão social, mesmo dentro de projetos, a princípio, igualitários. (Frúgoli Jr., 2000:21)

Dentro dos referenciais para seu estudo das centralidades de São Paulo, Frúgoli Jr., além de apresentar os dois processos resgatados anteriormente neste capítulo como suporte para o entendimento da realidade da cidade contemporânea para a leitura da paisagem urbana que desenvolveremos mais tarde, coloca a da realidade mais recente, não ligada mais à perspectiva modernista - de caráter abrangente e macro-estrutural - mas às intervenções urbanas mais parciais ou pontuais relacionados ao que já foi colocado aqui, tratado exaustivamente por David Harvey, que diz respeito à mudança no processo de acumulação de capital. Este processo gera intervenções em escalas menores como os da ressignificação dos espaços urbanos, buscando - diante da desindustrialização que torna as cidades centros financeiros, de consumo e entretenimento - na "promoção da revitalização de suas áreas centrais, um modo de atrair capital e pessoas (sobretudo das classes médias), tornando-as convidativas do ponto de vista turístico e comercial," (Frúgoli Jr., 2000:22) assim como aconteceu em Baltimore - impulsionados pela crise econômica e a deterioração do centro, um grupo de políticos, profissionais e empresários, criaram a Baltimore Fair atraindo 340 mil visitantes em 1970 e quase 2 milhões em 1973 o que gerou a construção de um complexo, o Harbor Place, com centro de ciências, aquário, marina, centro de convenções e hotéis; como aconteceu também com o Fisherman's Wharf construído em 1978 na cidade de San Francisco (complexo com restaurantes, lojas museu e outros atrativos num antigo e abandonado porto da cidade!); no South Street Seaport, em Nova York (uma área de estaleiros do século passado que com uma revitalização do entorno nos anos 80 resulta na criação de um Shopping Center, restaurantes, museu e um novo Fulton Fish Market)⁵² (Frúgoli Jr., 2000:22); assim como numa realidade mais próxima, na América Latina, precisamente em Buenos Aires, aconteceu com Puerto Madero ou como na nossa realidade da cidade de São Paulo, tem-se tentado com a revitalização da Pinacoteca de São Paulo, da Estação da Luz, da estação Prestes Maia, que constituirão e estarão agregados nos objetos de pesquisa para a leitura da

⁵² Ver Harvey (1992:89-92).

paisagem urbana cultural deste trabalho. Bernard Tschumi (1992) atribui à esta resignificação dos espaços e edificações, o nome de "arquitetura de eventos" – onde edificações são revitalizadas e tem o seu uso completamente alterado como a promoção de eventos para atração de novos usuários.

De acordo com Harvey, a lógica 'pós-moderna' presente nesses projetos urbanísticos não representa, como defendem alguns, uma ruptura significativa com a modernidade, mas sim uma etapa cultural representativa do capitalismo de acumulação flexível. (Frúgoli Jr., 2000)⁵³

Em outras palavras, significa uma intervenção urbanística adequada à nova ordem econômica, ou seja, uma perspectiva de atuação na qual o arquiteto ou urbanista passa a atender demandas de grupos distintos de clientes, na busca de soluções **pontuais e locais**, pretensamente "personalizadas", ecléticas e diversificadas, abrindo mão de soluções abrangentes – típicas do ideário modernista. Tal prática exprime, em outros termos, atender às classes de maior poder aquisitivo, ou o poder do mercado, contribuindo assim para a maior fragmentação do contexto urbano.⁵⁴

Decorrente deste processo, Harvey (1992) aponta a *gentrification* (enobrecimento) onde normalmente as áreas revitalizadas passam a ser habitadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo gerando novamente, como nos outros exemplos de condições de espaço-tempo diferentes, o processo de afastamento e/ou exclusão social.

Em pesquisa desenvolvida pelo autor⁵⁵ com usuários remanescentes no Jardim da Luz, localizado atrás da Pinacoteca de São Paulo - que será retomada nos últimos capítulos deste trabalho - recentemente revitalizada, dotada de estacionamento e segurança que atrai a mobilização da classe mais elevada – tem-se como resultado no sentido de imagem pública a mesma imagem de risco, de tráfego e marginalidade sempre existente na região, mas que parece "maquiada" para os novos usuários de classe elevada que parecem permanecer "confinados" aos perímetros da edificação.

Mike Davis (1992), exemplificando o caso do centro de Los Angeles, com relação à diversidade característica dos espaços públicos, coloca que a construção de edifícios em escala exagerada atingiu a vida das ruas, eliminando a energia vital da área e eliminou a mistura social.

[...] A estratégia básica que regeu tal renovação foi, segundo Davis, a obliteração de toda conexão com o passado – ao contrário da renovação observada em outros casos, em que há a tentativa, do ponto de vista urbanístico, de se tentar uma 'harmonia' entre a velha e a nova paisagem urbana.⁵⁶
(Frúgoli Jr., 2000:23)

Frúgoli Jr. coloca também, que a revitalização das áreas centrais está conectada também ao

⁵³ O autor faz referência a Harvey, 1992:45-67.

⁵⁴ O autor faz referência aqui a Harvey, 1992:69-96; e para numa posição favorável: Jencks, 1989.

⁵⁵ Pesquisa desenvolvida pelo autor, como parte dos trabalhos desenvolvidos para a disciplina AUP-821 - Projeto, Cor e Imagem, no curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ministrada pela Profa. Dra. Elide Monzeglio em 2001;

⁵⁶ A referência vem de Davis, M. *Fortress Los Angeles: the Militarization of Urban Space*. In: Sorkin, M. (ed.). *Variations on a Theme Park: the New American City and the End of Public Space*. New York, Hill and Wang, 1992, p. 154-180.

surgimento dos subcentros em um contexto multipolar, de onde gera, principalmente no ponto de vista econômico, uma competição com os outros centros, tornando a questão de centralidade, no processo de expansão metropolitana, ainda mais complexa; onde em alguns casos, os subcentros mantém a relação de complementaridade, mas em outros, numa competição mais acirrada existe o almejo de se tornarem os "novos centros".

"Isso se dá, em particular, pela lógica dessa expansão, que acarreta muitas vezes a fuga de empresas para os subcentros e a deterioração urbana do núcleo original, concomitantemente à mudança na composição social da população que passa a habitar este último, marcada pela forte presença das classes populares." (Frúgoli Jr., 2000:23)

Ainda com exemplificações em Los Angeles, Frugoli Jr. retoma a reflexão do geógrafo e professor Edward Soja sobre a metrópole contemporânea. Para Soja o

[...] processo espraído e polinuclear de descentralização, típico da geografia das grandes cidades capitalistas desde o século XIX, vem sendo substituído por um processo ao mesmo tempo descentralizador e recentralizador, onde simultaneamente se observa tanto a ascensão da 'cidade externa' – que seria denominada por alguns de 'a grande reviravolta não-metropolitana' –, como o 'renascimento do centro da cidade'. (Frúgoli Jr., 2002:32)

Soja ressalta ainda que somente com uma centralidade persistente é que pode haver cidades externas e urbanização periférica. Sua análise ainda, referindo-se a Los Angeles e atribuindo a descentralização ao advento do capitalismo de acumulação flexível,

[...] difere daquela feita por Harvey, já que para Soja a pós modernidade não seria apenas uma etapa cultural do capitalismo de acumulação flexível, mas uma nova realidade social e espacial, cuja compreensão exigiria um método pós-moderno, em que a geografia teria total preponderância sobre a história. (Frúgoli Jr., 2002:32,33)⁵⁷

A necessidade do presente trabalho em abordar o tema da condição da metrópole contemporânea sob o prisma da visão "de longe e de fora" (Magnani: 2002), além de dar bases de entendimento histórico, cultural, político e social para a introdução de todos os axiomas e teorias abordadas para a leitura da paisagem urbana cultural ou etnográfica vem também da necessidade de tentarmos entender a geografia da metrópole contemporânea globalizada com todo o processo e conceitos de centralidade, expansão do centro, descentralização ou qualquer que seja o termo utilizado pelos vastos autores que abordam o tema; mas também para entender que nas

[...] regiões centrais de uma metrópole realiza-se, em maior ou menor grau, a densidade dos contatos face a face que marcam a vida pública moderna, constituída por múltiplas

⁵⁷ A referência de Frúgoli para Edward Soja vem de Soja, E. W. *The Stimulus of a Little Confusion: a Contemporary comparison of Amsterdam na Los Angeles*. In: Smith, M. P. (ed.). *After Modernism: Restructuring and Changing Boundaries of City Life. Comparative Urban and Community Research*. New Brunswick/London, Transaction Publishers, vol. 4, 1992, p.17-38.

dimensões como o encontro e a sociabilidade, a mediação de distintos conflitos, a tolerância à diversidade sociocultural, as manifestações políticas etc., que ganham nesses espaços a expressão mais acabada [...] (Frúgoli Jr., 2000:42)

e que para este trabalho constituirão o âmago da questão para a composição de um quadro teórico sobre a cidade mais próximo das articulações dos atores sociais para a base do entendimento e a leitura da paisagem cultural da cidade.

Sendo assim, a presente pesquisa realizou o estudo das centralidades ou da expansão do centro urbano da cidade de São Paulo, para o quadrante Sudoeste, identificados no Centro Histórico, no eixo da Avenida Paulista e no Eixo da Avenida Luis Carlos Berrini e Marginal Pinheiros (as definições precisas dos perímetros de estudo dentro de cada centralidade serão apresentadas no decorrer dos próximos capítulos) buscando na centralidade a matriz das ações culturais urbanas e ainda porque, dentro de um cunho etnográfico mais próximo da leitura urbana aqui proposta, “[...] num aglomerado contíguo com mais de dez milhões de habitantes, como é o caso da cidade de São Paulo, não há uma, mas várias centralidades [...]” (Frúgoli Jr., 2000) e, “[...] em vez de se procurar (em vão) um princípio de ordem que garanta a dinâmica da cidade como um todo, mais acertado é tentar identificar essas diferentes centralidades e os múltiplos ordenamentos que nelas e a partir delas ocorrem. [...]”⁵⁸ (Magnani, 2002:15) Assim, como Frúgoli Jr. (2000), também o faz - sob um prisma diferente levando-se em conta que o que procuramos é a leitura da paisagem cultural sob o entendimento de uma realidade concreta - iremos principiar as análises empíricas de cada um dos contextos, num entendimento das principais centralidades de São Paulo e seus atores sociais.

⁵⁸ Magnani na explicação da necessidade do estudo das centralidades da cidade utiliza como referência o livro de Heitor Frúgoli Jr. “Centralidade em São Paulo – Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole” de 2000. Nós, por diversas vezes neste capítulo nos apoiaremos neste título dada a sua relevância e principalmente por tratar-se de um estudo exaustivo sobre nossas áreas objeto de estudo: Centro Histórico, Paulista e Berrini.

2.2 Situação da Metrópole Contemporânea: São Paulo Descentralizada

Todas as referências anteriores para a apresentação da situação da metrópole contemporânea baseiam-se em cidades norte americanas, principalmente Los Angeles, por constituir um importante palco de discussões sobre urbanismo contemporâneo – onde se desenvolveu o Urbanismo cotidiano e a atribuição da chamada *Los Angeles School*.

Mas Los Angeles tem suas especificidades, assim como Nova York ou outras cidades norte americanas e assim como São Paulo. E mesmo considerando Los Angeles uma importante referência para a compreensão de mudanças urbanas contemporâneas, Frúgoli Jr. (2000) alerta que deve existir cuidados ao exercer uma abordagem comparativa com Los Angeles.

No intuito de apenas manter a referência a Los Angeles utilizando-a como gancho para abordagem sobre a centralidade de São Paulo, desenvolveremos algumas comparações com a cidade americana baseada nas colocações de Frúgoli Jr. para em seguida posicionarmos São Paulo sob seu próprio conceito e individualidade.

São Paulo ainda mantém o centro e vários bairros construídos sob a forma de ruas corredores utilizadas por pedestres durante o dia, enquanto Los Angeles é multinucleada e não tem muita vida de rua na downtown recentemente renovada; as pessoas com suas atividades estão contidas nos edifícios ou locomovendo-se pelas passarelas subterrâneas entre edificações.⁵⁹ (Frúgoli Jr., 2002:35) Frúgoli Jr. coloca que a dinâmica urbana das duas cidades se aproxima, embora com algumas particularidades: o padrão de urbanização atual de São Paulo é descentralizado, mas em Los Angeles é desde os primórdios; a diversidade étnica de São Paulo não resulta no mesmo tipo de conflito social existente em Los Angeles, sendo que a cidade americana em questão recebe um número de imigrantes do mundo todo infinitamente maior; São Paulo possui uma quantidade de rodovias e avenidas considerável no contexto brasileiro, mas ínfimo se comparado a Los Angeles que por sua vez possui uma rede de transporte coletivo, até mesmo pelo conceito de sua formação, bem inferior ao de São Paulo, embora este seja precário para a realidade paulistana. (Frúgoli Jr., 2000:36)

Entrando numa abordagem específica em relação a realidade paulistana, Frúgoli Jr. (2000) coloca que nos casos dos estudos urbanos de cunho sociológico ou antropológico sobre a cidade de São Paulo, o enfoque por um longo período deu-se nos processos sociais gerados na periferia. Como o livro de Frúgoli Jr. é de 2000 é importante ressaltar a importância dos estudos etnográficos baseados na centralidade paulistana desenvolvidos por Magnani (2002) apresentados nesta pesquisa e que por diversas vezes também faz referência ao trabalho de Frúgoli. Até então,

a periferia – e notadamente seus movimentos sociais pelos equipamentos urbanos inexistentes –

⁵⁹ O autor faz referência a Caldeira, T.P.R. *Enclaves Fortificados: a Nova Segregação Urbana. Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), no. 47, mar. 1997, p. 155-176.

seria o *locus* por excelência da pobreza e exclusão urbanas, onde as contradições sociais advindas do modelo de expansão da cidade estariam mais visíveis e aguçadas.⁶⁰ (Frúgoli Jr., 2000:38)

Abordando a questão histórica da centralidade e sua expansão, de uma forma inicial resumida, o centro tradicional paulistano no final do século XIX começa a ser abandonado pelas elites tomado assim pela função comercial. Na segunda década do século as elites partem para loteamentos residenciais exclusivos, culminado no início do século XX para o deslocamento às áreas mais valorizadas como a Av. Paulista e por seqüência ocupando as áreas loteadas pela Companhia City a procura de áreas mais salubres, deixando as áreas anteriormente ocupadas (centro tradicional) para a ocupação das classes populares, principalmente por uma grande porcentagem de migrantes nordestinos. Nos anos 30, o primeiro o primeniro cinturão oeste (Centro Novo/Higienópolis) passa por um processo de verticalização residencial. Com a abertura da Avenida Nove de Julho, parte do Plano de Avenidas de Prestes Maia, nos anos 30, abre-se lacunas para a migração das atividades terciárias rumo a região sudoeste.⁶¹ (Frúgoli Jr., 2000:41) (As ocupações do centro tradicional e das outras áreas de trabalho serão melhores desenvolvidas no Capítulo III deste trabalho - por hora servem apenas como contextualização geral do panorama do desenvolvimento da paisagem paulistana).

Sendo assim, como colocado por Frúgoli Jr. (2000), até o final dos anos 60 a cidade era dividida em "Centro Tradicional" e "Centro Novo". A partir de 1968-73 (período do "milagre") estrutura-se um novo centro ao longo da Avenida Paulista, fazendo com que o Centro Metropolitano desdobrasse em "Centro Principal" e "Centro Paulista", fruto da passagem gradativa do regime fordista para o regime de acumulação flexível. Já na década de 90 uma nova concentração de sedes empresariais decorrentes da desindustrialização da metrópole, advinda de um empreendimento atribuído principalmente às atividades da Bratke-Collet configuraria, no processo de mundialização, o chamado "Centro Berrini" – configurado pela Avenida Luis Carlos Berrini e Marginal do Rio Pinheiros - para alguns autores, este "novo" eixo representa uma continuação virtual do eixo da Avenida Faria Lima o que faria um retorno de investimento na Faria Lima e na Vila Olímpia principalmente com a expansão da primeira.

"Pode-se também avançar nessa discussão com uma posição defendida de forma consensual por um conjunto de arquitetos, urbanistas e sociólogos (Rolnik, Kowarick & Somekh, 1990), realizada pela Secretaria Municipal de Planejamento (Sempla) durante a gestão de Luiza Erundina (1989-1992), quanto à questão do "quadrante ou vetor sudoeste". Este estudo ao analisar a concentração da atividade terciária na Cidade de São Paulo, mostrava que mais de 50% dos projetos de médio e grande porte do setor – como um centro empresarial, supermercado ou *shopping center* – aprovados entre 1986 e 1989, localizam-se nas áreas do centro expandido e do quadrante sudoeste da cidade,

⁶⁰ Frúgoli faz referência para este contexto às obras de Castells, 1986; Cardoso, 1984; Bonduki, 1983; Macedo, 1979; Durham, 1988; Kowarick, 1988; Caldeira, 1984; e Magnani, 1984).

⁶¹ O autor faz referências aqui a (Rolnik, 1997:186-187).

com concentrações mais fortes na Marginal Pinheiros, Vila Olímpia (onde posteriormente veio a ser feita a expansão da Avenida Faria Lima) e na Berrini, sendo também visível o desenvolvimento de estabelecimentos de menores dimensões na Paulista.⁶² (Frúgoli Jr., 2000:40)

Frúgoli Jr. ainda coloca uma afirmação de relevância do professor Flávio Villaça:

"Outra manifestação da importância dada ao centro pelas camadas de alta renda, é o fato delas puxarem-no para próximo delas, de maneira que, mesmo quando se afastam, esse afastamento é em parte compensado pelo deslocamento do centro na direção delas."⁶³ (Frúgoli Jr., 2000:40)

É importante sobre o processo de descentralização colocado por Frügoli Jr. que

[...] numa metrópole cujo processo de expansão dotou os espaços de grande complexidade, a fragmentação dessa centralidade acentuou-se ainda mais a partir do surgimento de *shopping centers*, espalhados em diversas regiões, que passaram a se caracterizar como importantes espaços de consumo, lazer e sociabilidade de crescentes segmentos da população, inicialmente ligados às classes média e alta, e posteriormente também a vários segmentos das classes populares. [...]⁶⁴ (Frúgoli, 2000:38)

Além disso a complexidade aumenta ainda mais com a proliferação de condomínios fechados localizados nas áreas periféricas, próximos às áreas populares, voltados às classes elevadas com esquemas de segurança numa elevação no processo de segregação e na constituição de uma metrópole apartada. (Frúgoli Jr., 2000:39)

Assim sendo, esta apresentação resumida da expansão do centro em vertente a região sudoeste paulista, contextualiza as áreas de estudo desta pesquisa que serão apresentadas no capítulo subsequente.

⁶² Frügoli faz referência ao grupo da SEMPLA: (Rolnik, Kowarick & Somekh, 1990:148-149).

⁶³ Villaça, 1995:203, apud, Frügoli Jr., H. *Centralidade em São Paulo – Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole*. São Paulo, Edusp, 2000.

⁶⁴ Frügoli Jr., 1992, apud, Frügoli Jr., H. *Centralidade em São Paulo – Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole*. São Paulo, Edusp, 2000.

CAPÍTULO 3

ESTUDO DE CASO: CENTRALIDADES DE SÃO PAULO

3.1 Centro Histórico, Paulista e Berrini – As Centralidades na São Paulo Contemporânea: Delimitação das Áreas-Estudo de Caso

A escolha das áreas estudo de caso desta pesquisa está intimamente ligada ao próprio processo de expansão do centro histórico e ao processo de descentralização da cidade São Paulo.

A escolha foi feita, pela relevância de estudar uma metrópole pela sua centralidade ou suas centralidades como já abordado aqui ao resgatar as reflexões de Magnani (2002).

As áreas foram adotadas aqui como eixos. Eixos do próprio fluxo do usuário pela cidade onde representam também alguns eixos físicos relacionados ao próprio processo histórico da expansão do núcleo central como veremos adiante ao apresentarmos a evolução histórica, social, cultural e política de cada uma das áreas.

Sendo assim, as três centralidades de São Paulo são caracterizadas aqui por :

1. Centro Histórico – Na abordagem das leituras da paisagem urbana no Centro Histórico utilizamos dois eixos: o eixo leste-oeste aqui caracterizado pelo Elevado Presidente Costa e Silva e a Avenida São João até a Avenida Alcântara Machado; e o eixo norte-sul aqui caracterizado pela Avenida Prestes Maia e a Avenida Tiradentes até a Avenida 23 de maio. Os dois eixos aqui estudados representam historicamente a expansão do centro se interceptando no Centro Histórico tomando como objeto de foco, na leitura da paisagem apresentada no capítulo 4, na utilização do método da visão serial de Gordon Cullen (1960) o Edifício Altino Arantes (Edifício do Banco Banespa-Santander). O Edifício Altino Arantes, popularmente conhecido como o Edifício do Banespa pelo fato de ter por muito tempo abrigado o Banco do Estado de São Paulo, recentemente comprado pelo Banco Santander, está inserido no âmago da formação central da cidade que era chamado de Triângulo Histórico – a confluência das ruas Direita, XV de Novembro e Boa Vista;
2. Avenida Paulista – Na abordagem das leituras da paisagem urbana em torno do sub-centro da Avenida Paulista utilizamos também dois eixos pertencentes a esta centralidade⁶⁵: a própria Avenida Paulista (do início até a Rua Augusta) e a Rua Augusta (no trecho da Avenida Paulista até a Rua Estados Unidos), no sentido de estar enfatizando o fluxo na vertente de expansão sudoeste da cidade;
3. Avenida Luiz Carlos Berrini/Marginal do Rio Pinheiros – Na abordagem das leituras da paisagem urbana em torno do sub-centro Berrini utilizamos a Avenida Luiz Carlos Berrini e Marginal do Rio Pinheiros (no trecho compreendido entre a Ponte dos Bandeirantes e a Ponte do Morumbi);

⁶⁵ Alguns autores chamam as expansões centrais em vertente sudoeste da cidade caracterizadas principalmente pela Avenida Paulista e a Avenida Luiz Carlos Berrini como Centro Paulista e Centro Berrini; outros não utilizam o termo centro e sim, sub-centro; outros ainda utilizam os dois termos. Nós, nesta pesquisa, adotamos os dois termos.

Na seqüência será apresentada a evolução de cada área-estudo de forma de ao se apresentar já fará parte uma leitura "teórica" de cada área em questão, em uma abordagem de certa forma "de fora e de longe" (Magnani: 2002) e apoiando-se aos axiomas de Lewis (1979) como organizadores para a leitura visual da paisagem e a conclusão do trabalho que serão apresentados nos capítulos IV e V.

3.2 Centro Histórico – Evolução Histórica, Social, Cultural e Política

No início do século XX, o centro da cidade de São Paulo era caracterizado pela área desenvolvida em torno do Triângulo Histórico (confluência das Ruas Direita, XV de Novembro e Boa Vista) abrangendo a Praça da Sé, o Pátio do Colégio, o Largo São Francisco, a Praça João Mendes, o Largo da Memória, o Largo de São Bento, a Rua XV de Novembro, a Rua Direita, a Rua Florêncio de Abreu e a Rua São Bento. Esta área era o local de consumo, comércio e negócios da elite paulistana, apesar de já apresentar pequena ocupação popular. Nas suas proximidades, eram desenvolvidos em direção oeste os primeiros bairros de Campos Elísios, Vila Buarque e Higienópolis, pertencentes à aristocracia rural. (Frúgoli Jr., 2000:49) Ao mesmo tempo que as elites já procuravam portanto locais de moradia mais salubres que o centro, como a Avenida Paulista como será visto mais adiante.

Nesta época (nas primeiras décadas a sociedade tinha uma meta de construir um Centro. Focado principalmente nos interesses da classe dominante e da municipalidade, os padrões de projeto eram embebidos nos padrões europeus com a conjugação de ruas, praças e edificações.

Já nesse período, o Centro seria alvo de intervenções de porte. Antônio Prado (administração 1899-1910) implantou na região um implemento urbanístico, mediante o qual 'desafogou o Triângulo, ampliando o Largo do Rosário, recrismando de Praça Antônio Prado, que se tornou o ponto de confluência de todo o tráfego de veículos e pedestres do centro', além de ligar o Triângulo Histórico com o Pátio do Colégio, arborizar e ajardinar várias praças (como a da Luz e a da República), reformar e alargar a Praça da Sé (o que ensejou posteriormente a solução perimetral do trânsito do Centro), e criar a Praça do Patriarca e o Viaduto Santa Ifigênia, além do projeto paisagístico entre o Parque do Carmo e o Anhangabaú, no qual pretendia cercar todo o centro de jardins. (Frúgoli Jr., 2000:52)⁶⁶

Em 1911, constata-se a necessidade de ampliação do Triângulo comercial e a necessidade de alargamento de ruas e a expansão para o Vale do Anhangabaú, gerando assim o "Parque do Anhangabaú", com o polêmico projeto do arquiteto francês Bouvard prevendo a articulação das duas laterais do vale e adaptando o plano de Prado aos especuladores imobiliários. (Frúgoli Jr., 2000:52) Frúgoli Jr. no seu livro Centralidade em São Paulo, de 2000, coloca fazendo referência a Haskel & Gama, que várias intervenções vieram, portanto na gestão de Raimundo Duprat (1911-1914) objetivando o descongestionamento do centro da cidade sem a descaracterização do patrimônio histórico, para assegurar o desenvolvimento da cidade em condições normais e racionais e a criação de espaços livres como praças, jardins e parques.⁶⁷

Nos anos 20, já se apresentava uma paisagem urbana central repleta de instituições, espaços

⁶⁶ Frúgoli faz referência a Sevcenko, 1992:121;

⁶⁷ A referência vem de Haskel&Gama, 1998:22;

públicos e marcos simbólicos de importância para a cidade e a paisagem urbana atual, como a Várzea do Carmo (transformada em Parque D. Pedro II e o Vale do Anhangabaú (depois Parque do Anhangabaú articulado com o Vale do Piques (reformado no Parque do Obelisco). (Frúgoli Jr., 2000:50) A paisagem que toma forma nesta época e que determina alguns elementos de importância para a leitura da paisagem urbana cultural de hoje, nos traz então os indícios culturais da paisagem construída pelo homem como colocado por Lewis (1979) no Axioma da Paisagem Cultural como Indício Cultural.

Na paisagem deste início de século se apresentava também o Viaduto do Chá e o Viaduto de Santa Ifigênia, com estruturas metálicas importadas da Alemanha; o Teatro Municipal, projeto de Ramos de Azevedo⁶⁸, com características da Ópera de Paris. Ainda,

[...] figuravam, ao norte, a Estação da Luz, totalmente importada da Inglaterra até os últimos tijolos e os menores parafusos, segundo os modelos da Estação de Paddington e da torre do Big Ben. Ao sul ia se definindo o desenho gótico da catedral da Sé, talhada sob o figurino da matriz medieval de Colônia. A oeste, dominando a Praça da República, se destacava a imponente Escola Normal, de feição eclético, recaindo sobre o neoclássico do Segundo Império francês. A leste, mais para o final da década, se ergueria no topo da colina histórica o colossal prédio do arquiteto italiano Giuseppe Martinelli, um bloco maciço de concreto armado, que com seus vintes andares se arrojava como 'o mais alto da América do Sul'. (Frúgoli Jr., 2000:50)⁶⁹

Todos estes componentes de uma certa forma "importados" para cidade, assim como os próprios padrões de projeto já mencionados, foram inseridos nesta época e compunham junto aos outros elementos existentes a imagem do que era ou do que estava sendo ou vinha a ser a cidade – como já colocado neste trabalho que São Paulo de todas as formas é diferente de Chicago, de Nova York, de Londres, de Paris, etc...o que compreende o Corolário Regional de Lewis (1979) mas este processo de "importação" ou de "imitação" de elementos de outras realidades, no processo de leitura da paisagem está apoiado primeiramente no Corolário da Difusão (Lewis: 1979), indicando a mudança da paisagem cultural por imitação, e por conseguinte no Corolário da Convergência (Lewis: 1979) indicando aí a convergência nas aparências e na cultura.⁷⁰

Ainda dentro dos componentes importantes da paisagem da época e de hoje – durante os anos 30 e 40 são também inaugurados o Mercado Central, a Biblioteca Municipal, o novo edifício da

⁶⁸ O trabalho de Francisco de Paula Ramos de Azevedo foi de extrema importância pela monumentalidade suas obras e na formação de mão-de-obra técnica especializada; sendo dele a autoria de projetos como os das antigas Secretarias da Fazenda (1891) e da Agricultura (1896), o Quartel Tobias de Aguiar (1892), a Escola Normal de São Paulo (1894), a Escola Politécnica (1897), a Pinacoteca do Estado (1900), o Teatro Municipal (1911), o Edifício dos Correios e Telégrafos (1922), o Palácio das Indústrias (1924), o Mercado Municipal (1933) e o Palácio da Justiça (1933); (Frúgoli, 2000:52-53)

⁶⁹ Frúgoli faz referência a Sevcenko, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1992.

⁷⁰ Em todos os processos de configuração ou mudança de paisagem é possível enquadrar um ou vários Axiomas ou Corolários de Lewis; nós nesta pesquisa e nas leituras inseridas nela vamos estar resgatando os mais propícios para cada situação para podermos resgatar esta primeira leitura de uma forma mais organizada e adequada nas leituras visuais que aparecerão no decorrer do trabalho;

Faculdade de Direito, a estação da Estrada de Ferro Sorocabana; e no final dos anos 30 é instalada na Praça Ramos de Azevedo, em um edifício art déco, a Casa Anglo-Brasileira – importante no entendimento de um primeiro processo de expansão do centro juntamente com a abertura do Viaduto do Chá:

O Mappin Stores, instalado em 1913 inicialmente na Rua XV de novembro e posteriormente na Praça Patriarca, onde permaneceu por mais de duas décadas, constituiu inicialmente um típico espaço de afluência das classes privilegiadas [...]. A própria introdução da loja de departamento acarretava uma série de novos procedimentos modernizantes na relação entre vendedor e cliente [...]. Além disso, como no caso do chá do Mappin, aliavam a idéia das compras ao lazer, o que veio a ser explorado por concorrentes [...]. Em 1939, o Mappin foi transferido definitivamente para a Praça Ramos de Azevedo, em frente ao Teatro Municipal. Parte do comércio do Centro saiu dos limites do 'Triângulo Central', em direção à Praça da República, processo em parte facilitado pela abertura do Viaduto do Chá [...] algumas das lojas 'elegantes' passaram a se fixar na Rua Barão de Itapetininga e adjacências, constituindo a nova região da circulação da elite no Centro, com o início da popularização do comércio no 'Triângulo Central'. É de certa forma o início de expansão do Centro, seguindo depois por um 'extravasamento' rumo a outras regiões. Na nova sede o Mappin destinou-se inicialmente ainda às elites, mas, principalmente a partir da venda da participação acionária dos sócios ingleses para brasileiros, optou-se por uma popularização do magazine. Isso já se relacionava com uma industrialização que substituiria os produtos importados, o crescimento populacional e de renda, a adoção de sistema de crédito, etc. [...] Tais tendências culminaram (posteriormente) em 'lojas de variedades', que comercializam produtos de baixo valor unitário e amplo consumo, como as 'Lojas Americanas', 'Lobrás' e posteriormente 'Brasileiras', que vieram a se estabelecer na Rua Direita, próximo ao Triângulo Central, identificada até hoje como um dos logradouros de maior comércio de caráter popular em São Paulo. (Frúgoli Jr., 2000:51)⁷¹

A partir dos anos 30 a cidade toma rumos à metropolização, na gestão de Francisco Prestes Maia (1938-1945), principalmente com o "Plano de Avenidas" abrangendo sistema viário, circulação, transportes, diretrizes para embelezamento e arruamento, zoneamento, expansão urbana e legislação tributária, numa idéia de extrapolar os limites de cidade e centro da cidade; (Frúgoli Jr., 2000:53) no momento também da opção por transporte individual, como Bonduki (1997) coloca: defendendo a abertura de avenidas, com recursos para as obras durante o Estado Novo, adiamento o metrô – participando de uma proposta para o metrô em 1955, mas quando prefeito em 1961, sem recursos, não executou⁷². (Frúgoli Jr., 2000:53)

Para Maria Lúcia Libâneo, Prestes Maia, do ponto de vista ideológico, defendia os interesses da nascente burguesia industrial paulista. O Plano de Avenidas, com a ajuda financeira do governo estadual durante a ditadura varguista, visaria a uma intervenção urbanística aparentemente apolítica

⁷¹ Frúgoli faz referência deste texto a outro trabalho de sua autoria: Frúgoli Jr., 1995:26-27;

⁷² Com referências de Frúgoli a citações de Bonduki, 1997:7;

e técnica da modernização⁷³, que influíu em boa parte na configuração urbana posterior de São Paulo. (Frúgoli Jr., 2000:53-54)

Os anos 50 apresenta, São Paulo em início de uma meta de intervenção urbana em vista de uma Metrópole multipolar em um período político econômico de transição da gestão de Getúlio Vargas (1951-1954) para Juscelino Kubitschek (1955-1960) na presidência do país onde o primeiro priorizava o capital nacional, concentrado na produção de bens de capital, como a siderúrgica e o segundo promovia a abertura para o capital estrangeiro, a produção de bens duráveis de consumo enfatizando a indústria automobilística. (Frúgoli Jr., 2000:56)

No aspecto cultural, o Centro aparece na década de 50 como o mais importante espaço cultural e intelectual da cidade com as atividades desenvolvidas principalmente pelo MASP – Museu de Arte de São Paulo (instalado em 1947 na Rua Sete de Abril, na sede dos Diários Associados) e então a presença da Escola Livre de Música, a Biblioteca Municipal, a Livraria Jaraguá, a Galeria Ita, o Teatro Municipal, o Teatro Cultura Artística, a Loja do Livro Italiano, a Livraria Francesa, a Livraria Cosmos, entre outros. (Frúgoli Jr., 2000:55-56)

Nesta época, o prefeito Wladimir de Toledo Piza convida o sacerdote e teólogo Pe. Louis Joseph-Lebret, fundador na França do Centro de Estudos Economia e Humanismo um amplo estudo sobre a cidade gerando assim a Sagmacs – Sociedade para a Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais. (Frúgoli Jr., 2000:56) O diagnóstico da Sagmacs foi: cidade com crescimento anárquico e caótico, valorização especulativa, antieconômica e anti-humana, com sacrifício das classes populares, situadas em áreas periféricas sem qualquer infra-estrutura; cidade “tentacular” avançando com a industrialização para além de seus limites territoriais e “centrípeta” atraindo contingentes populacionais de outras áreas do país; centro com saturação física e econômica insuficiente para atender às necessidades da população; aumento de contingente populacional no centro em virtude de afluxo diário de pessoas que moravam em outro local e trabalhavam no centro. Para Lebret o desafio era tornar uma cidade orgânica, planejada, descentralizada, democrática e coletiva atendendo aos interesses populares. (Frúgoli Jr., 2000:57)

Tal plano, entretanto, não veio a ser implantado, pois entrava em choque com a visão com a visão dominante de cidade moderna da burguesia ascendente, para quem a cidade representava um campo de batalha da acumulação do capital, mostrando-se o projeto inviável numa sociedade regida pelas forças de mercado, ainda que essa visão humanística não tenha se perdido e viesse a influenciar, de distintas formas, vários planejadores. (Frúgoli, 2000:57)

Sendo assim, a Sagmacs propunha a multipolarização ao contrário dos proprietários de edifícios do centro que queriam sim, benefícios para a área.

A partir dos anos 60 ocorre um desdobramento da centralidade e não a multipolaridade proposta

⁷³ As referências a Maria Lúcia Lisbâneo vem de

pela Sagmacs. A partir do golpe militar ocorrem intervenções de cunho autoritário no espaço urbano, gerando obras que acabaram contribuindo para a degradação do espaço urbano, assim como ocorreu após a implantação do Elevado Costa e Silva (o "minhocão") no centro de São Paulo, completando a ligação leste-oeste, que acabou na degradação da Avenida São João. Este empreendimento ocorre na gestão do prefeito Paulo Maluf, obra primeiramente abordada na gestão anterior, de Faria Lima, projetada como uma ligação elevada da Praça Roosevelt à Praça Marechal Deodoro, foi abandonada pelo prefeito dar prioridade ao metrô e esta obra poder causar interferência, principalmente pelas fundações é retomada na gestão de Maluf e acrescida do treco da Praça Marechal Deodoro até o Largo Padre Péricles.

Outro fator que contribui para uma mudança na paisagem urbana central, é que desde os anos 30 São Paulo começa receber uma contingente cada vez maior de pessoas de classes populares, principalmente migrantes nordestinos, ocupando principalmente a área central, que numa atividade pura de sobrevivência começam a desenvolver atividades informais no espaço urbano central, atividades de trabalho, às vezes com pequenas atividades transgressiva, às vezes rumo a marginalidade, mas também numa mistura interclasse às vezes solidária numa atividade clientelista - na verdade, resultando numa enorme rede de diversidades socioculturais de cunho complexo e conflitivo. (Frúgoli Jr., 2000:58)

Frúgoli coloca ainda que

[...] a crescente popularização do Centro, a partir de meados dos anos 60, foi concomitante ao início de evasão de empresas e bancos para outros subcentros, à deterioração de parte de seus equipamentos urbanos e ao declínio de seu valor imobiliário [...] (Frúgoli Jr., 2000:61)

porém frisando que os processos são concomitantes e não a determinação de um sobre o outro.

Considero, antes de tudo, a lógica do desenvolvimento urbano rumo a outras regiões da cidade – fruto de decisões tanto do poder público, como da iniciativa privada – o principal fator de deterioração, o que gera queda na qualidade dos serviços públicos e das edificações das áreas abandonadas por tais investimentos. (Frúgoli Jr., 2000:61)

Assim sendo, mesmo com obras de reurbanizações principalmente ocorridas por intervenções do metrô e outras como a reurbanização da Praça da Sé, o Largo São Bento...dentre várias ocorridas durante os anos 70, na gestão de Olavo Setúbal (1975-1979) como a pedestrianização de ruas, e outras nos anos 80, como o restauro da biblioteca Mario de Andrade, não reverteram o processo de degradação do centro. (Frúgoli Jr., 2000:62)

Nos anos 80, na gestão de Reinaldo de Barros (1979-1982), a principal medida de revitalização do centro foi o concurso para a remodelação do Vale do Anhangabaú, com projeto vencedor coordenado por Jorge Wilhelm e Rosa Kliass, propondo a substituição do eixo norte-sul, que dividia o Vale no meio, por uma área de lazer, retomando o projeto de Bouvard, e a construção de uma

passagem subterrânea. A execução do projeto foi feita em parte somente na administração de Jânio Quadros (1986-1988) com a construção da primeira passagem subterrânea, sendo a segunda executada na gestão de Luiza Erundina (1989-1992). A gestão de Mário Covas (1983-1985), imediatamente posterior a de Reinaldo de Barros, deu prioridade à periferia, interrompendo boa parte das obras na área central, com exceção, da primeira idéia de transferência da prefeitura para o edifício do Palácio das Indústrias, como tentativa de reversão do processo de degradação do Parque D. Pedro II, que ocorreu no seu governo mas que só seria realmente implantada na gestão de Luiza Erundina. (Frúgoli Jr., 2000:64)

Sendo assim, nos anos 90, a região central recebe na gestão de Luiza Erundina a continuidade das obras do Anhangabaú, a operação urbana Anhangabaú com inclusão de parceiros privados, o bulevar São João integrado ao projeto Anhangabaú; o programa-piloto de ordenação da paisagem "Eixo Sé-Arouche" removendo os excessos existentes nos equipamentos urbanos e nas fachadas de edifícios com anúncios publicitários; as restaurações do Teatro Municipal, a Biblioteca Mario de Andrade, o edifício dos Correios e a Igreja São Bento ; e portanto a transferência da sede da prefeitura para o Palácio das Indústrias, como prevista na gestão de Mario Covas, com um projeto de Lina Bo Bardi, e a revitalização parcial do Parque D. Pedro II. (Frúgoli Jr., 2000:65)

[...] o Centro situa-se num quadro geral marcado pela expansão de outras centralidades, a fuga de empresas e a deterioração de vários equipamentos urbanos, sendo uma espaço de interclasses – com o predomínio de diversos usos pelas classes populares –, dispondo ainda de um razoável dinamismo econômico – com a geração de empregos –, além de contar com seguidas intervenções do poder público nas últimas décadas, incapazes de reverter o processo mais amplo de deterioração, mas que de toda forma vêm dotando essa área de uma razoável infra-estrutura urbana. (Frúgoli Jr., 2000:68)

Neste espectro, surge então em 1991, a Associação Viva o Centro – Sociedade Pró-Revalorização do Centro de São Paulo. De uma forma resumida, constitui uma associação de proprietários urbanos de setores da economia, serviços, comércio, instituições privadas e públicas instaladas em áreas de degradação no intuito de funcionar como interface de poder público e demais instituições para a realização de projetos de revalorização das dadas áreas. (Frúgoli Jr., 2000:69)

Desta organização, de grande importância (apenas para exemplificar aqui empresas e instituições envolvidas) foram as atuações do Banco de Boston, do Banespa e as Bolsas – Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) e a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) que permaneceram no centro em um período que grandes instituições estavam saindo, como o Lloyds, o Banco Holandês, o Citybank... dentre outros. (Frúgoli Jr., 2000)

Ainda de forma resumida, apenas para fechar o panorama de intervenções no Centro, a Associação Viva o Centro desempenhou papel de busca de parcerias entre poder público e os

associados na recuperação do Mosteiro de São Bento (feita pelo Banco de Boston), a iluminação do Mosteiro (feita pela Philips do Brasil), a recuperação do Largo de São Bento (feita pela Prefeitura); além de efetiva participação no Concurso de Idéias para o Centro de São Paulo, nas atividades de cunho social em parceria com o Projeto Fundação Travessia em referência à população de rua, na continuidade do Projeto Luz Cultural (revitalização da área da Luz), na revitalização da Pinacoteca do Estado de projeto de Paulo Mendes da Rocha, dentre outros. (Frúgoli Jr.,2000)

3.3 Paulista – Evolução Histórica, Social, Cultural e Política

A Avenida Paulista é inaugurada em 1891, fruto de um empreendimento de um grupo de empresários liderados pelo Engenheiro Joaquim Eugênio de Lima com experiência anterior na promoção de arruamentos e loteamentos em outros bairros de São Paulo. A Avenida Paulista é assim, construída em uma área de trilha primitiva para boiadas e carros de boi, cortando também a Chácara Bela Cintra, ao longo de um espigão coberto pelas matas do Caagaçú, divisor de águas dos rios Pinheiros e Tietê.

O Engenheiro Joaquim Eugênio de Lima, que posteriormente se tornaria proprietário de todos os terrenos da área juntamente com João Augusto Garcia e José Borges Figueiredo, juntos com o grupo de empresários, viram na avenida o potencial para residências de alto padrão em área salubre que a elite paulistana procurava.

As elites, [...] , cada vez mais segregavam-se da cidade dos negócios, localizada no núcleo central do triângulo, passando a ocupar os terrenos altos e secos de antigas chácaras subdivididas em lotes. As chácaras que envolviam o núcleo antigo não eram mais imprescindíveis para o sustento autônomo dessas unidades e para a sobrevivência da cidade. [...] Os terrenos secos, próximos ao centro e às estações e as regiões servidas por linhas de bondes [em 1900 foi instaurada a linha de bonde na Avenida Paulista] foram então as áreas mais valorizadas. Nesse processo ocuparam-se com residências Santa Ifigênia, Luz e Campos Elísios e também as avenidas São Luís e Liberdade, entre outros locais. Pouco mais tarde, valorizava-se a proximidade com o centro, mas se buscava evitar a aglomeração e o que era visto como promiscuidade, a mescla de funções e de diferentes classes sociais que o centro abrigava. Numa preocupação oriunda sobretudo dos novos conhecimentos científicos sobre saúde e higiene, as elites buscaram as zonas altas, arejadas, limpas, nas quais as doenças seriam evitadas. Assim foram ocupados o bairro de Higienópolis e a avenida Paulista. (Wolff, 2001:56)

A Paulista estava relativamente despovoada até 1910, sendo que daí até a crise 1929 foi ocupada principalmente por fazendeiros de café, responsáveis pela “tomada do espigão central”; esta preferência dá-se principalmente pela proximidade com o centro⁷⁴ e pela presença de bondes como já mencionado anteriormente. (Frúgoli Jr.: 2000)

Além dos bondes, é importante ressaltar aqui, alguns feitos de importante relevância que molda a paisagem da Avenida na época fruto inicialmente de um empreendimento imobiliário, fora alvo de investimentos privilegiados do poder público: em 1908 é feito o asfaltamento da Avenida Paulista; em 1911 a Prefeitura na gestão do Barão de Duprat, compra o parque Villon que passa-se a chamar Parque Trianon com a remodelação dos jardins feita pelo paisagista inglês Barry Parker, além do belvedere, com projeto de Ramos de Azevedo. Nos anos 30 o parque foi rebatizado como Parque Tenente Siqueira

⁷⁴ Os fazendeiros de café tinham esta preferência principalmente pela razão das firmas exportadoras de café, com seus escritórios e bancos, estarem localizadas no centro;

Campos sendo importante centro da vida social da cidade cujo belvedere e o edifício de dois andares com salão de chá e restaurante, durante os anos 20 e 30, abrigavam festas, bailes, banquetes, etc... (Frúgoli Jr., 2000:114-115)

Importante para o entendimento do processo de urbanização em torno da Avenida Paulista é o papel desempenhado por Horácio Belfort Sabino, advogado, natural de Florianópolis. Em 1903, Sabino constrói sua residência na esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta (onde está localizado hoje o Conjunto Nacional). Nesta mesma década, mais precisamente em 1910, Sabino funda a Sociedade Anônima de Villa América, promovendo o arruamento e loteamento dos terrenos da vertente Sul da Avenida Paulista (herdados de seu sogro) abrangendo ruas paralelas à Avenida Paulista como as Alamedas Santos, Jaú, Itu, Franca, Tietê, Lorena e perpendiculares como as Ruas Augusta, Haddock Lobo e Bela Cintra. Desta forma estava surgindo ali a Vila América, nome que deu em homenagem à sua esposa. O sucesso do empreendimento levou Horácio Sabino, Cincinato Braga, Sampaio Vidal, Cesário Bastos e outros a adquirirem glebas totalizando 12 milhões de metros quadrados. Para um empreendimento deste porte Sabino fortaleceu-se da ajuda de banqueiros ingleses constituindo assim a "The City of São Paulo Improvements & Fehold Land Co. Lt.", popularmente conhecida como Companhia City, fazendo nascer então, bairros como o Jardim América, Pacaembu e Alto da Lapa; e mais tarde com a constituição da Companhia Cidade Jardim, dá origem a bairros como o Jardim Leonor, o Jardim Morumbi e o Jardim Guedala.

Além do pioneirismo de Sabino em empreendimentos imobiliários, a Companhia City, com a abertura da Rua Colômbia (prolongamento da Rua Augusta), da Avenida Europa e da Avenida Cidade Jardim constituindo os bairros Jardim América e Jardim Europa, foi importantíssima para o urbanismo e a legislação de São Paulo, já que por sua influência eram feitas adaptações em legislações vigentes.

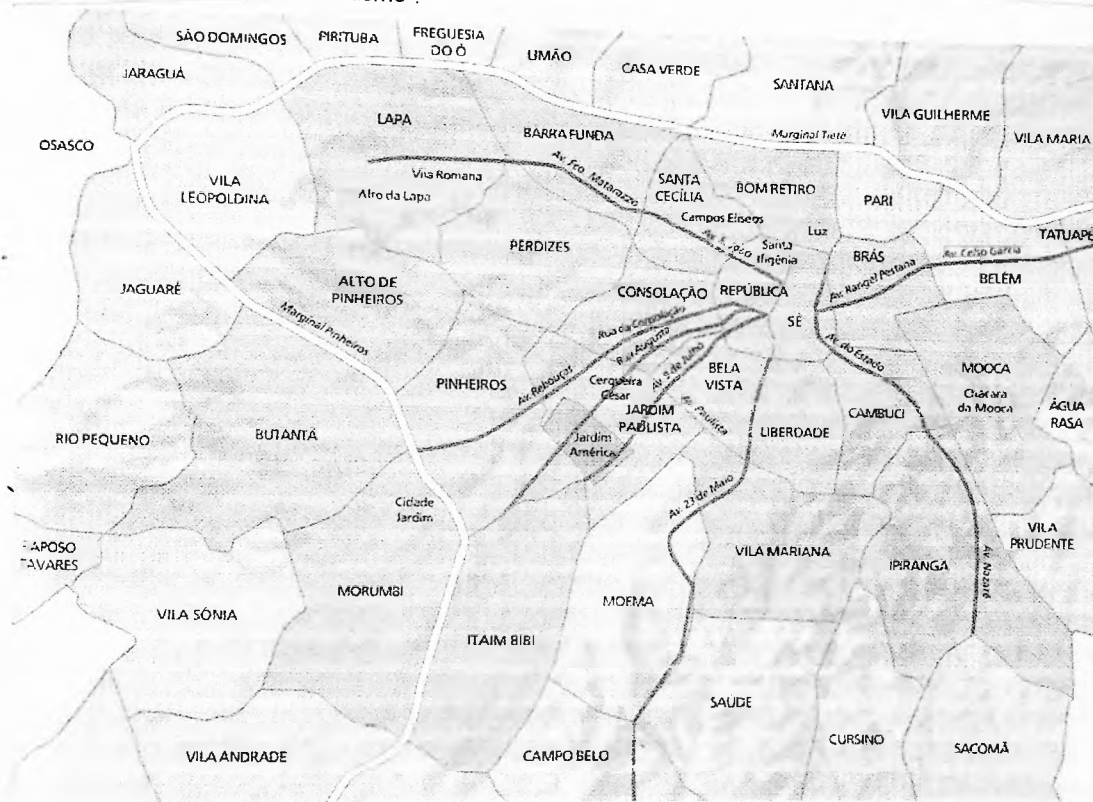
Novamente em relação aos bondes, de papel importante na valorização de áreas na época, é importante relatarmos que em 1905 já apareciam os rumos da ocupação tentacular das "patas de aranha" representadas pelas linhas de bonde da Light e os vazios urbanos, entre eles os lotes de propriedade de Sabino e futuramente da Companhia City; sendo que as áreas entre as linhas seriam as áreas ocupadas pelos futuros empreendimentos.

No início do século, a Rua Augusta já se apresentava como a artéria comercial que abastecia a região, com a presença de estrangeiros comerciantes e os empórios que comercializavam produtos importados para as elites da região como o caso do Empório e Confeitaria Jardim América. Mais tarde a Rua Augusta representaria uma importante artéria comercial para toda a cidade.

Contudo,

logo após a crise de 1929, [...] muitos fazendeiros tiveram que vender a suas casas para portugueses, italianos e libaneses. Houve, então, uma gradativa passagem, na Paulista, para um

quadro social de moradores com riqueza proveniente de outras fontes, [...] (Frúgoli Jr., 2000:114) quando as novas fortunas provêm da indústria e do comércio, nas mãos principalmente de estrangeiros, imigrantes enriquecidos refletindo na cultura da região e na paisagem urbana, principalmente pela arquitetura marcada pelo "ecletismo".



Localção dos principais logradouros paulistanos, cuja base é o mapa das linhas de bonde com traçado em "patas de aranha" da Light de 1924. (Wolff, 2001:47)

A Paulista representa nesta época, a imagem de prestígio e distinção com relação aos seus moradores e também um dos principais "cartões-postais" de São Paulo. (Frúgoli Jr., 2000:116)

Tal quadro, entretanto, teria uma vida curta, uma vez que, nas décadas seguintes, mudanças significativas atingiriam sua configuração, não obstante tenham sido mantidos tanto seu prestígio dentro da metrópole, quanto seu valor imobiliário e seu conjunto urbanístico, porém socialmente apresentados em outras bases [...]. (Frúgoli Jr., 2000:116)

Sendo assim, a década de 40 até a década de 70 representa um novo período histórico da Avenida Paulista, com início de sua verticalização em 1940 com a construção do Edifício Anchieta –

marcada pela passagem do ecletismo à formação de um conjunto de edifícios, consolidando ali uma "arquitetura nacional" - a arquitetura é ali expressada nas bases dos princípios funcionalistas. Todos os edifícios daquela época são destinados ao uso residencial: Anchieta (1940), Nações Unidas (1952), Paulicéia (1956) e o 5ª. Avenida (1959) – com exceção do conjunto Nacional (1956). Na década de 60 é completado o quadro com os Edifícios Casper Líbero e o do Masp, ambos em concreto armado. (Frúgoli Jr., 2000:116-117)

Esta verticalização é explicada pelo entendimento que com o crescimento da cidade e a ocupação de bairros ao lado dos jardins a Avenida Paulista torna-se aí eixo de tráfego e as antigas mansões eram substituídas por edifícios residenciais transformando-se em um eixo residencial adensado já que a prefeitura não permitia a instalação de estabelecimentos comerciais mas permitia a construção de edifícios residenciais.⁷⁵ (Frúgoli Jr., 2000:117)

Mas de uma série de dificuldades em relação aos padrões habitacionais das antigas residências como: extrema valorização dos terrenos, dificuldade de locação, problemas com inventários, difusão de apartamentos em condomínios a longo prazo e a inflação e a desvalorização da moeda faz com que uma ocupação terciária torna-se irreversível,⁷⁶ cujo um dos marcos que impulsionaram esse movimento foi o Conjunto Nacional, projeto do arquiteto David Libeskind, inaugurado em 1956, seguido (de também importância relevante) pelo Masp, inaugurado em 1968, com projeto de Lina Bo Bardi (Frúgoli Jr., 2000:115-116)

A transferência do Masp do Centro para a Paulista não só conferiu considerável relevância à futuras atividades culturais na região, como antecipou-se à grande migração de empresas, principalmente bancos, que se daria sobretudo a partir dos anos 70, sem contar que, a partir dos anos 80, seu vão livre tornou-se um importante espaço público, com manifestações, show, eventos, etc. (Frúgoli Jr., 2000:121)

Como importante ponto de encontro cultural, principalmente de intelectuais até hoje, aparece a Livraria Cultura instalada no Conjunto Nacional desde 1969. Aliás, o Conjunto Nacional representa hoje um símbolo no processo revalorização da Paulista restando-se a importância de sua também função residencial. (Frúgoli Jr., 2000:118-119)

A partir de 1968, a Avenida Paulista é inserida em um processo de metropolização desenvolvido pelo poder público, visando assim uma intervenção de grande porte no seu sistema viário, onde o mais relevante é o Projeto Nova Paulista, que de uma forma aqui muito resumida, após transações complexas do poder público, resulta no alargamento da Avenida Paulista em 1974.

Até o final dos anos 60, a cidade contava com apenas um único centro.

Foi quando uma nova e significativa concentração se estruturou ao longo do então 'Centro Paulista',

⁷⁵ Frúgoli faz referência e cita texto de Nestor Goulart Reis Filho, na exposição "Trianon – o Masp e seu entorno";

Outro fato relevante sobre o caráter sócio-político-cultural é o de que a Avenida Paulista, principalmente a partir do início dos anos 90, tornou-se palco de manifestações políticas, de eventos; além das comemorações esportivas da década de 70 e a corrida anual de São Silvestre que ocorre desde 1924. (Frúgoli Jr.: 2000)

A partir do final da década de 80, a Paulista começa a sofrer indícios de degradação, principalmente a fatos como: a decadência dos edifícios residenciais – principalmente pelo interesse de transformação em edifícios de escritórios trazendo o aumento no valor do imóvel, condomínio, fazendo com que os proprietário vendessem ou na maioria dos casos alugassem, deixando na mão de inquilinos que zelariam menos pela manutenção do imóvel; pequena quantidade de novos lotes disponíveis para o mercado imobiliário; a presença de pequenos estabelecimentos como barbeiros, chaveiros; a insegurança cada vez mais notável nas ruas; além de a partir de meados dos anos 90 duas avenidas estariam disputando com ela: Faria Lima e Berrini. (Frúgoli Jr.: 2000)

Em 1995, foi criada a Comissão Paulista Viva. Dentre as funções da Comissão era conservar manter e desenvolver suas melhores características como avenida-símbolo da cidade.

Dentre as atuações de maior porte da Comissão foi dada em 1996 com a criação do Concurso de Propostas para a Valorização Urbana da Avenida Paulista, "criado a fim de dar condições para que a vocação da Paulista – entendida como pólo de atividades econômicas, institucionais e culturais – se realizasse plenamente, foi oficialmente comunicado pela Sempla, por Solicitação da Comissão Paulista Viva. Em 30.6.1996 foi anunciado o projeto de José Magalhães Jr. e José Francisco Xavier Magalhães como o projeto vencedor." (Frúgoli, 2000: 153)

Frúgoli descreve um quadro conclusivo sobre as atuações da Comissão Paulista Viva:

"a) as ações pontuais [...] mais destacadas até o momento [2000] foram medidas que atingiram grupos populares, como a retirada de boa parte de ônibus da Avenida, além da retirada integral de camelôs de suas calçadas, ainda que muitos deles venham ocupando as ruas transversais, sem falar de outros grupos sociais atingidos de distintas formas, como os moradores da Paulista, que certamente desejariam um espaço de maior participação, ou como os manifestantes políticos, que de certa forma vêm perdendo aquele espaço como fórum de protestos de grande visibilidade; b) a mentalidade que a Associação pretende desenvolver, sobretudo em cada proprietário ou morador de edifícios, de zelar pelos equipamentos urbanos, pode tanto promover maior consciência cidadã dos mesmos quanto à preservação da Avenida, como pode resultar numa espécie de vigilância privatizada do espaço, ameaçando o espaço público; c) não há, [...], a produção de uma reflexão claramente estruturada em torno da revalorização da Paulista, dado o pressuposto que o concurso já teria definido o básico a ser feito, ou seja, a dinâmica nesse caso dá-se em torno dos desdobramentos que se definem nos bastidores da relação da Associação com a prefeitura e a Emurb, com o acompanhamento de decisões políticas e técnicas para a realização do projeto vencedor, incorporando idéias de outros projetos premiados, ainda que a implementação concreta

seja uma incógnita; d) reunindo analiticamente fragmentos de declarações de membros com posição estratégica no conselho deliberativo da Associação, chega-se à constatação de que o projeto de revalorização foi pensado como uma intervenção parcial de requalificação de um espaço já produzido e integrante da história da cidade, por sua vez considerado um espaço urbano por excelência, diferenciado e emblemático, que, embora tenha uma série de características de um grande centro, não incorporaria como vocação nem a prática disciplinada do comércio informal, nem o conjunto de manifestações políticas ali existentes; e) não há uma reflexão clara sobre o próprio significado de deterioração, ou, melhor dizendo, não há uma clara explicitação sobre qual é efetivamente o patrimônio em deterioração a ser preservado, dada a sua constante destruição/construção como um dado histórico constitutivo; f) [...] o caráter político da aliança entre a cúpula da Associação e a gestão malufista (incluindo aqui o sucessor Celso Pitta) é claro, uma vez que a Comissão nasceu por decreto do poder público, sendo difícil a curto prazo, imaginar autonomia da Associação quanto às decisões do mesmo poder público sobre os rumos do projeto; g) nesse caso, pouco se pode esperar de uma gestão em continuidade a outra que priorizou claramente outros pólos do vetor sudoeste mais periférico, e que promove, pela natureza de suas prioridades, crescente deterioração nos equipamentos urbanos como um todo." (Frúgoli Jr., 2000:170)

3.4 Berrini – Evolução Histórica, Social, Cultural e Política

O início do processo empreendedor em torno da área da Marginal do Rio Pinheiros e da Avenida Luiz Carlos Berrini, configurando o que seria o “Centro Berrini”, pode ser inicialmente atribuído a pelo menos dois fatos ocorridos na região: a implementação do Centro Empresarial de São Paulo (1977) e pelo empreendimento imobiliário efetuado pela empresa Bratke-Collet na construção de centena de edifícios de alto padrão de escritórios na Avenida Luiz Carlos Berrini. (Frúgoli Jr., 2000:175-176)

Para alguns autores a formação de um centro intitulado de “Centro Berrini” não constitui uma unidade autônoma de centralidade e sim um processo de expansão do núcleo central da cidade em vertente sudoeste fruto da própria situação econômica na mudança gradativa do regime *fordista* para o de acumulação flexível, aumentando assim o poder econômico de capital financeiro. (Frúgoli Jr., 2000: 175-176)

Esta unidade autônoma, segundo informações provindas dos irmãos Bratke, não estava vinculada a um planejamento e, por conseguinte a ausência de poder público envolvido ocorrendo assim uma ação privada e

[...] monopolista na (re) estruturação do espaço: uma única empresa, a Bratke-Collet, desdobrou-se em três – a Braço S/C Ltda., a Bratke-Collet e a F.Collet S/C Ltda., as duas primeiras de propriedade de Roberto Bratke e Francisco Collet, e a última somente de F. Collet -, que tiveram o papel de maior importância, ao desempenhar, respectivamente, as funções de incorporadora de capitais, construtora e empreiteira de mão-de-obra, produzindo num curto espaço de tempo uma grande concentração de edifícios de escritório (cf. Fujimoto, 1994:49-55). Tal estratégia teria estado presente desde o início, com a aquisição simultânea de 30 terrenos entre 1974 e 1976, para posterior construção de vários edifícios (evitando assim a concorrência), através da incorporação de capitais privados, incluindo o conhecimento prévio de futuros investimentos públicos. (Frúgoli Jr., 2000:177);

Sendo assim, os projetos da prefeitura para a ligação da Faria Lima e Berrini, e o projeto para a abertura da Avenida Águas Espraidas são anteriores ao processo e constituíram pontos favoráveis aos empreendimentos. (Frúgoli Jr., 2000:177)

Segundo Carlos Bratke, autor de mais de 50 edifícios na Berrini (mesmo não sendo o único), os novos edifícios do setor terciário, abarcavam as empresas que saíam do centro e efetivam uma alternativa em custo inferior aos dos imóveis da Paulista.

O início dos anos 90 aponta, segundo a grande imprensa, a estruturação de um forte pólo não mais apenas em torno da Berrini, mas no território formado por esta e pela Marginal Pinheiros, dada a forte concentração de megaprojetos, atraindo novas empresas – parte dessa atração ainda baseada na saturação de imóveis da Paulista e da Berrini [...]. (Frúgoli Jr., 2000:187)

Mesmo com a grande importância da Bratke-Collet e da Berrini, a Marginal Pinheiros começa então a receber novos grandes projetos imobiliários na região, como o World Trade Center, com torres de escritório, hotel e shopping de design - projeto de Giancarlo Gasperini e Roberto Aflalo.

Seguindo este exemplo, empreendimentos de grande porte como o Banco de Boston, o Grand Hyatt Hotel e a própria rede globo, entre outros se instalaram na região. E ainda, com a internacionalização e, por conseguinte, a vinda de empresas principalmente estrangeiras na ocupação dos edifícios vieram os agentes imobiliários e administradoras como Richard Ellis, Jones Lang Lasalle, Colliers, etc...

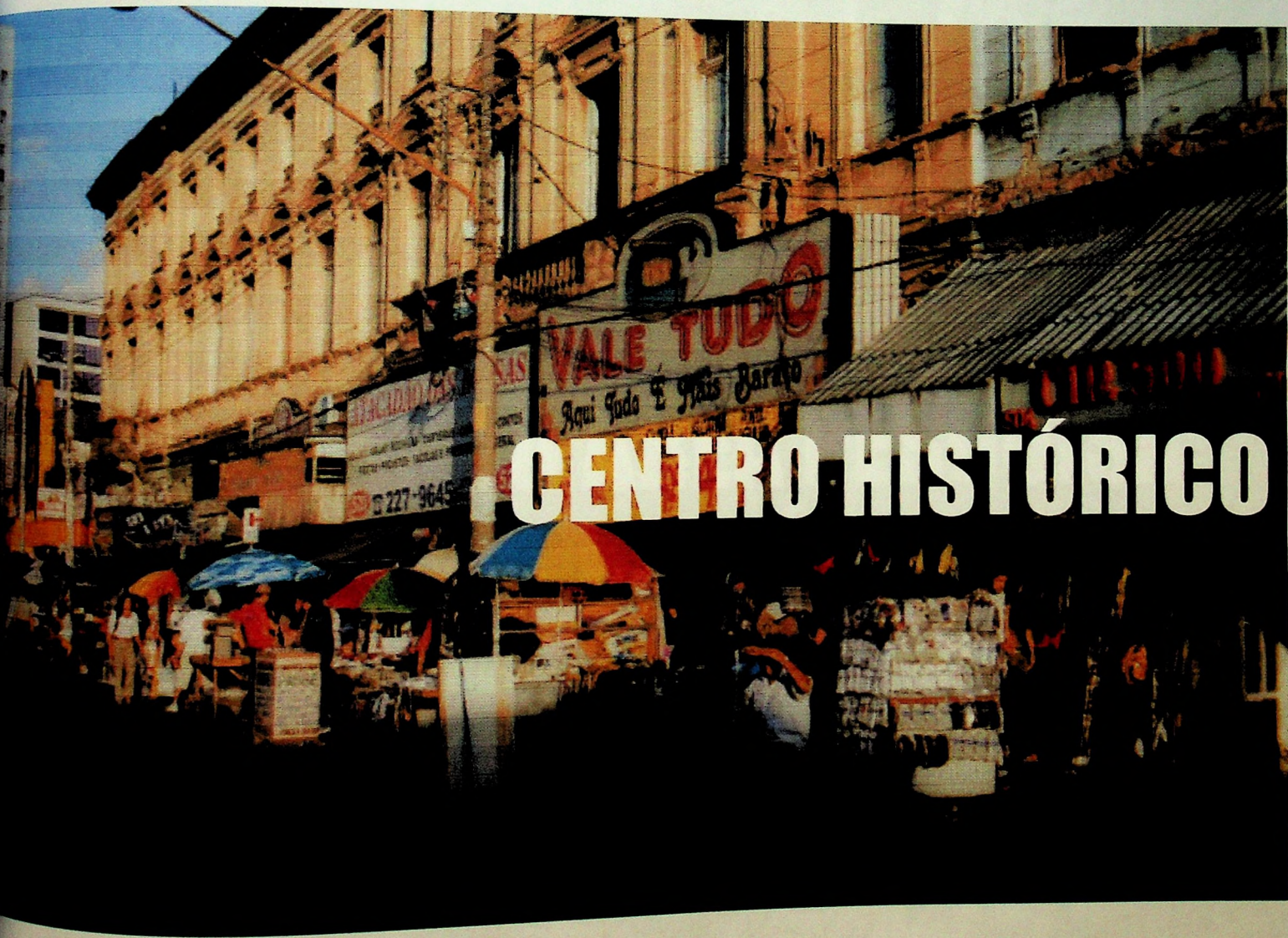
Mas é importante ressaltar que a Berrini é um espaço limitado, tanto em equipamentos urbanos disponíveis qual à diversidade sócio-cultural com sua escassa vida pública. Na Marginal Pinheiros o caráter é acentuado com um espaço público tipo desértico.

Se por um lado, isso se dá pela própria criação de centralidade em regiões cada vez mais periféricas, constata-se que a intervenção ocorrida durante o projeto Águas Espraiadas, de natureza excludente e antipopular, reforça de forma profunda esse processo. (Frúgoli Jr., 2000:214)

CAPÍTULO 4

ABORDAGEM PRÁTICA APLICADA À CONDIÇÃO DA METRÓPOLE

4.1 IMAGENS



CENTRO HISTÓRICO



DELIMITAÇÃO ÁREA PESQUISA CENTRO HISTÓRICO

ÁREA 1

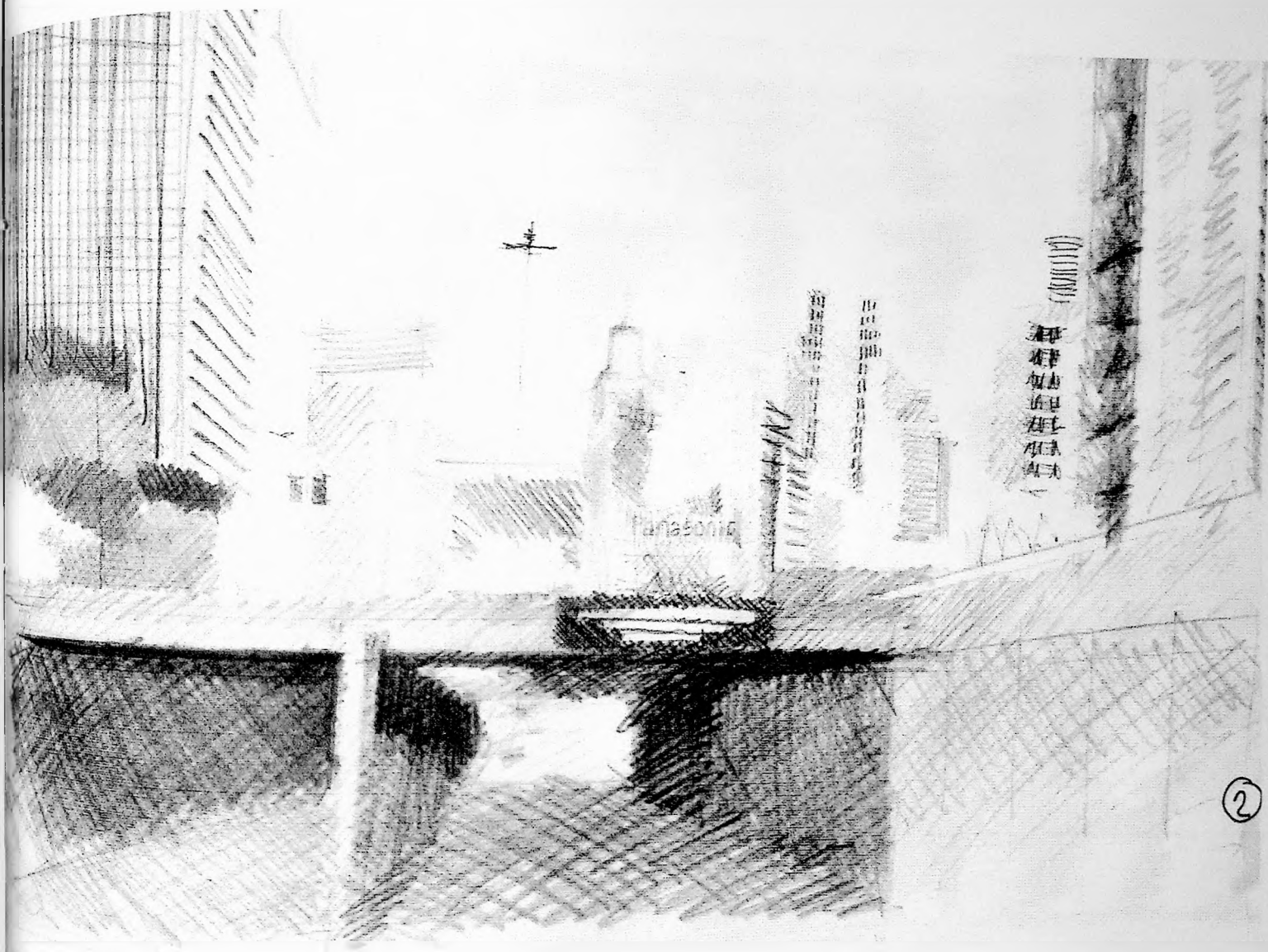
56



EIXO TIRADENTES | PRESTES MAIA

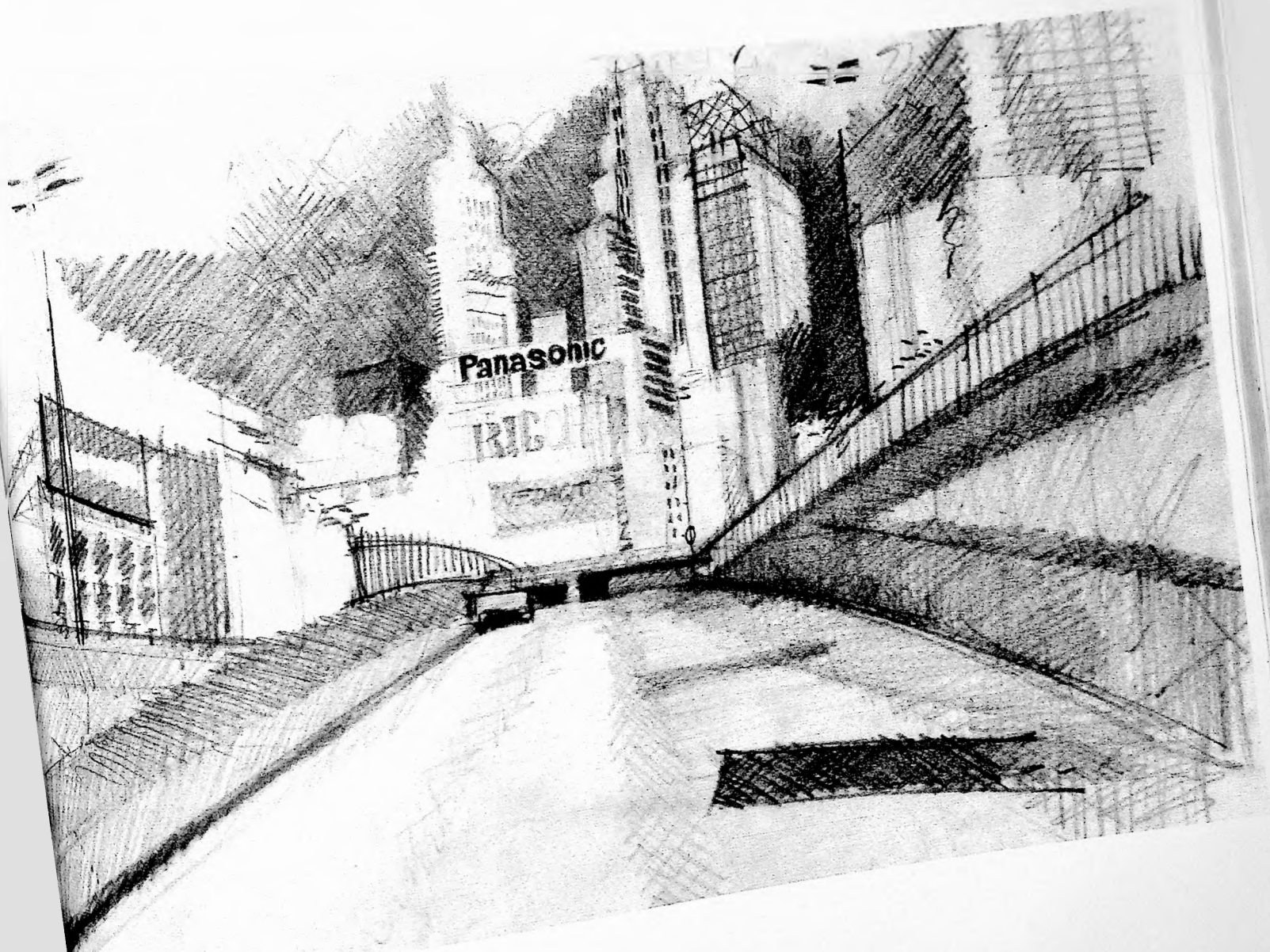


PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
AVENIDA PRESTES MAIA
MASSA EDIFICADA
VIADUTO
COMUNICAÇÃO VISUAL

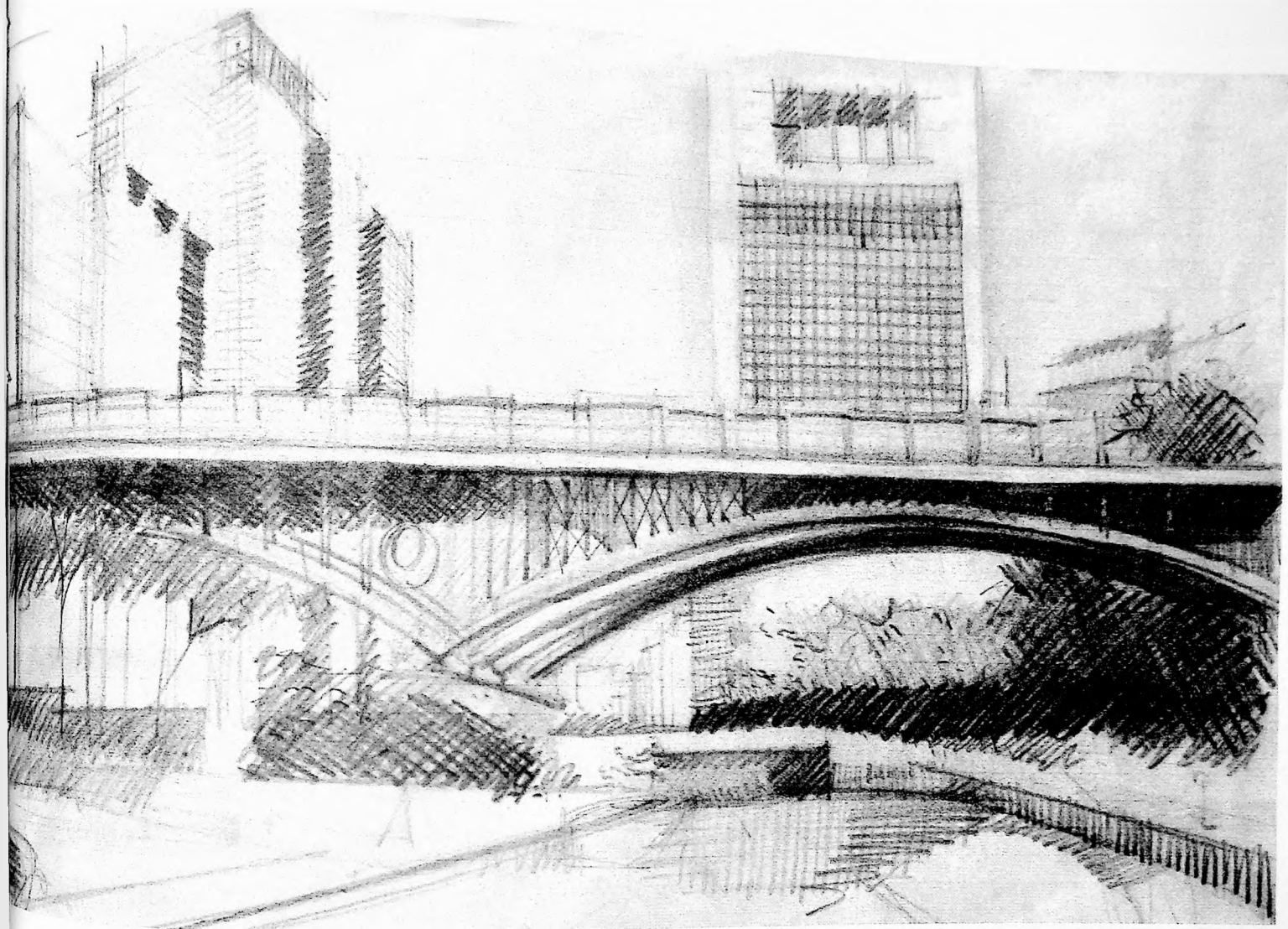


②

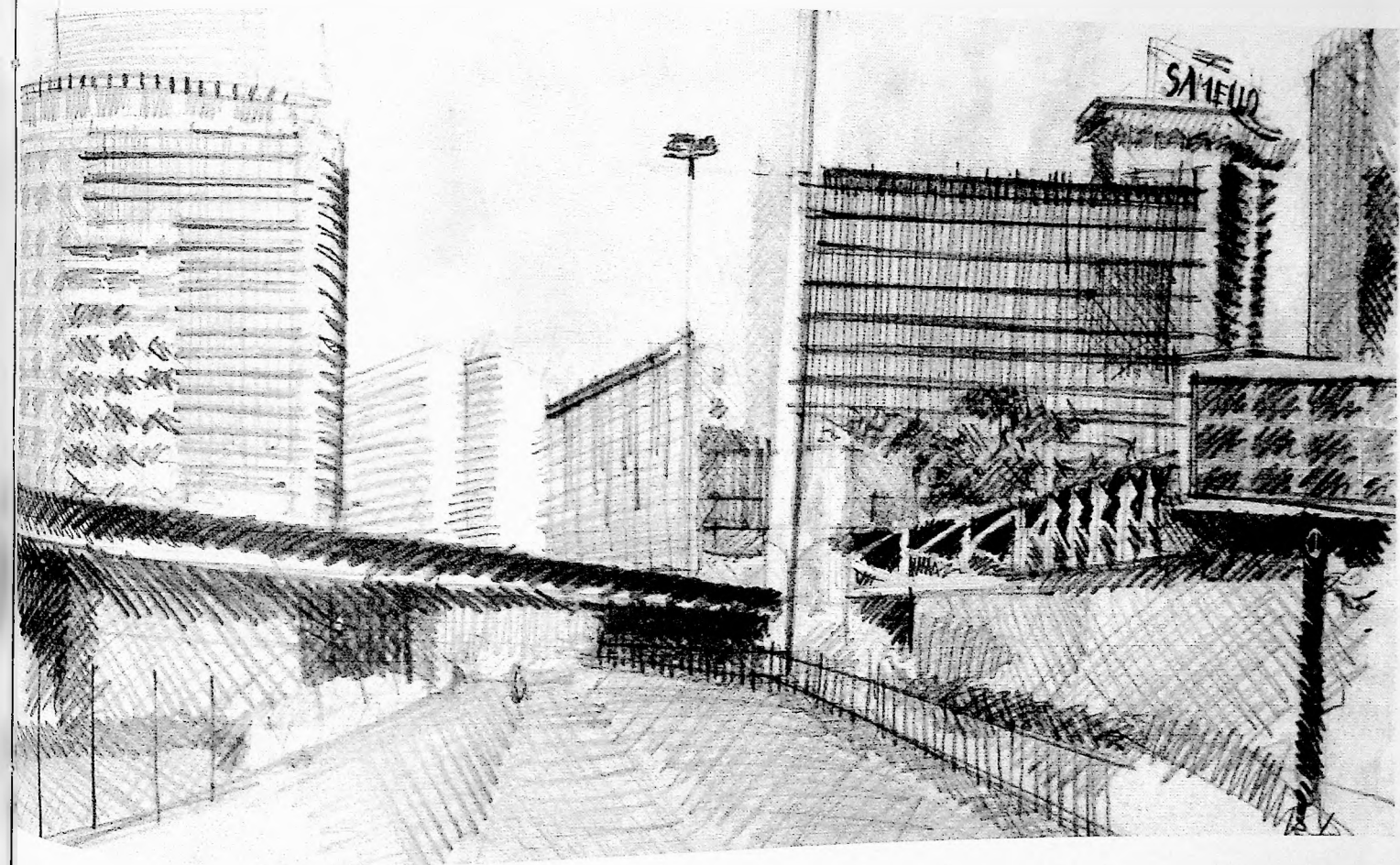
PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
AVENIDA PRESTES MAIA
MASSA EDIFICADA
VIADUTO
COMUNICAÇÃO VISUAL



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
AVENIDA PRESTES MAIA
MASSA EDIFICADA
VIADUTO
COMUNICAÇÃO VISUAL



PONTOS IMAGÍSTICOS:
VIADUTO SANTA EFIGÊNIA
VALE DO ANHANGABAÚ
MASSA EDIFICADA



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO AVENIDAS
PRAÇA DA BANDEIRA
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL

A black and white photograph of a city street. In the background, a tall, multi-story building with a grid-like facade stands prominently. To the right, a large, curved structure, possibly a bridge or an elevated roadway, spans across the frame. The foreground shows a wide street with some shadows and a few small figures in the distance. The overall scene is urban and industrial.

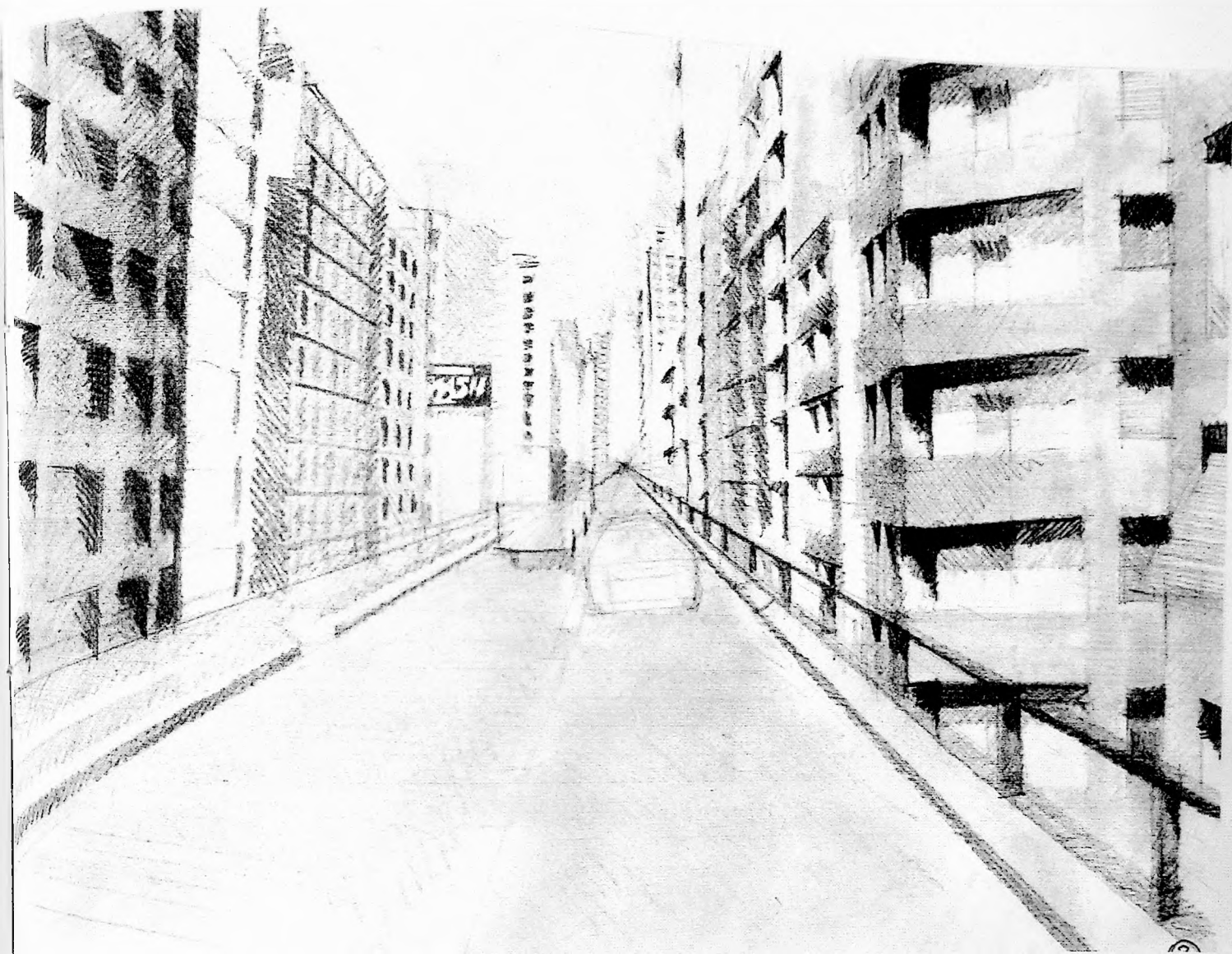
EIXO "MINHOÇÃO" | SÃO JOÃO





7

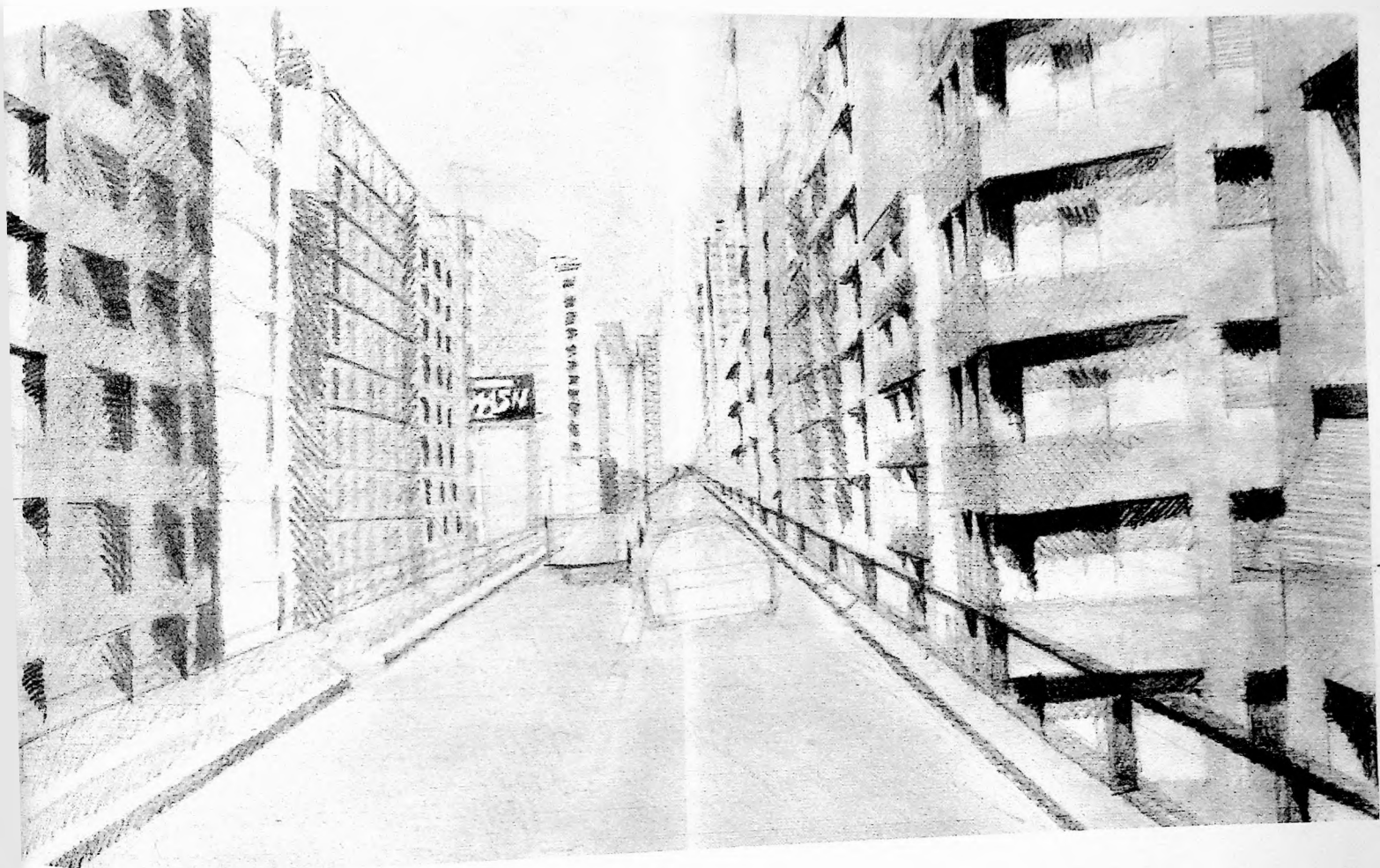
PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
MINHOÇÃO
MASSA EDIFICADA



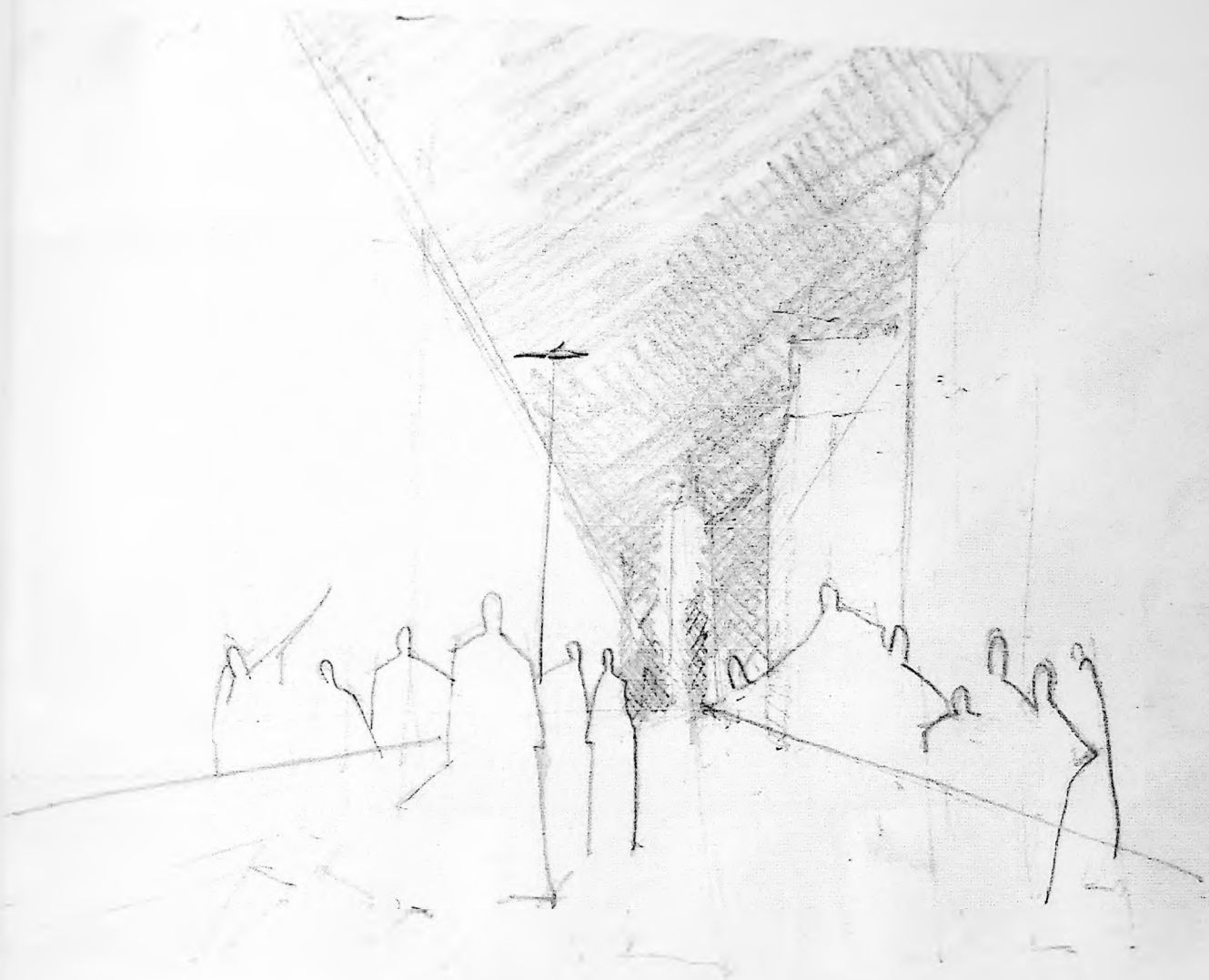
PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
MINHOÇÃO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
MINHOÇÃO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
MINHOCÃO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL

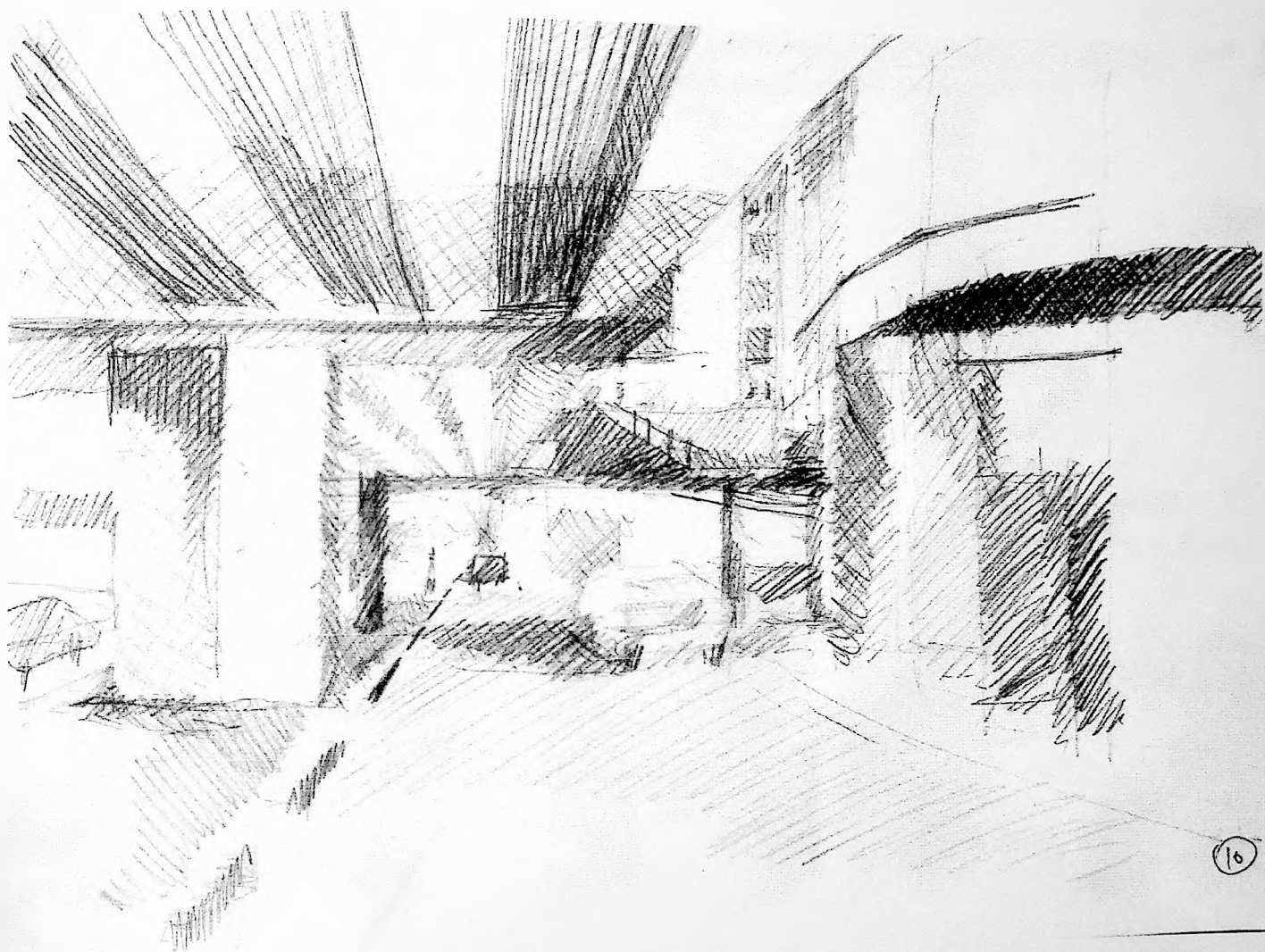


9

PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES
MINHOCÃO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL



EIXO SÃO JOÃO



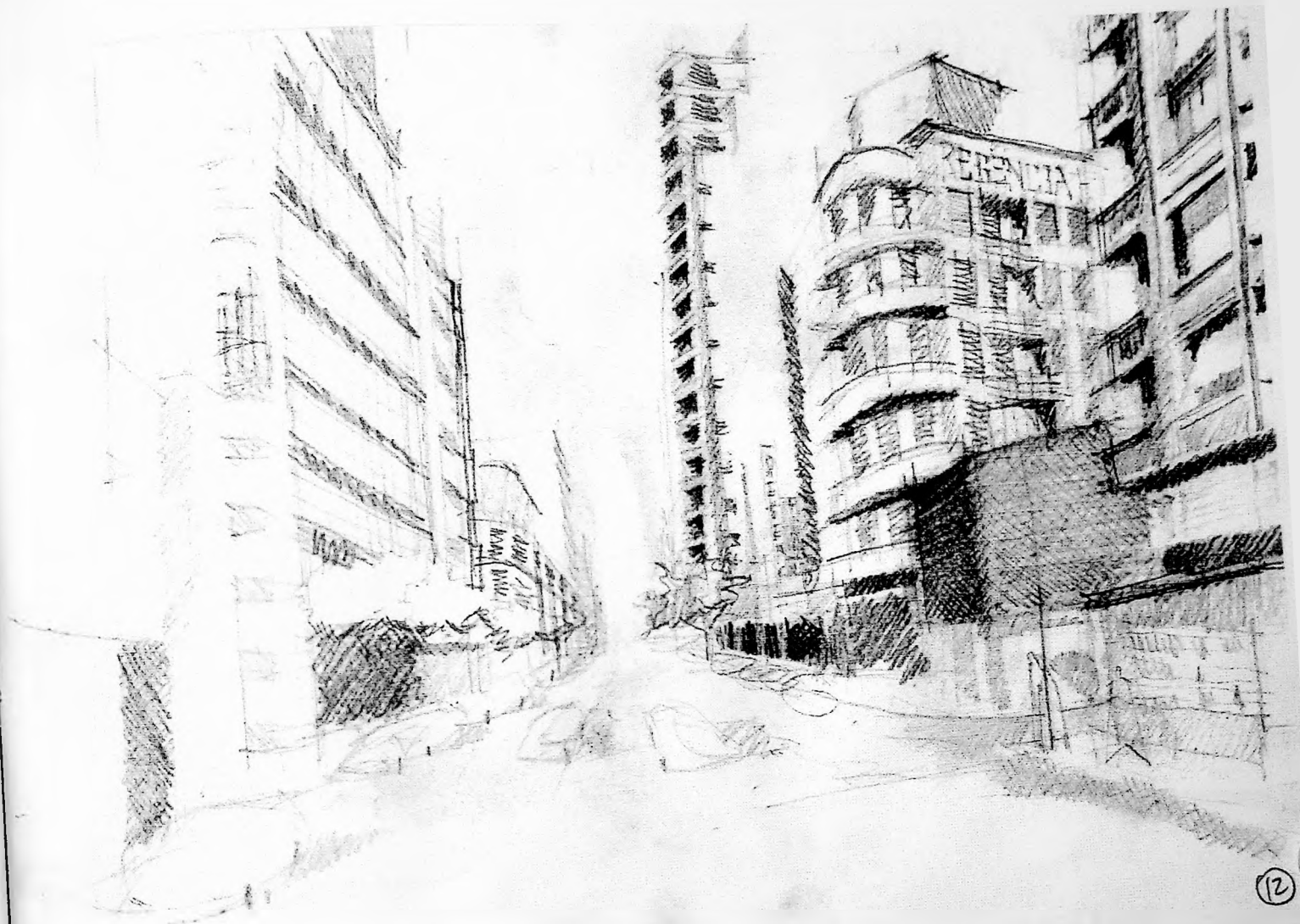
(16)

PONTOS IMAGÍSTICOS:

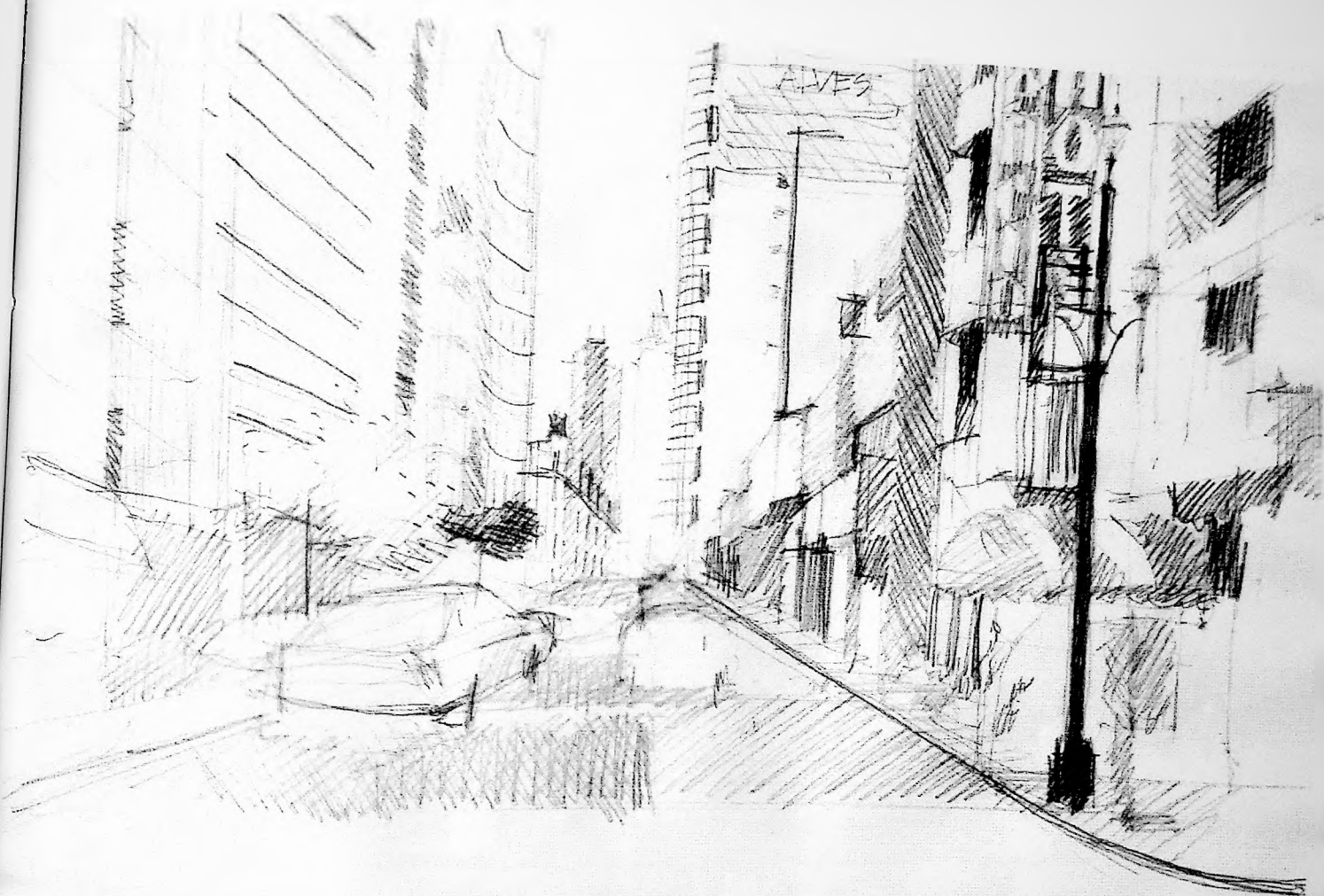
"MINHOCÃO"
MASSA EDIFICADA



PONTOS IMAGÍSTICOS:
AVENIDA SÃO JOÃO
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL



PONTOS IMAGÍSTICOS:
AVENIDA SÃO JOÃO
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL



13

PONTOS IMAGÍSTICOS:

EDIFÍCIO ALTINO ARANTES

AVENIDA SÃO JOÃO

EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO

MASSA EDIFICADA

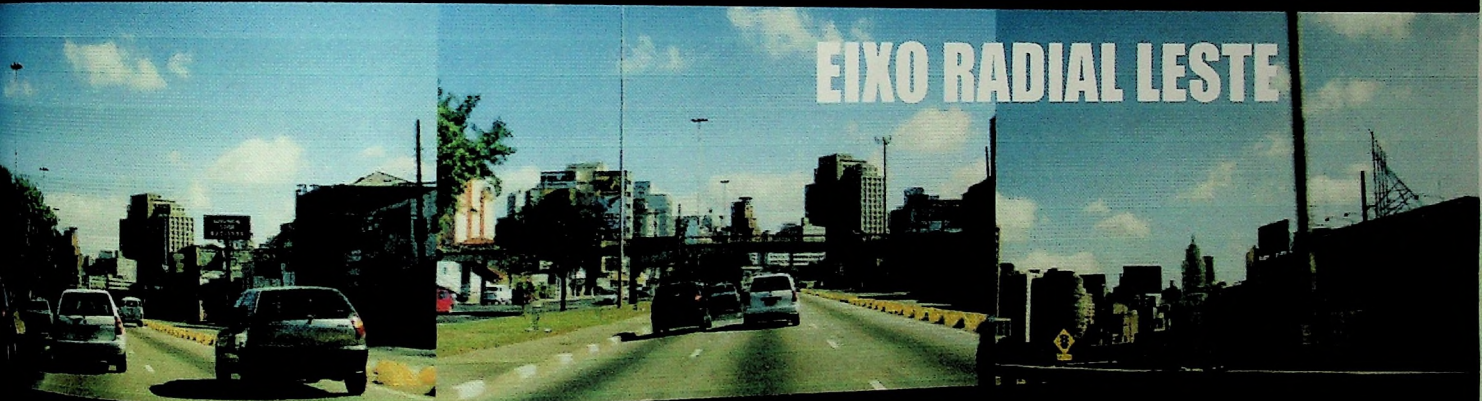
COMUNICAÇÃO VISUAL



15

PONTOS IMAGÍSTICOS:
AVENIDA SÃO JOÃO
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO
MASSA EDIFICADA
LIMITE

EIXO RADIAL LESTE



TRAFEGICOS
EIXO RADIAL LESTE
EIXO RADIAL LESTE



PONTOS IMAGÍSTICOS:

SKYLINE

EDIFÍCIO ALTINO ARANTES

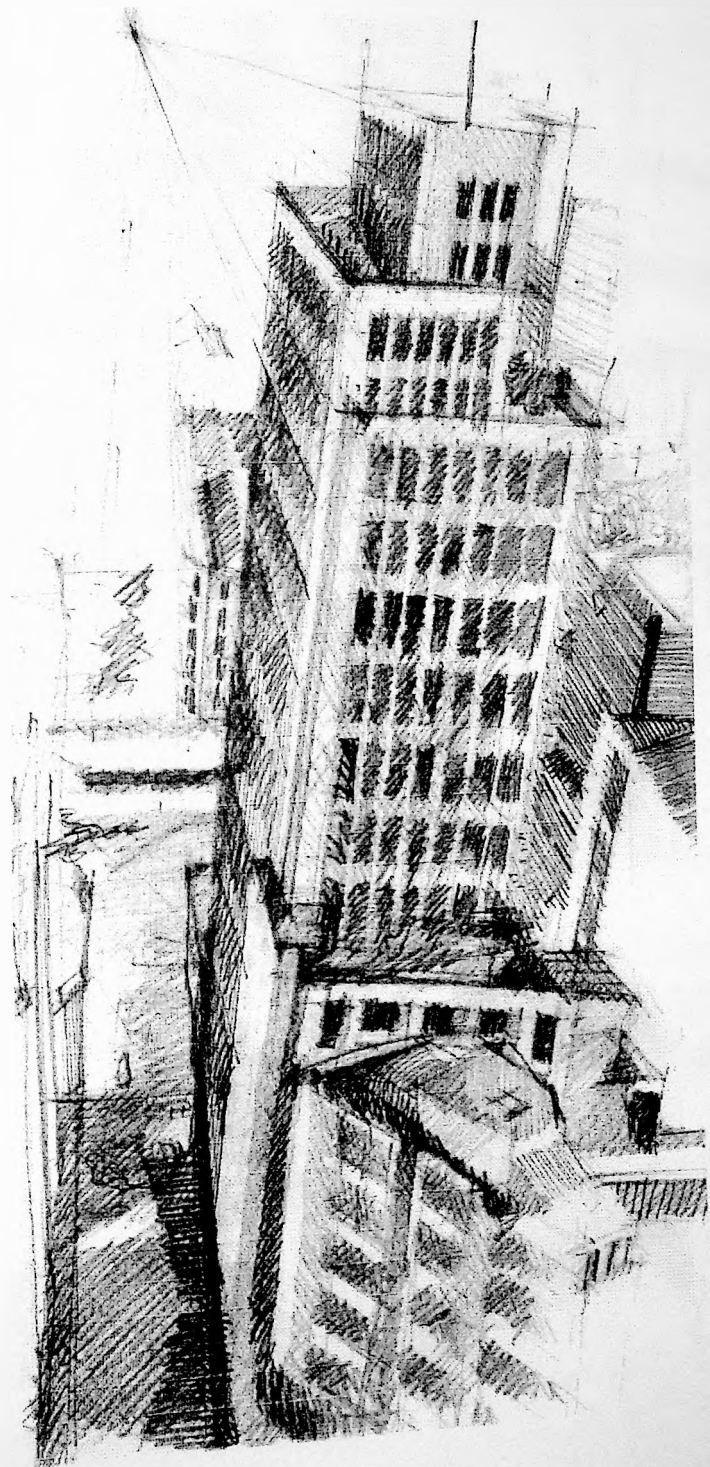
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO



CENTRO IGERALI



PONTOS IMAGÍSTICOS:
RUA 7 DE ABRIL
COERÊNCIA ARQUITETÔNICA
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL





PONTOS IMAGÍSTICOS:
PONTO IMAGÍSTICO EM SI:
EDIFÍCIO ITÁLIA

01



14

PONTOS IMAGÍSTICOS:
AVENIDA SÃO LUIS
EDIFÍCIO AVENIDAS E GALERIA METRÓPOLE
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL



20

PONTOS IMAGÍSTICOS:

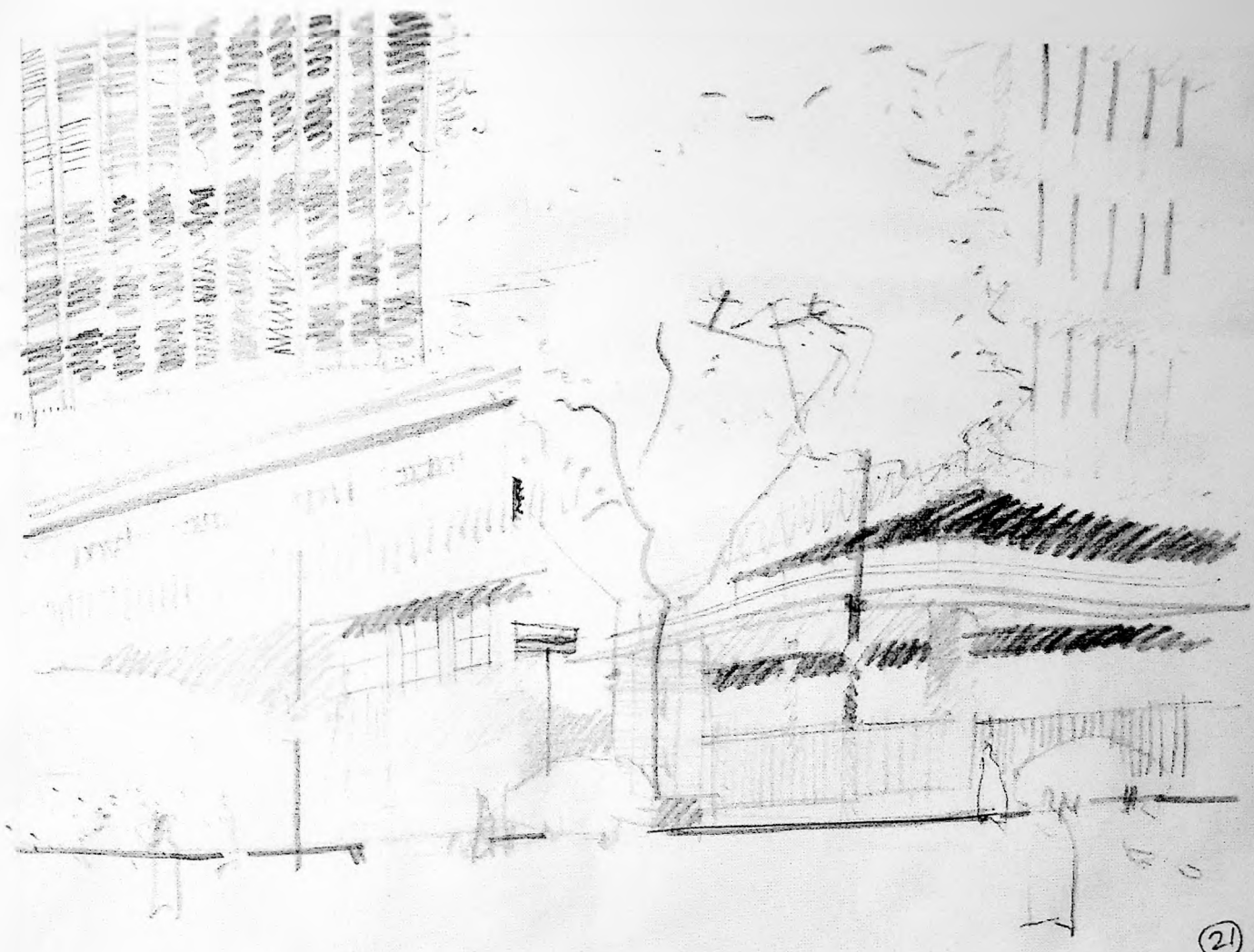
AVENIDA SÃO LUIS

EDIFÍCIO AVENIDAS E GALERIA METRÓPOLE

EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO

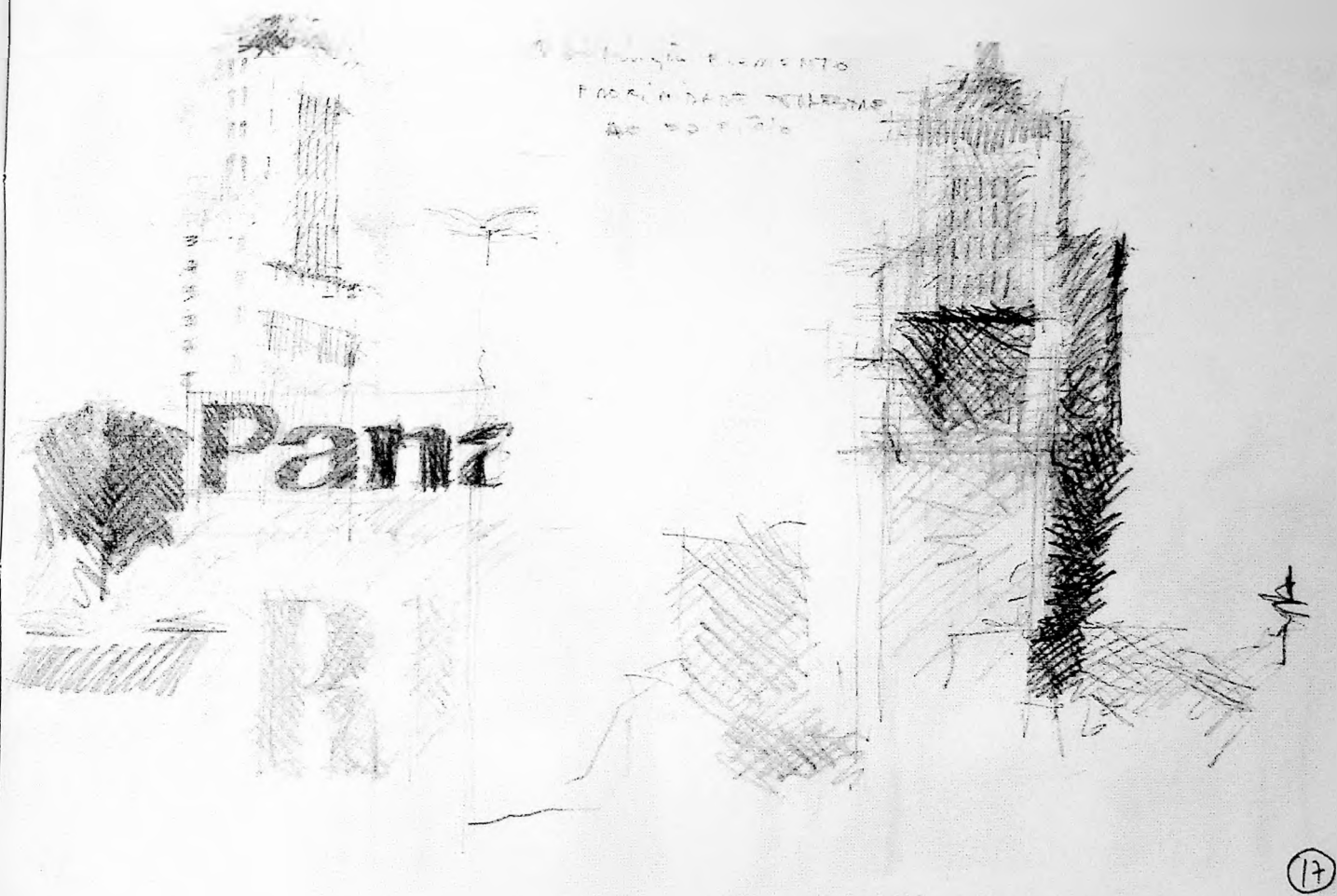
MASSA EDIFICADA

COMUNICAÇÃO VISUAL



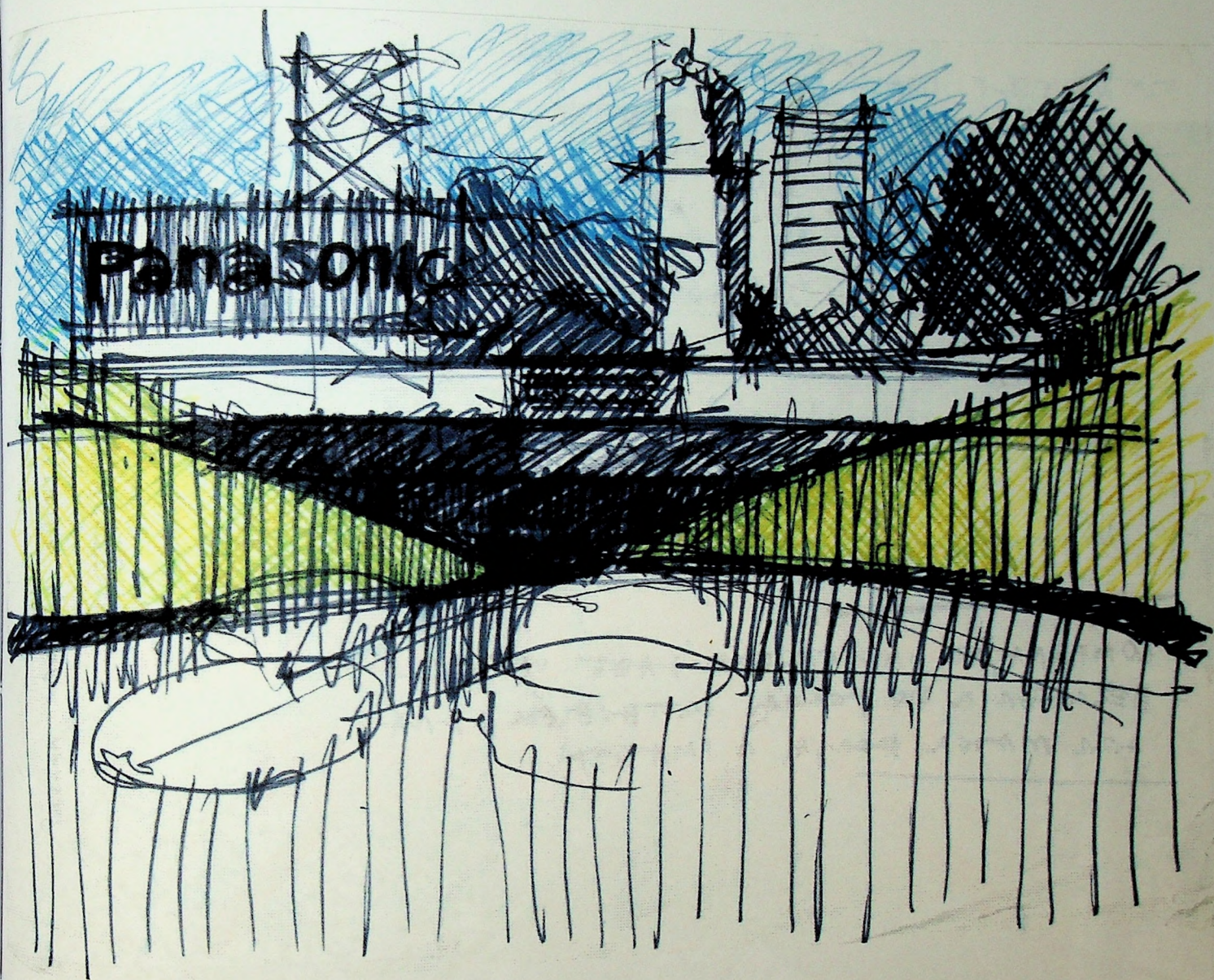


PONTOS IMAGÍSTICOS:
AVENIDA SÃO LUIS
EDIFÍCIO AVENIDAS
EDIFICAÇÕES COM VALOR HISTÓRICO
MASSA EDIFICADA
COMUNICAÇÃO VISUAL
VIA ARBORIZADA



PONTOS IMAGÍSTICOS:
PONTO IMAGÍSTICO EM SI

DESENHO DE MEMÓRIA:
COMUNICAÇÃO VISUAL E
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES



PONTOS IMAGÍSTICOS:
PONTO IMAGÍSTICO EM SI
DESENHO DE MEMÓRIA:
COMUNICAÇÃO VISUAL,
EDIFÍCIO ALTINO ARANTES E
VIADUTO

**DELIMITAÇÃO ÁREA PESQUISA
AVENIDA PAULISTA**

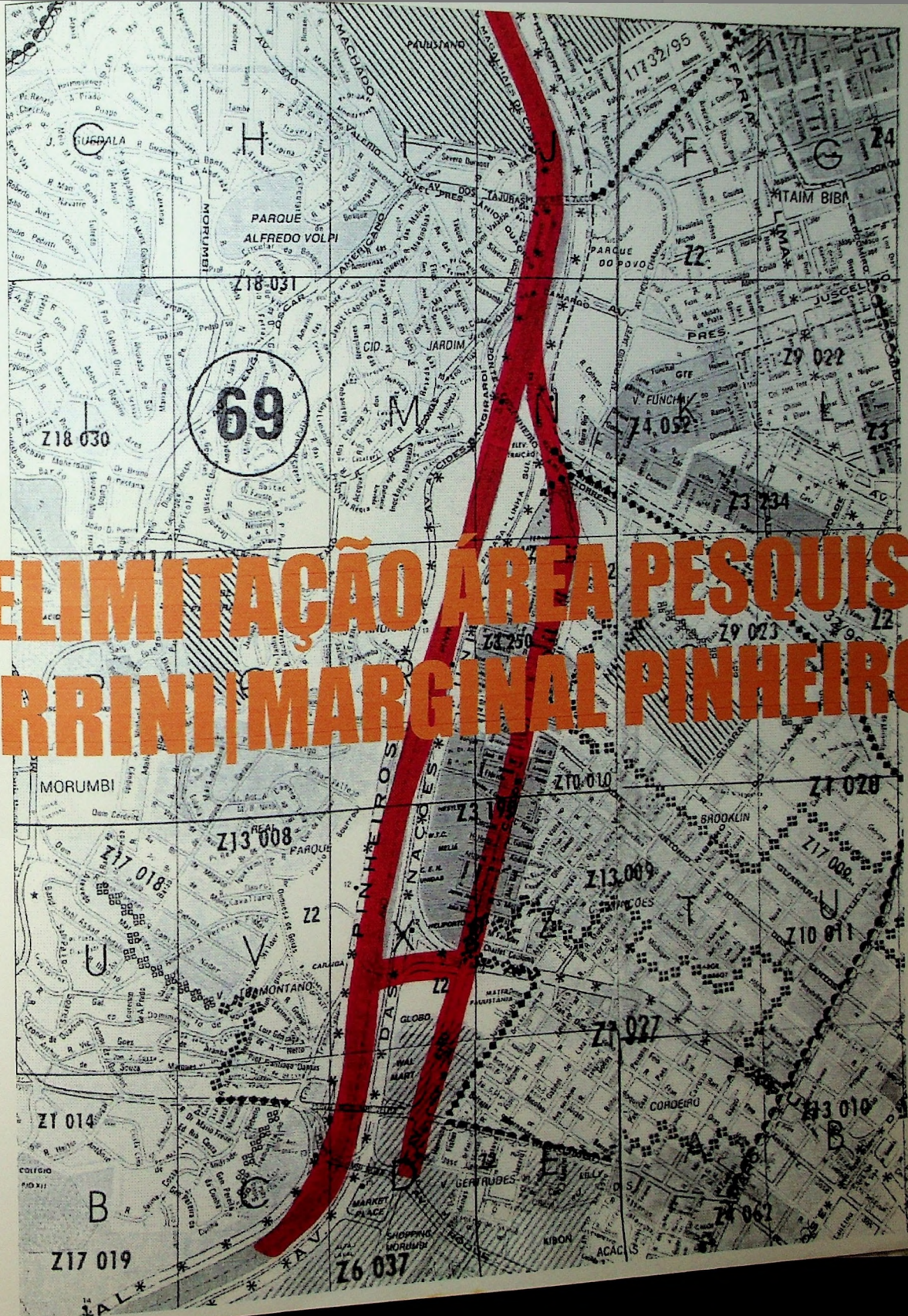
AVENIDA PAULISTA





PONTOS IMAGÍSTICOS:
AVENIDA PAULISTA
EDIFÍCIO FIESP
COMUNICAÇÃO VISUAL

DELIMITAÇÃO ÁREA PESQUISA BERRINI, MARGINAL PINHEIROS

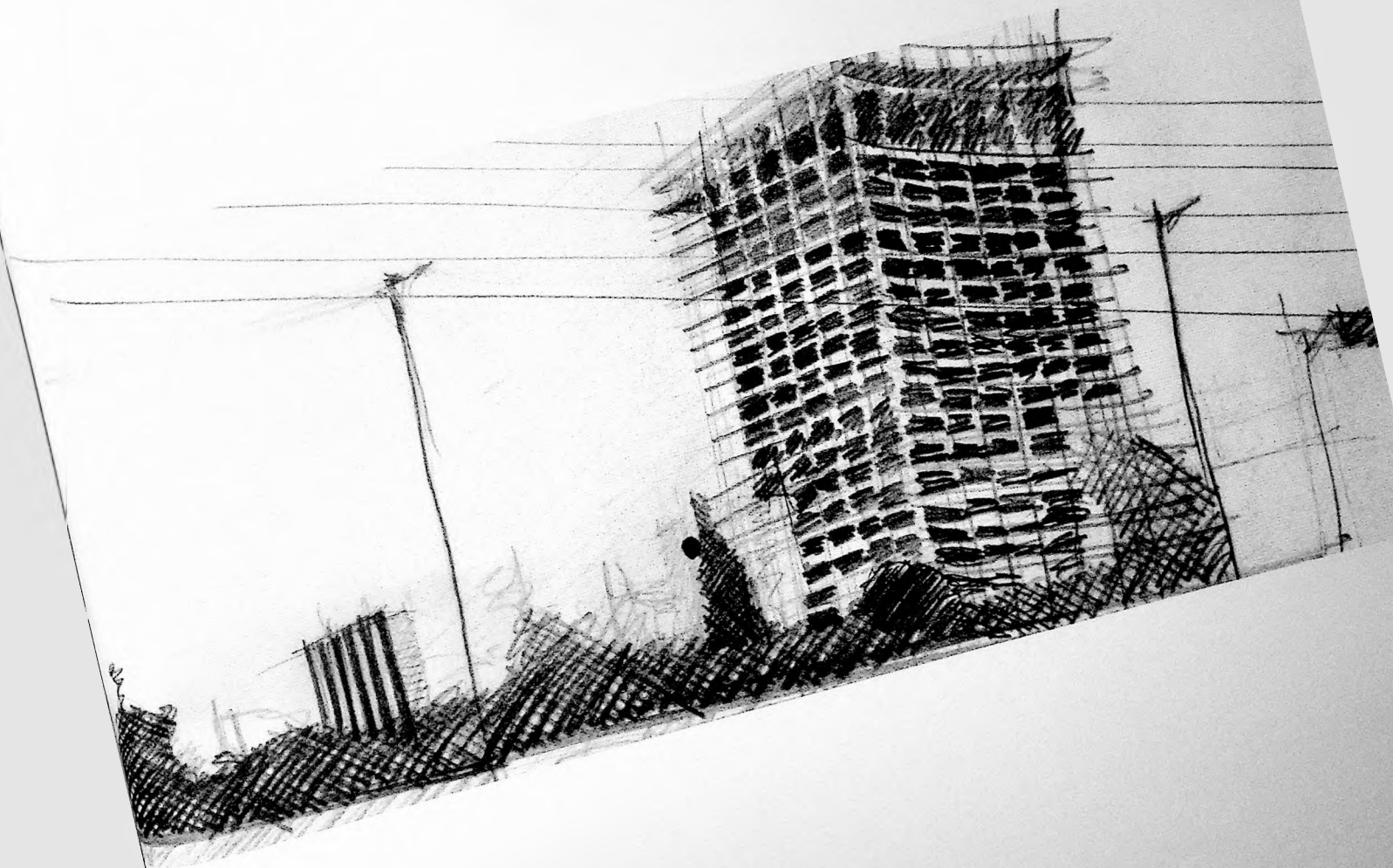


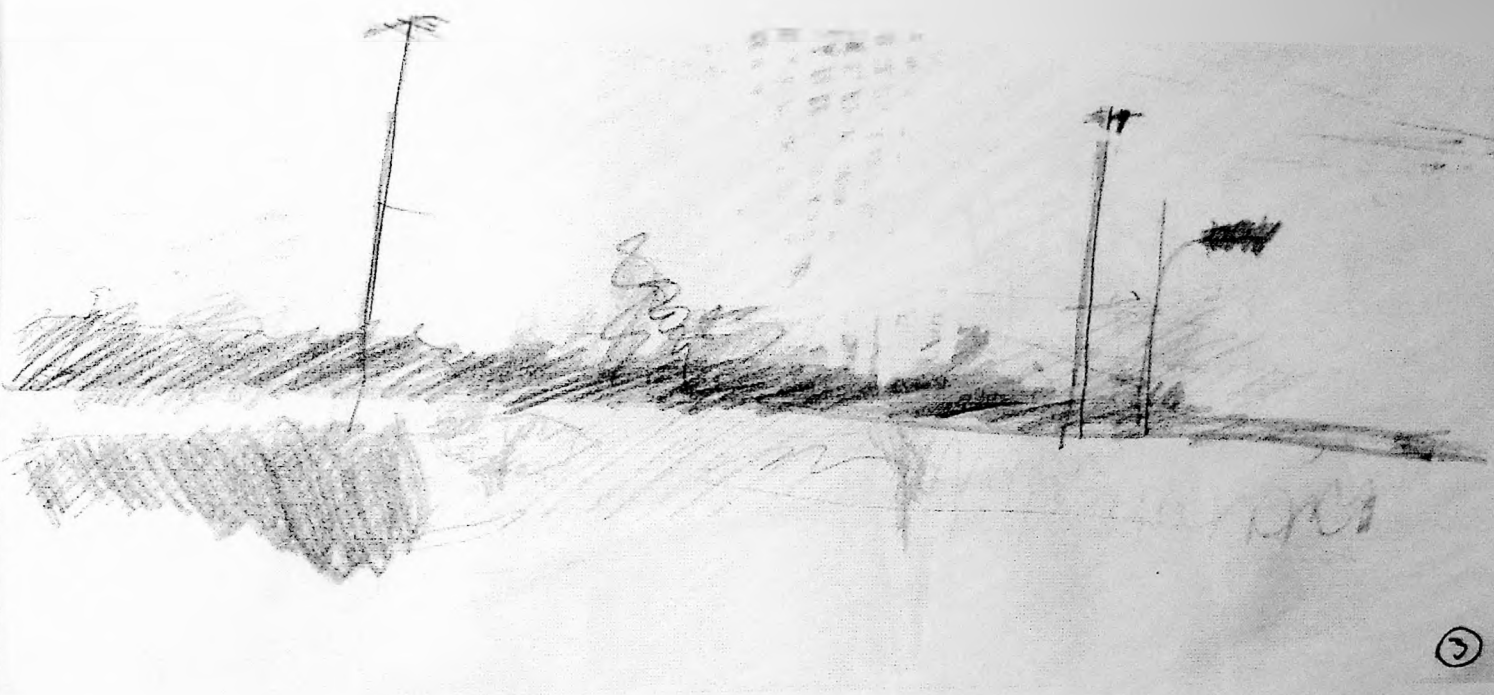


UNTOS IMAGÍSTICAS
PARA LINA
NOVA EM TRANSIÇÃO



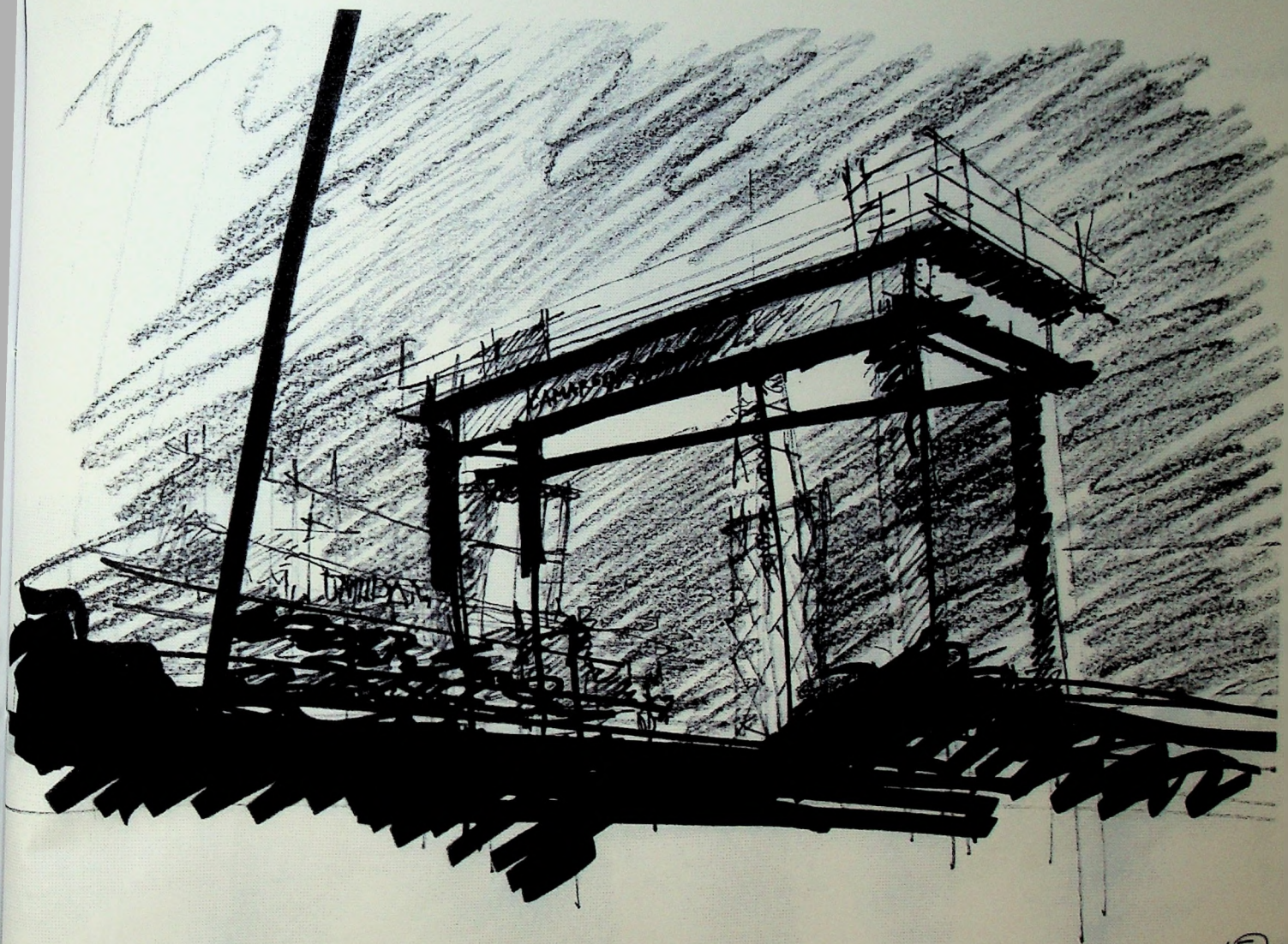
PONTOS IMAGÍSTICOS:
FARIA LIMA:
IMAGEM EM TRANSIÇÃO





3

CONTOS IMAGÍSTICOS:
PLATAFORMA
RUA
PASSARELADA
MITE DO PINEIROS



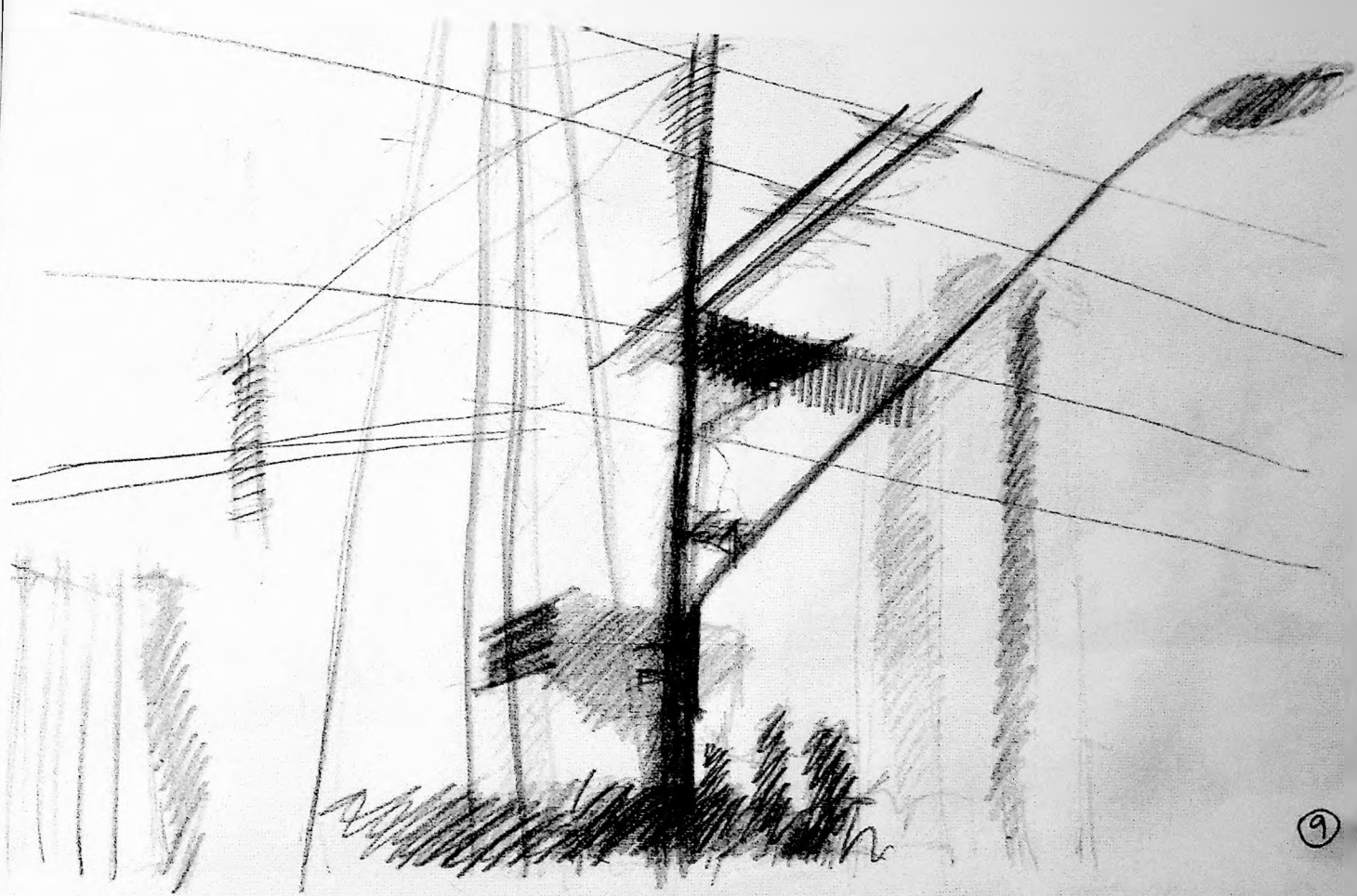
(5)

PONTOS IMAGÍSTICOS:
PLATAFORMA
FIAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS



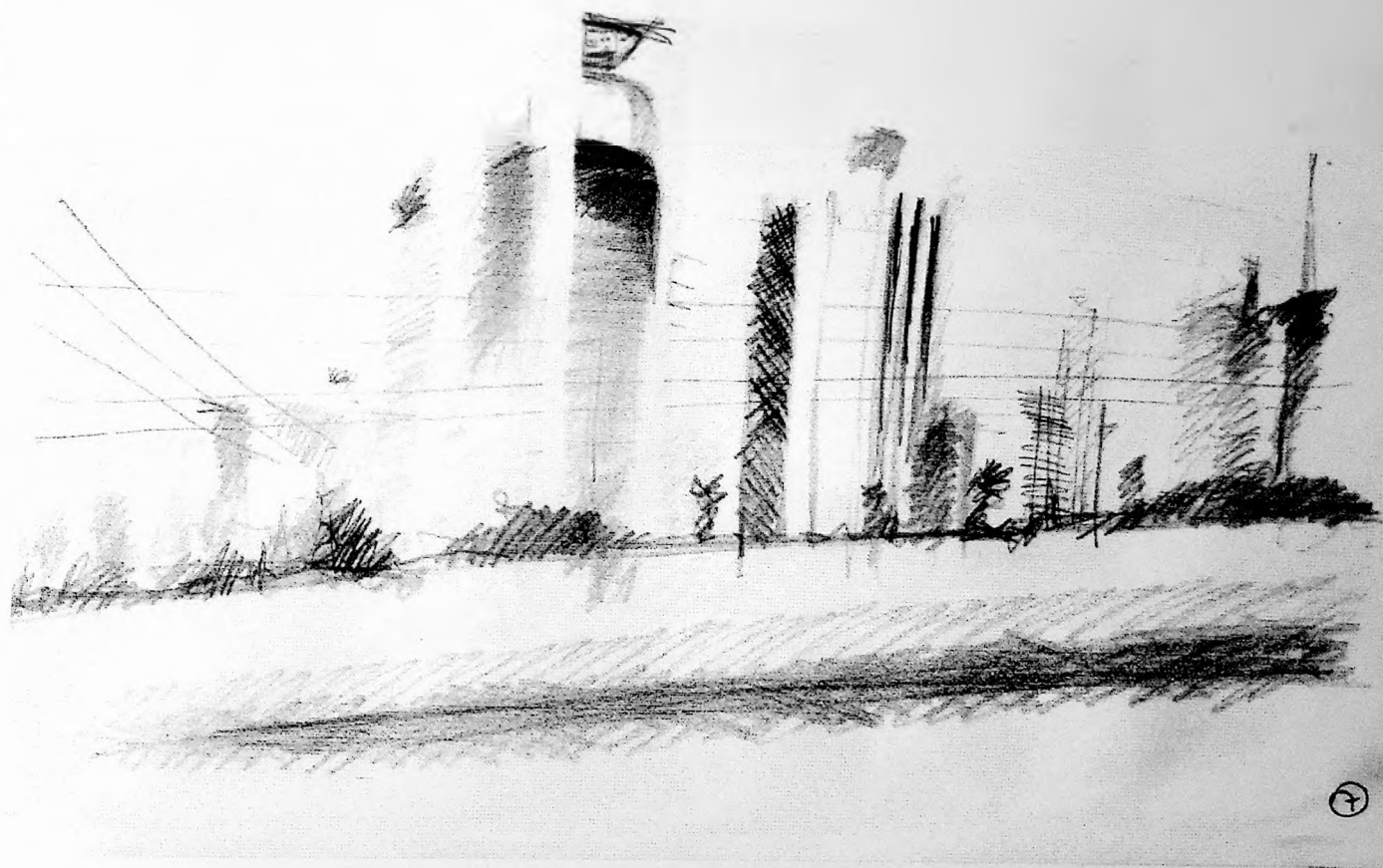
6

PONTOS IMAGÍSTICOS:
PLATAFORMA
DEFINIÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS

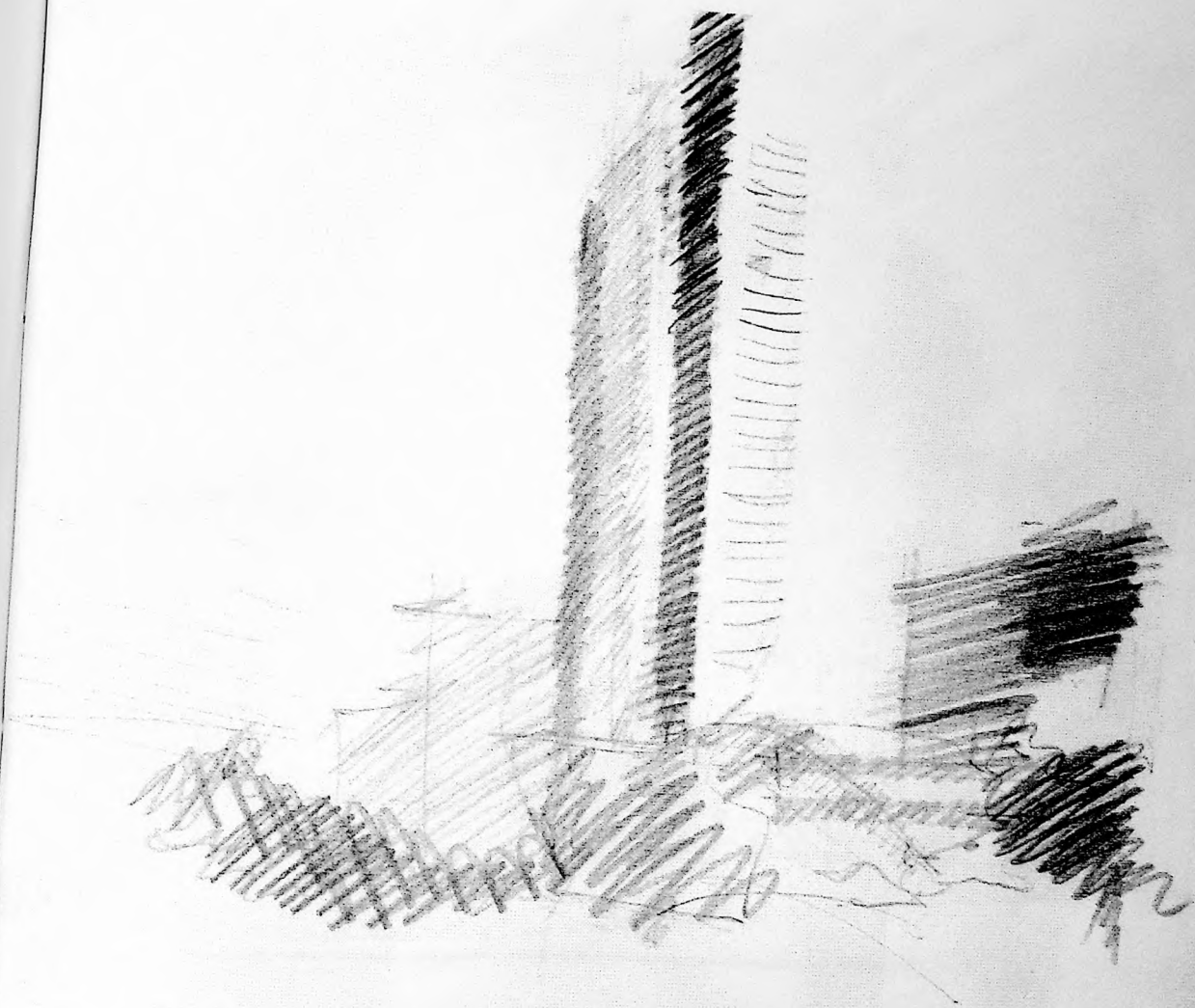


9

PONTOS IMAGÍSTICOS:
FIAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS
FIAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS

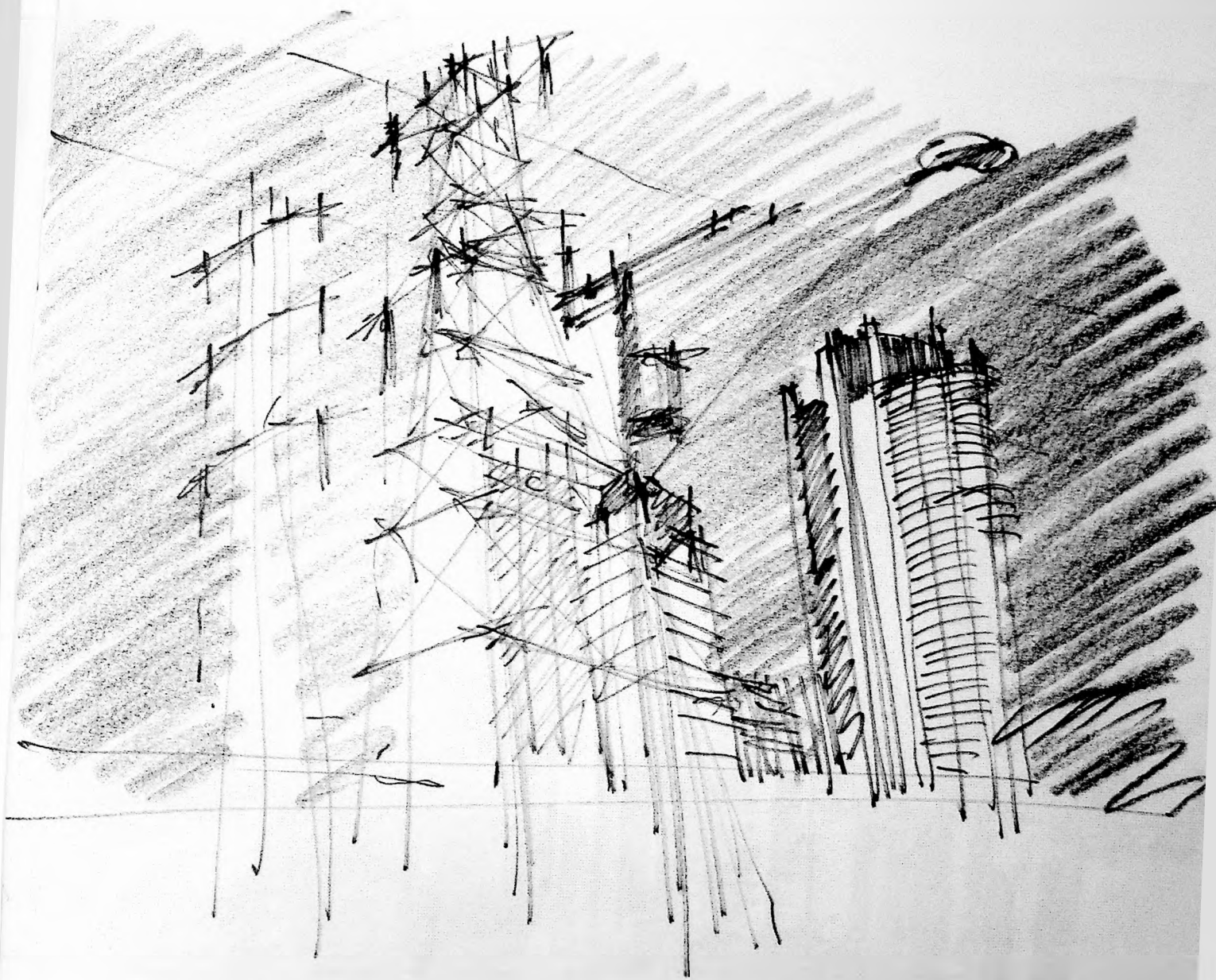


13

PONTOS IMAGÍSTICOS:
BANCO DE BOSTON
EDIFÍCIO REPRESENTATIVOS
FIAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS



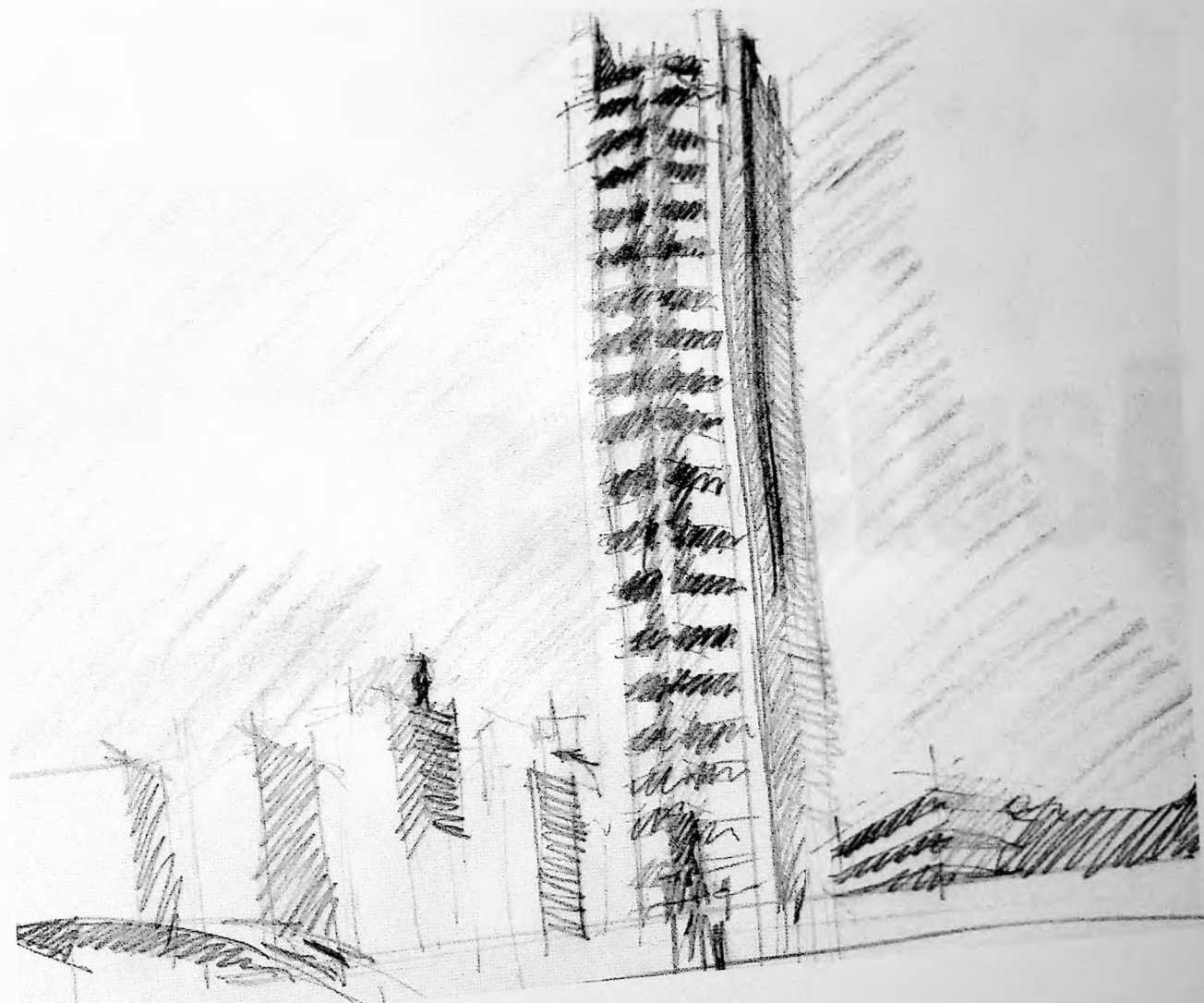
PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS
FIAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIO REPRESENTATIVOS
FIAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS: ROBOCOP
ESTAÇÃO TREM
PREFABRICAÇÃO
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS



PONTOS IMAGÍSTICOS:
EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS: ROBOCOP
ESTAÇÃO TREM
INFRAESTRUTURA
MASSA EDIFICADA
LIMITE: RIO PINHEIROS

CONCLUSÃO

Principais Pontos Imagísticos	Edificações de valor histórico, "obras de arte" públicas (viadutos, etc), excessivas comunicações visuais;	Edificações de alto porte (início 70), a própria avenida, comunicações visuais existente;	Edifício se alto porte, alta tecnologia (principalmente anos 90), os próprios eixos, comunicação visual;
Indicador Axioma Índicio Cultural	Formação "Triângulo Histórico" – Elites;	Formação área – elite; alto poder aquisitivo;	Globalização – Especulação;
Indicador Corolário Mudança Cultural	Migrações, Expansões, Obras Públicas;	Década 40 verticalização – década 70;	Década 70 – Década 90;
Indicador Corolário Regional	São Paulo – Centro;	São Paulo – Av. Paulista;	São Paulo – Berrini;
Indicador Corolário Convergência	Vide Pontos Imagísticos com exceção de edificações históricas e características individuais de cada área;	Internacionalização década 70 – mas com personalidade nacional;	Internacionalização anos 90;
Indicador Corolário Difusão	Por imitação – início do século XX até anos 40;	Idem;	Idem;
Indicador Corolário do Gosto	Maior concentração interclasses;	Concentração interclasses;	Concentração interclasses menor mas com pontos conflitantes;
Indicador Axioma Unidade Cultural e Igualdade Paisagística	Maior concentração de diversidade tipológica cultural – Alta vitalidade nas ruas;	Concentração de diversidade cultural – Alta vitalidade nas ruas;	Baixa concentração de diversidade tipológica; Baixa vitalidade nas ruas; cultural
Indicador Axioma das Coisas Comuns	Paisagem vernacular mais predominante;	Presença vernacular com tentativas de contensão;	Paisagem vernacular pontual;
Indicador Axioma Histórico	Vide leitura teórica;	Vide leitura teórica;	Vide leitura teórica;
Indicador Corolário Quantidade Histórica	Anos 30 – metropolização; Anos 50 – grandes intervenções viárias;	Início século – Crise de 1929 – Década de 50 (verticalização) – Década 70	Anos 70 – Predominantemente 90;
Indicador Corolário Mecânico	Condizente início do século adiante;	Anos 70 adiante – concreto armado	Condizente anos 90 – Tecnológico;
Indicador Axioma Geográfico (ou Ecológico)	São Paulo	São Paulo	São Paulo;
Indicador Axioma Controle Ambiental	São Paulo	São Paulo com algumas inserções tecnológicas de adaptação	São Paulo – Tecnologia;
Indicador Axioma Obscuridade Paisagem	Paisagem vernacular mais predominante;	Paisagem vernacular existente mas com tentativas de contensão;	Baixa paisagem vernacular;

Conforme colocado anteriormente, no decorrer deste trabalho - as Leituras das Paisagens Culturais Urbanas das áreas - Centro, Paulista e Berrini - recebem nesta conclusão, o embasamento das teorias colocadas para a leitura das imagens desenvolvidas, as abordagens teóricas sobre as áreas em si e a própria leitura das imagens - cujo resultado está apresentado no Diagrama de Leitura das áreas.

Decorrido da própria formação histórica, social e política das três distintas áreas, as leituras apresentam resultados divergentes; contudo são claras as convergências ou proximidades por, sobretudo, estarmos lidando "virtualmente" com uma expansão de áreas em vertente sudoeste e não uma fragmentação por completa multinucleada.

E, além disso, como abrangido por várias teorias, principalmente as dos Axiomas para a Leitura da Paisagem Cultural de Lewis (1979) - em primeiro lugar estamos trabalhando com três áreas distintas mas de uma mesma cidade: de São Paulo; e que fornece, pelo menos em hipótese, uma relativa igualdade geográfica e ambiental. Mas como colocado pelo Corolário Regional: cada área é uma dada área específica com todas as suas especificidades intrínsecas. Cada área tem um conjunto de características que formam aquilo que é a própria área - um conjunto de características que formam ou facilitam a formação da imagem pública de cada uma como colocado adiante.

O Centro, no trecho abordado, apresenta como pontos imagísticos: **edificações** de grandioso valor histórico e qualidade estética (dada a sua própria formação) - em alguns trechos os edifícios se compõem em grandes massas edificadas (devido à relação espaço e tempo de implementação); **obras públicas** (principalmente viadutos e avenidas abertos após o Plano de Avenidas) que aparecem, por exemplo, no caso do trecho do Anhangabaú, no "Minhocão" (onde o próprio minhocão constitui um ponto imagístico) e as próprias vias. Outro enfoque acentua as excessivas **comunicações visuais** (poluição) e atividades informais oriundos e/ou concomitantes ao processo de degradação.

Resumindo, a leitura da paisagem do Centro, no trecho específico, reflete a imponência das edificações até a década de 40, com incursões de grandes obras viárias, excessivas comunicações visuais, grande contingente populacional, práticas informais cotidianas, paisagem vernacular predominante, maior concentração interclasses, maior concentração de diversidade tipológica cultural e alta vitalidade nas ruas.

Pela leitura dos desenhos de memória pode-se notar que os elementos vernaculares ou elementos comuns na paisagem às vezes podem compor pontos de referência de maior representatividade do que os pontos imagísticos formais esperados, dadas dinâmica e diversidade encontradas na área.

As **edificações** de grande representatividade (implantadas principalmente no início da década de 70) na Paulista constituem sem dúvida, fortes pontos imagísticos quando isoladas - Conjunto Nacional,

Gazeta, Edifício da Fiesp, MASP... e também enquanto massa edificada que caracteriza a Paulista da forma que ela é hoje - como ocorrido no Centro, mas com um comprometimento com o ideal funcionalista e alguns raros exemplos pós-modernos; apresentando ainda, degradação evolutiva principalmente nos edifícios residenciais. A própria avenida "símbolo da cidade" como **obra pública** (fruto inicial de um empreendimento imobiliário, mas com constante intervenções e apoios de ordem pública) representa e sempre representou um ponto imagístico. Frutos da possível degradação nota-se a existência de pontos de excesso de **comunicação visual** e atividades **informais**; porém a área apresenta alta vitalidade das ruas impostas por concentração interclasses, diversidade cultural, presenças vernaculares com tentativas de contensão e maior presença vernacular e de diversidades principalmente nas ruas perpendiculares com ênfase na Rua Augusta.

O caso da Berrini / Marginal Pinheiros possui na sua constituição o repleto espectro de edificações provenientes do processo de especulação qualitativa já discutida. Os eixos Berrini / Marginal possuem também **edifícios** isolados como pontos imagísticos; como por exemplo, o WTC, o "Robocop" e o Banco de Boston. As **vias** públicas – Marginal, Berrini e Águas Espraiadas – também por si próprias representam pontos Imagísticos. O elenco imagístico ainda compreende um limite (Lynch: 1997) físico – o Rio Pinheiros. O excesso de **comunicação visual** desordenada também está presente, principalmente na Berrini, mas de forma mais contida; na Marginal a comunicação visual já se apresenta mais ordenada figurando de forma mais forte o *skyline* dos edifícios. Contudo a área ainda apresenta resquícios de uma antiga ocupação apresentando em algumas áreas saltos amplos de diversidade social; e de uma forma oportuna de sobrevivência, os vendedores informais estão presentes principalmente nos faróis diversificando a paisagem cultural, porém, a área apresenta baixa vitalidade nas ruas.

Desta forma, mesmo que todas as áreas possuam elementos tipológicos semelhantes para pontos imagísticos – por exemplo, todas possuem edifícios e massas edificadas que caracterizam uma área – eles representam cada local com sua dada característica, pois cada ponto imagístico de cada área teve uma formação diversa. Talvez, numa hipótese, algumas semelhanças guardem as características que representam as centralidades de uma metrópole contemporânea – com grandes obras viárias, edifício com arquitetura marcante, poluição visual - talvez representem as centralidades de São Paulo, mas cada uma delas de forma unitária, representam um local da cidade de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- CERTAU, MICHEL DE. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- CHASE, JOHN; CRAWFORD, MARGARETH; KALISKI, JOHN. *Everyday Urbanism*. New York, The Monacelli Press, 1999.
- CULLEN, GORDON. *Paisagem urbana*. Coleção Arquitectura e Urbanismo – no.1. Portugal, Edições 70, Lta.
- DAVIS, MICHAEL. *Fortress Los Angeles: The Militarization of Urban Space*. New York, Hill and Wang, 1992.
- FRÚGOLI JR., HEITOR. *Centralidade em São Paulo – Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo, Edusp, 2000.
- GOSLING, DAVID. *Gordon Cullen – visions of urban design*. London, Academy Group Ltd, 1996.
- HARVEY, DAVID. *Condição Pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 8ª edição, 1999.
- JACKSON, J. B. *The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographic Essays*. New York, Oxford University Press, 1979.
- JACOBS, JANE. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- LYNCH, KEVIN. *A imagem da cidade*. São Paulo, 1997, Martins Fontes.
- TSCHUMI, BERNARD. *Event Cities (Praxis)*. EUA, MIT Press, 1994. VENTURI, ROBERT. *Learning from Las Vegas: The forgotten symbolism of architectural form*. EUA, MIT Press, 1977.

Artigos de jornais e revistas

- FERREIRA, A. *Arquiteto quer programa para conter favelas*. Jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05/07/1999, C2.
- GANDINI, G. *Lo zippo di Folon*. Revista Abitare, Itália, Outubro de 1998, p.156 e 157.
- MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI. *De Perto e de Dentro: Notas para uma Etnografia Urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 17, no. 49, junho de 2002, p.11 a p.29 e p.166.
- MASSARI, L. *Arte in città – Megaposis di Folon*. Revista Abitare, Itália, Outubro de 1998, p.155, 156, 222.
- SCHNELL, A. *Progetti urbani, Aubervilliers*. Revista Domus, Itália, Março de 1997, p.48-p.51.
- TSCHUMI, B. *Arquitetura de Eventos*. Revista Architectural Digest, EUA. Versão traduzida, em cópia para uso didático sem indicação de páginas e edição.
- Texto sobre Jorge Wilhelm – Veja São Paulo. Versão em cópia para uso didático sem indicação de páginas e edição.